

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE HISTÓRIA**

VERÔNICA TELES DOS SANTOS SILVA

BENZEDEIRAS DE GOIÁS: RESISTÊNCIA E MEMÓRIA POPULAR

GOIÂNIA

2022

VERÔNICA TELES DOS SANTOS SILVA

BENZEDEIRAS DE GOIÁS: RESISTÊNCIA E MEMÓRIA POPULAR

Monografia para Conclusão de Curso
apresentado à banca examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de Goiás
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciatura em História.

Orientadora: Profa. Dra. Rosemary Francisca
Neves Silva

GOIÂNIA

2022



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO

ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES

CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos sete dias do mês de Dezembro de 2022, entre as 18h45 e as 20h15, na Sala 105 da Escola de Formação de Professores e Humanidades da PUC Goiás, ocorreu a solenidade de defesa do Trabalho Monográfico:

BENZEDEIRAS DE GOIÁS: RESISTÊNCIA E MEMÓRIA POPULAR

apresentado pelo(a) discente **Verônica Teles dos Santos Silva**, aluno(a) do Curso de Licenciatura em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Compuseram a Banca Avaliadora a Profa. Dra. **Rosemary Francisca Neves Silva**, o Prof. Dr. **Eduardo Gusmão de Quadros** e a Profa. Dra. **Carolina Teles Lemos**, sob a presidência da primeira.

Após quinze minutos conferidos à apresentação do Trabalho Monográfico, a Banca Avaliadora expôs suas considerações sobre a apresentação do candidato e os resultados de pesquisa alcançados pelo Trabalho de Conclusão de Curso, conferindo ao(à) estudante oportunidade de responder aos questionamentos dos Avaliadores. A seguir, a Banca Avaliadora passou a julgamento em sessão secreta.



Após as observações do(a) orientador(a) e os apontamentos do membro avaliador, foram atribuídas as seguintes notas:

Orientador(a): 10,0;

Avaliador(a) Convidado(a): 10,0.

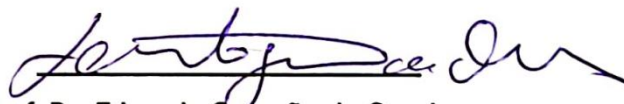
Avaliador(a) Convidado(a): 10,0.

Considerando que o(a) discente **Verônica Teles dos Santos Silva** respondeu satisfatório aos questionamentos apontados pela Banca Avaliadora, o(a) candidato(a) foi considerado **APROVADO** na Defesa do Trabalho Monográfico, obtendo Conceito A.

Goiânia, 07 de Dezembro de 2022.



Profa. Dra. Rosemary F. N. Silva
Presidente/Orientadora



Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros
Membro Avaliador



Profa. Dra. Carolina Teles Lemos
Membro Avaliador



*Eu sou a luz das estrelas
Eu sou a cor do luar
Eu sou as coisas da vida
Eu sou o medo de amar
Eu sou a vela que acende
Eu sou a luz que se apaga
Eu sou à beira do abismo
Eu sou o tudo e o nada.
(Raul Seixas, 1974).*

DEDICAÇÃO

Dedico esse trabalho, a todos aqueles que foram e são esquecidos na história, como uma forma de resgatar a história dos marginalizados. Dedico também a minha avó Constância Mariana dos Santos, grande influenciadora dessa pesquisa que ajudou tantas pessoas com suas orações e seus benzimentos, e a todas as mulheres benzedoras que lutam pela resistência e permanência das tradições populares. Saibam que vocês não estão esquecidos(as). A todos aqueles que acreditaram e também os que não acreditaram. A Pontifícia universidade Católica de Goiás, e seu quadro de professores por terem me preparado e transmitido tantos conhecimentos importantes para minha vida. A OVG e CAPES por terem me proporcionado a realização dos meus estudos com bolsas (PROBEM e RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA) sem as mesmas não teria concluído os meus estudos.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado forças até aqui nessa longa jornada. Aos meus pais Alnerita Teles dos Santos Silva e Valdemir Vieira da Silva, que me ajudaram em todos os momentos e motivaram a buscar desenvolver cada vez mais o meu desempenho e minha dedicação.

Aos meus tios, primos e primas que também auxiliaram nessa caminhada, dando conselhos e apoiando como podiam.

Aos meus professores orientadores Rosemary Francisca Neves Silva, e meu coorientador Ivan Vieira Neto que sempre me apoiaram e trouxeram diversos conhecimentos para minha vida acadêmica.

A coordenação do curso de História professor Ivan Vieira Neto, por sempre estar auxiliando nas minhas dificuldades e no meu desenvolvimento nesses quatro anos de curso.

Aos meus amigos do curso e do meu convívio social que acreditaram em mim e que estiveram nessa caminhada.

RESUMO

O mundo desde suas primeiras sociedades, passa por diversas mazelas e dificuldades, onde com o surgimento das crenças, o uso dos mitos e dos rituais, eram formas de se buscar promover a resolução de problemas, realizar a cura, como forma de reestabelecer o cosmos. Com o processo de globalização, o ser humano passa a perder suas práticas cotidianas dos rituais, dos mitos e do imaginário, dando lugar a ciência como único elemento central, deixando que muitas tradições sejam apagadas. A fé e uso das plantas medicinais se tornam essenciais para compreender a formação de uma determinada sociedade e são elementos que fazem parte das práticas ritualísticas dos benzimentos, que segundo muitos cientistas, trazem resultados benéficos para reestabelecer a saúde e o bem-estar dos que mais sofrem, como é apresentado por Lemos (2020), o uso da oração pode tratar das dores crônicas que afetam a saúde. Nesse sentido, questiona-se: quem são as benzedeadas, o que as move e como permanecem ainda na sociedade, mesmo com a institucionalização das crenças e burocratização da fé? Objetiva-se nesse trabalho monográfico, apresentar a figura das benzedeadas, principalmente as do Estado de Goiás, focalizando nas mulheres da comunidade Kalunga, analisando seus costumes, resistência e preservação da memória. A metodologia que norteia a pesquisa é a bibliográfica, utilizando de livros como dos escritores Otto (2007), Eliade (2001), Lemos (2005), Del Priori (2011), além de artigos científicos, teses e dicionários, que pudessem promover hipóteses possíveis sobre os questionamentos, além do aprofundamento da temática. Entretanto, percebe-se que mesmo com análises e apresentando artigos referentes a figura das benzedeadas, elas são figuras ainda pouco estudadas, muitas vezes gerando desafios na busca em compreender essa tradição popular, além de que as orações e rituais são preservados pela história oral transmitidos de geração em geração, dificultando a busca por informações. Portanto se faz necessário o estudo e a análise delas, como forma de preservação e de aprofundamento sobre suas culturas, preservação e resgate das tradições orais.

Palavras-chave: Benzedeadas, História oral, Fé, Cultura popular.

ABSTRACT

The world, since its first societies, goes through several ills and difficulties, where with the emergence of beliefs, the use of myths and rituals, were ways to seek to promote problem solving, perform healing, as a way of reestablishing the cosmos. With the globalization process, human beings start to lose their daily practices of rituals, myths, and imagination, giving way to science as the only central element, leaving many traditions to be erased. The faith and use of medicinal plants become essential to understand the formation of a certain society and are elements that are part of the ritualistic practices of blessings, which according to many scientists, bring beneficial results to reestablish the health and well-being of those most suffer, as presented by Lemos (2020), the use of prayer can treat chronic pain that affects health. In this sense, the question is: who are the healers, what moves them and how do they remain in society, even with the institutionalization of beliefs and bureaucratization of faith? The objective of this monographic work is to present the figure of faith healers, especially those from the State of Goiás, focusing on the women of the Kalunga community, analyzing their customs, resistance, and preservation of memory. The methodology that guides the research is the bibliography, using books such as the writers Otto (2007), Eliade (2001), Lemos (2005), Del Priori (2011), in addition to scientific articles, theses and dictionaries, which could promote hypotheses. possible on the questions, in addition to the deepening of the theme. However, even with analysis and presenting articles referring to the figure of faith healers, they are still poorly studied figures, often creating challenges in the search to understand this popular tradition, in addition to the fact that prayers and rituals are preserved by the oral history transmitted. generation to generation, making it difficult to search for information. Therefore, it is necessary to study and analyze them, as a way of preserving and deepening their cultures, preservation, and rescue of oral traditions.

Keywords: Benzedadeiras, Oral history, Faith, Popular culture.

LISTA DE FIGURAS

Figure 1: Botica, Jean Baptiste Debret 1823	22
Figure 2: Primeira universidade de medicina	25
Figure 3: Cidade de Goyas, Fruher Vila Boa, Hauptstadt der Gleichnamigen Capitanie 1832	Erro! Indicador não definido.
Figure 4: Pintura do banquete antropofágico, Hans Staden assisti a tudo aterrorizado com a barbaridade dos índios. Theodor de Bry, 1592..	Erro! Indicador não definido.
Figure 5: Rezadeira Dona Dota, Foto Cris Isidoro-Diadorim Ideias.....	43
Figure 6: A feiticeira – Brocos, Modesto, 1932.....	52
Figure 7: : Cerimônia e dança no Brasil, 1630, Zacharias Wagener.	72
Figure 8: Casas do território Kalunga.....	74
Figure 9: Crianças em comunidade quilombola em Alcantra	77
Figure 10: Dona Dinari Francisca Maia e sua neta Leila	80

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Produção de ouro e número da população	33
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Plantas recomendadas para curar feridas.....	46
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

Et Al- E Outros

GERETS- Grupo de Estudo Religião, Teologia e Sociedade

Dt- Deuteronômio

Lev- Levítico

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 SAÚDE NO PERÍODO COLONIAL: DOENÇAS E PRECARIEDADE	21
1.1 UM OLHAR SOBRE O CORPO, AS DOENÇAS E AS CURAS	27
1.2 ADENTRANDO O SERTÃO GOIANO: A FORMAÇÃO CULTURAL E SOCIAL DO ESTADO DE GOIÁS	31
1.3 O IMAGINÁRIO DO POVO SERTANEJO GOIANO: CRENÇAS E SEUS COSTUMES	38
2 BENZEDEIRAS, BRUXAS OU CURANDEIRAS? DESMITIFICANDO O PAPEL DAS BENZEDEIRAS NO PERÍODO COLONIAL AO PERÍODO REPUBLICANO ..	43
2.1 O USO DE PRÁTICAS MÍSTICAS E RITUAIS NO PERÍODO COLONIAL: ENTRE BRUXAS A BENZEDEIRAS	52
2.2 CHARLATÕES: O MAL DO SOLO BRASILEIRO E DA SAÚDE, DESVENDANDO OS MISTÉRIOS	56
2.3.1 Quem São e o que fazem as benzedeadas? O ofício das benzedeadas e sua missão na sociedade.....	63
2.3.2 Práticas das benzedeadas: um olhar para os rituais	68
3 SER MULHER QUILOMBOLA: MULHERES BENZEDEIRAS NO QUILOMBO KALUNGA-GO	72
3.1 A FORMAÇÃO DO QUILOMBO KALUNGA: UM LUGAR SAGRADO	74
3.1.1 A organização do quilombo: um local de coletividade	77
3.2 A ATUAÇÃO DAS BENZEDEIRAS NA COMUNIDADE KALUNGA.....	80
REFERÊNCIAS	90

INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de parte da pesquisa realizada no programa de Iniciação Científica da PUC Goiás (Pontifícia Universidade Católica de Goiás) entre o período de 2021/2 a 2022/2, sendo uma monografia que apresenta como principais aspectos as benzedeadas do Estado de Goiás, quem elas são, qual o seu ofício e que elementos fazem parte dessa tradição que perdura por longos séculos na tradição e cultura brasileira.

Objetiva-se através desse trabalho monográfico, trazer uma explanação sobre as mulheres benzedeadas, principalmente do Estado de Goiás, trazendo como são realizados seus ritos, quais são seus ofícios e a necessidade de preservar essas tradições populares que descrevem sobre nossa sociedade e formação populacional, além de compreender o porquê essa cultura tão rica vem sofrendo desaparecimento e apagamento histórico.

Lemos (2018, p. 22) afirma que as benzedeadas são movidas pela fé que elas possuem, não possuindo uma ordem burocrática muitas vezes presente nas religiões oficiais, prezando pelo bem estar da comunidade onde vivem, sem distinção para aqueles que são movidos, onde nos relatos coletados pela escritora, conjuntamente com Azevedo(2018), demonstram que as próprias benzedeadas relatam sentirem uma força que não vem delas, mas sim, na figura de Deus, ou das divindades que elas creem, e também parte da fé daquele que está sendo benzido.

Mesmo possuindo grande participação no cotidiano e na vida da população, elas ainda não receberam a regulamentação da atividade, e as práticas de benzer vem caindo em constante esquecimento devido ao aumento da racionalização e das tecnologias. Faz-se necessário então a exploração e a busca por compreender essas raízes que descrevem nossa sociedade, para evitar o apagamento e a exclusão das tradições e da fé popular.

Essa prática cotidiana relacionada principalmente ao ambiente rural, teve seus primórdios no Brasil, antes mesmo do período colonial, mas era utilizado pelos povos originários, que tinham a figura do Pajé como aquele responsável pelo ato de curar as doenças, espantar os espíritos considerados como maléficos e manter a paz nas aldeias. Segundo Miranda (2017, p. 75) a saúde e os conhecimentos científicos no Brasil durante o período colonial eram precárias, não havendo faculdade de medicina

nem ao menos farmácias, sendo disponíveis apenas para aqueles que possuíam condições econômicas, devido a isso muitos recorriam as figuras das mulheres que eram curandeiras e benzedeadas e que tinham conhecimentos populares sobre as plantas e possuíam a fé como elemento de cura.

Mesmo sendo promotoras da saúde e do bem estar da sociedade que era cheia de mazelas e doenças, as mulheres benzedeadas passam por preconceitos e discórdias tanto da sociedade científica, tanto por parte da igreja, por praticarem seus rituais sem a burocracia e a organização única das orações, muitas rezando de forma espontânea e conforme aquilo que sentem como é demonstrado por Azevedo e Lemos(2018, p 64) onde no período colonial as práticas mágicas e de adivinhação eram muito praticadas e acabavam sendo confundidas com as práticas dos benzimentos que diferente das ações dos conhecidos charlatões, as mulheres que benzem não buscam receber benefícios em dinheiro, mas são gratas pela cura daqueles que as procuram.

Mesmo com a grande procura pelas benzedeadas, que hoje são encontradas principalmente nos ambientes urbanos e nas periferias, essa tradição vem sendo esquecida, devido que muitas das benzedeadas em seus relatos, como apresentado na pesquisa feita por Lemos (2012) em seu livro *Religião e tecitura da vida cotidiana*, vem ocorrendo um processo de secularização da religião, ou seja, a religião passa a não ter mais os créditos e centralidade na sociedade. O maior problema é a desvalorização dos rituais e benzimentos, e a frequente intolerância religiosa contra a figura das benzedeadas, muitas sendo confundidas com bruxas, feiticeiras ou que utilizam dos benzimentos como forma de conseguirem dinheiro de forma clandestina.

Ao falar sobre Resistência, compreende-se que as tradições populares e as crenças, referem-se não a um movimento organizado politicamente, pois a prática e uso de benzimentos é variável sendo praticado de diferentes maneiras, mas podemos compreender que refere-se a uma resistência do modo de vida e da permanência do uso de costumes que remetem a ancestralidade. É através da fé, que a população sertaneja e dos lugares mais afastados, como também a população quilombola, que consegue vencer as dificuldades como doenças, desigualdades sociais, como é apresentado por Martins(1998) que trata sobre o senso comum e o uso das práticas ritualísticas populares, não como um elemento de descrédito, mas a ideia de uma coletividade de ideias e de crenças. Ou seja, ao procurar pelas benzedeadas, as

peças já sabem de suas práticas e confiam em suas orações, sendo um elemento de troca.

Questiona-se através dessa problemática, o porquê de uma tradição tão presente na cultura brasileira vem desaparecendo nos últimos séculos? Como as benzedeadas fazem parte da atual sociedade? E qual a importância de preservar e de se pesquisar sobre elas?

Pode ser observado nas pesquisas feitas no decorrer da elaboração do trabalho, que as fontes bibliográficas muitas vezes eram de difícil acesso ou não eram de confiança por apresentarem uma visão eurocêntrica e preconceituosa, havendo uma análise cuidadosa na utilização da metodologia e da observação dessas fontes, chegando as hipóteses de que esses grupos tradicionais que representam a sociedade brasileira, mesmo com as mudanças da sociedade ainda prevalecem o uso dos benzimentos e das orações como forma de retirar os espíritos negativos, de curar enfermidades que afetam não apenas o corpo como também a psique humana, tendo como espaço de atuação nas casas, tendo uma organização dos rituais em um espaço centrado do local onde ocorrem esse ritos, por isso tendo uma identificação e interligação com o sagrado, por haver um local onde surge essa energia, como apresentado por Eliade(2001).

As benzedeadas, através das leituras feitas, podem ser compreendidas como responsáveis por realizar rezas, utilizando de elementos da natureza, como um ramo ou outras plantas que são usadas para tratar de feridas, alergias, dores, sendo respeitadas pela sociedade onde vivem por se aproximar daqueles que mais necessitam de sua ajuda.

Fazem parte de toda tecitura de uma sociedade, desde na promoção da saúde até a ajuda de muitas famílias como na resolução de problemas como discussões, falta de alimentação nas casas e dentre outros problemas que afligem e afetam aquela comunidade, essas tradições vem desaparecendo conforme ocorrem os processo de industrialização e de globalização, onde as tecnologias fazem com que o home perca a noção do sagrado, partindo para o profano, ou seja como algo automático e sem a presença de misticismos, o que justifica a falta da preservação das tradições dos povos primordiais que utilizavam do sagrado como elemento motor de toda uma sociedade.

Mesmo com os empecilhos e diversas barreiras, essas práticas permanecem na memória de muitos indivíduos, onde foi possível analisar que mesmo com a

presença de médicos, muitas famílias preferem levar seus filhos para serem benzidos, por considerarem que as benzedoras têm um carinho e um cuidado com as pessoas, o que muitas vezes não é possível nos consultórios. Mesmo com esse reconhecimento, elas muitas vezes preferem que os clientes levem seus casos para um médico para serem tratados, ou seja, não desmerecem os tratamentos médicos e nem mesmo a ciência, onde necessita-se de haver uma interlocução entre ciência, fé e transcendente, por isso a necessidade de se preservar essas tradições que interligam memória, tradição e resistência popular.

A metodologia utilizada para buscar responder esses questionamentos, foi a bibliográfica, recorrendo a livros, enciclopédias, artigos científicos, teses dando enfoque para escritores como Eliade (2001), Otto (2007), Lemos (2005), Del Priori (2011), realizando leituras e fichamentos dos elementos que pudessem trazer as hipóteses, que foram elaborados conjuntamente a Iniciação Científica que possibilitou o reaproveitamento dos materiais adquiridos para a elaboração desse trabalho, realizando discussões e debates também no Grupo de Estudos Religião, Teologia e Sociedade (GERETS).

No capítulo um intitulado *Saúde no Período colonial: doenças e precariedades* são apresentadas os aspectos da saúde no Brasil colonial realizando uma introdução do surgimento dos rituais de benzimento e das práticas ritualísticas de cura. Nesse período a saúde se demonstrava totalmente precária, as ruas sem qualquer higiene e sem falar das diversas doenças que eram transmitidas devido a chegada frequente de estrangeiros vindos principalmente de Portugal. Os negros escravizados eram frequentemente maltratados pelos seus senhores, cabendo as mulheres negras tratarem de seus ferimentos e doenças com o uso das plantas e rezas aprendidas em suas terras natais.

Pretende-se nesse capítulo apresentar também os aspectos do corpo e das doenças, onde Del Priore (2011) descreve que o corpo das mulheres negras era tido como elemento sexual e de sedução, onde muitos dos colonos tinham casos com as escravas, tendo filhos considerados bastardos ou passando doenças sexualmente transmissíveis para essas mulheres, onde a cada ano aumentava-se os números de doenças como sífilis, muitas delas causando mortes. Isso demonstra que no solo brasileiro não havia regras que controlassem os atos sexuais e as traições, nem mesmo havia normas sanitárias como nos dias atuais. Analisa-se também os aspectos

do sertão, um local tido como afastado da civilização e das metrópoles, como é apresentado por Magalhaes Filho (2011, p. 85).

O sertão goiano possuía números pequenos de povoamento, devido ao esgotamento das minas de ouro em Rio Vermelho, onde diversos viajantes dentre eles Johann Baptist Emanuel Pohl, um naturalista austríaco que vem para o solo goiano em 1818, e descreve a região como pobre, cheia de doenças, com pessoas totalmente incivilizadas, propondo nesse primeiro capítulo analisar os aspectos iniciais da saúde goiana e brasileira além do imaginário presente nessas regiões afastadas das grandes cidades elemento que move o povo sertanejo e a figura das benzedeadas que são movidas pela fé e por suas crenças.

O capítulo dois *Benzedeadas, bruxas ou curandeadas? Desmitificando o papel das benzedeadas no período colonial ao período republicano*, pretende-se trazer quem são as benzedeadas, o que fazem, qual seu ofício entendendo e adentrando os aspectos do catolicismo popular, com o objetivo de desmitificar as ideias criadas a longo prazo sobre a figura de mulheres benzedeadas, muitas vezes tidas como bruxas e feiticeiras, mas que ao contrário buscam promover o bem-estar e o equilíbrio do cosmos. Segundo Eliade (2001, p. 27) existe uma distinção entre o sagrado e o profano, onde o sagrado é aquilo que é tido como fixo, possibilitando que tudo tenha uma fundação, ou seja um centro, aquilo que move o ser humano, diferente disso, o profano o ponto fixo não goza de um único estatuto, onde não há um local central.

Percebe-se que a sociedade vem perdendo seu estatuto de sacralidade com o aumento das tecnologias e das ciências, onde as tradições populares e as crenças passam a diminuir cada vez mais, como é apresentado por Lemos (2011, p. 11) ocorrendo um processo de secularização ou seja, vem se diminuindo a influência da igreja nos setores sociais, gerando rivalidades entre as crenças para a compreensão sobre quem somos, como surgiu esse mundo, onde o ser humano busca outros focos e outras formas de explicar e trazer respostas. Busca-se através disso apresentar como a figura das benzedeadas sobrevivem mesmo com a ruptura das crenças e da utilização da fé como elemento motor da sociedade.

Foi possível também, realizar uma diferenciação entre as benzedeadas e os charlatões, analisando casos em que ocorreram crimes ao utilizar medicamentos indevidos e que geraram agravamento de doenças, como é apresentado por Magalhães Filho(2011) que observa que esses casos muitas vezes gerava um descrédito nas ações das benzedeadas. As feiticeiras, benzedeadas ou raizeiras

possuíam algo em comum, que era suas práticas de orações livres de burocracia, estando interligadas apenas as divindades e a natureza, realizando suas orações de forma espontânea buscando trazer o bem comum para todos aqueles que necessitavam de sua ajuda e apoio, muito diferente dos charlatões, esses apenas visando o lucro. Pretende-se então nesse capítulo, apresentar a verdadeira essência das benzedeiros e suas práticas ritualísticas.

Por fim, o capítulo três *Ser mulher quilombola: mulheres benzedeiros no quilombo Kalunga-Go*, enfoca-se nas benzedeiros Kalunga, comunidade localizada no Estado de Goiás, na cidade de Cavalcante, trazendo os aspectos sobre os quilombos, a resistência dos povos vindos de diversas partes do continente africano que foram escravizados, o cotidiano dessas mulheres e como é o convívio em um quilombo e as tradições e crenças dessa sociedade.

Almeida(2017) utilizando as perspectivas de Dutra(2011) apresenta que os quilombos surgiram devido as constantes fugas de escravos que saíam das fazendas onde passavam pela escravidão, trabalhavam de forma árdua, passando por castigos, sendo uma forma de resistência as fugas, indo para lugares afastados das fazendas construindo comunidades e nelas se estabelecendo. Os Kalunga surgiram dessas fugas e estabeleceram sua comunidade. Segundo Almeida (2011, p. 06) esse termo foi introduzido pelos brancos, tido como um termo pejorativo e que demonstrava inferioridade, relacionando-os a camundongos.

Depois de um tempo, o termo Kalunga passou a ter uma denominação que representa como um lugar sagrado um local para todos o que representa a filosofia africana do Ubuntu (Eu sou, porque nós somos). De acordo com Vasconcelos (2017, p. 10) essa filosofia busca trazer uma união na tomada de decisões de uma sociedade, onde todas as opiniões são válidas e necessárias para a busca de soluções de problemas e na resistência contra as desigualdade, onde se retira as ideias eurocêntricas que buscam trazer o individualismo, o que explica a união dos povos quilombolas e a importância do quilombo como local de fala e protagonismo, principalmente das mulheres, essas responsáveis pela promoção da saúde da comunidade através do uso dos ritos e das plantas. Um exemplo dessa força e da luta das mulheres quilombolas é Procópio dos Santos Rosa, uma parteira que luta pelo bem-estar da população quilombola sendo responsável pela instalação de uma escola na comunidade Kalunga, indicada ao prêmio Nobel da paz. Buscasse nesse capítulo demonstrar o papel das mulheres benzedeiros e quilombolas como representantes da

população e dos seus descendentes sendo promotoras da paz, da união, da resolução de problemas que afetam a sua comunidade e em seu entorno, o que justifica o porquê de tantas pessoas apoiarem e de confiarem nas benzedeadas e curandeiras.

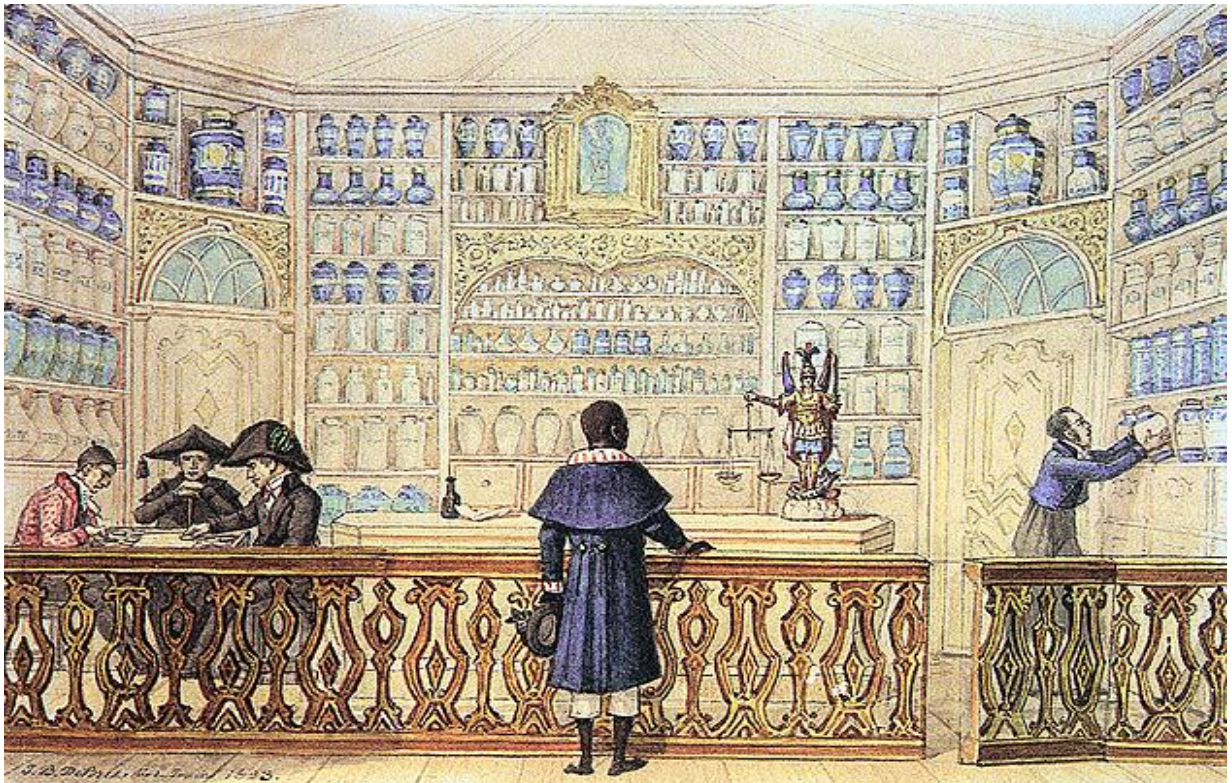
Um elemento que permeia as tradições e costumes Kalunga, é a troca de favores, onde as benzedeadas ao realizarem os benzimentos, não exigem nenhum pagamento, mas em agradecimento pela cura da doença, muitas pessoas da comunidade ofertam algo como agradecimento. Essa é uma das identidades das práticas dos benzimentos no quilombo, local de coletividade, onde não ocorrem apenas trocas de bens, mas também troca de energias positivas, como por exemplo ao falar no final das orações “Deus te abençoe” a benzedeadas está desejando a benção divina, e em troca a pessoa que recebeu a benção também oferta a benção para a benzedeadas. Esse elemento de troca, é conhecido como dádiva, sendo trazido por Mauss, como uma característica de diversas sociedades.

Analisou-se também nesse capítulo, o território Kalunga e a importância das mulheres na tomada de ações, não atuando apenas como benzedeadas, mas também como militantes que lutam pela terra e pela sobrevivência das tradições e costumes, como é trazido por Godinho(2008) e Dias(2016), a mulher quilombola atua em diversas partes da comunidade, sendo responsáveis por organizar os festejos religiosos, o preparar a comida, realizar as orações, sendo mulheres independentes e que lutam e participam do cotidiano de toda a comunidade, sendo reconhecidas por todos aqueles que convivem com elas e que sabem de suas lutas diárias.

Os benzimentos se diferenciam das grandes cidades, por estarem interligados ao território e as forças da natureza ao seu redor, sendo o território Kalunga um local sagrado, onde retomamos a Otto(2007) e Eliade(2001) para compreender que o sagrado é aquilo que move e que dá sentido à vida de toda uma sociedade, onde todo o cotidiano dos povos quilombolas, são atos sagrados, não se separando as orações dos atos rotineiros, pelo contrário, o ato de cuidar da roça, de preparar a comida, tudo isso são atos de oração e de cuidados. Sendo apresentados esses aspectos, passemos então para os capítulos.

1 SAÚDE NO PERÍODO COLONIAL: DOENÇAS E PRECARIEDADE

Figure 1: Botica, Jean Baptiste Debret 1823.



Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra1589/botica> Acesso em; 26 maio de 2022.

No período colonial, a precariedade rondava no solo brasileiro, onde não havia a presença de médicos nem boticários¹, e muito menos remédios e medicamentos para a população mais desfavorecida. Aqueles que não possuíam condições, recorriam as preces as rezas e as orações como meio de se salvarem das pestes e doenças frequentes, principalmente devido o contato com os estrangeiros vindos de Portugal no processo de colonização.

Fora dos solos brasileiros, o continente Europeu foi marcado pela presença de doenças que causavam até mesmo a morte dos contaminados, como por exemplo a peste negra, doença muito conhecida devido a aparição de diversas manchas escuras de sangue no corpo que eram decorrentes das picadas das pulgas. Essas doenças

¹ A Botica era constituída por uma sala e uma oficina; a loja ou farmácia propriamente dita, onde estavam os remédios à disposição do público, presidida por uma imagem, que habitualmente era a de Nossa Senhora da Saúde; e a oficina ou laboratório, onde se fabricavam os medicamentos. Nesses espaços, portanto, os padres boticários incumbiam-se de 'produzir' e de 'vender ou distribuir' os medicamentos ali produzidos aos moradores daquelas localidades urbanas. Os padres boticários tinham, assim, esse duplo encargo: o de produtores e o de vendedores ou distribuidores de remédios. Isso para não falar de sua condição de conhecedores e inventores de produtos boticários (LEITE apud S. LEITE, 2022. p 8). Podemos ver como é retratada a botica na pintura de Jean Baptiste Debret no quadro *Botica* de 1823. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra1589/botica> Acesso em; 26 maio de 2022.

não eram reconhecidas como causadas pela falta de higiene e cuidados com a saúde, e sim como um castigo de Deus contra os homens devido as suas ações pecaminosas, como é apresentado por Miranda (2017):

Desde os tempos antigos, explicavam-se as epidemias como uma manifestação do desagrado dos deuses ou, segundo uma fórmula mais aproximada dos nossos tempos, um castigo divino pelos pecados do homem. É também verdade que, desde a Antiguidade, os princípios da doutrina humoral de Hipócrates estabeleciam que as doenças epidêmicas, responsáveis por grande mortandade humana, eram uma só entidade mórbida. Suas diversas formas de apresentação não significavam espécies ou diferenças típicas, senão sinais ou sintomas, em relação ao humor afetado. A bubônica, a cólera asiática, o tifo, a febre amarela, a varíola, o sarampo e outras doenças que assolavam, recebiam, igualmente, a mesma denominação: peste (MIRANDA, 2017, p. 307).

Assim como é afirmado por Miranda (2007) acreditava-se que somente através da conversão dos pecados é que as doenças seriam curadas, onde a presença da fé, é um elemento marcante na cura de doenças, como pode ser observado em diversas passagens bíblicas onde Jesus realiza as curas, mas fala para seus seguidores que o que os curou foi a sua fé:

Quando o país sofrer a fome, a peste, a meia e a ferrugem; quando sobreviverem os gafanhotos ou os pulgões; quando o inimigo deste povo cercar uma de suas portas, quando houver qualquer calamidade ou epidemia, seja qual for a oração ou a súplica, seja de um homem qualquer ou de todo o Israel, teu povo, se sentirem sua desgraça e sua dor e erguerem as mãos para esta casa (BIBLIA DE JERUSALEM- Cr 6, 26-29).

Miranda (2017) descreve que a fé era utilizada para a promoção da cura, além de ser um elemento de busca do bem-estar do indivíduo como também da comunidade em que ele pertence, onde as realidades do sertão, ainda pouco desbravado eram de extrema pobreza. A falta de condições de higiene e saúde, além da constante presença de doenças sexuais decorrentes do alto número de estupros cometidos pelos colonizadores com as negras escravizadas ou com mulheres nativas, era algo que promovia o aparecimento de diversas doenças, como é descrito por Del Priori(2011). Esta realidade demonstra que a insalubridade era algo frequente nos arraiais, colônias e cidades distantes dos litorais que estavam a margem da sociedade, vivendo através do uso de plantas medicinais encontradas no cerrado com frequência devido a biodiversidade dos locais.

Vários viajantes que passaram pelo Brasil e que resolveram desvendar os mistérios do povo sertanejo, relatam com surpresa, tristeza e horror a precariedade encontrada nos locais onde esses moradores viviam, distantes de qualquer modelo de uma civilização europeia, considerada como a correta.

Johann Emanuel Pohl² é um exemplo dos viajantes que demonstraram as precariedades do Estado de Goiás, que no período colonial era dividido em arraiais, pequenos vilarejos e aldeias, que apresentavam casas construídas com barro e palhas, muitas estando em estado de deterioração devido que muitos dos habitantes ao não encontrarem condições de se manterem no local, na época através dos garimpos de ouro, que já estava em decadência, mudavam para outras localidades em buscas de melhorias, sendo nômades. Mas o foco no relato desse viajante, segundo Rosenthal(2010)em relação a pesquisa, é como são vistas as condições de saúde no estado, e como as representações de fé são utilizadas pelo povo para a promoção da saúde:

Aqui tive de escutar outra vez as disparatadas narrações, de curas maravilhosas que pretendiam haver obtido contra a picada de jararaca. Gabavam-se os locais de terem alcançado resultados assombrosos com o emprego da já comentada gônfia, aqui chamada contra. Contaram-me que haviam amarrado uma cobra, mastigado a casaca desse arbusto e cuspidos sobre a cabeça do réptil, que imediatamente ficara entorpecido e morrera no decorrer de uma hora (ROSENTHAL 2010).

Como pode ser observado em parte do relato do viajante, é visto com negatividade a utilização de ervas e de plantas como elementos de cura. Esse pensamento é enraizado nas análises dos cientistas vindos de diferentes partes da Europa, por considerarem o uso de magias e de fé para a cura, como elementos de credices de charlatões e de bruxos, vistos com total negatividade por suas culturas.

Já para aquela população é algo considerado normal a realização de benzimentos usando rezas e acompanhamento com ervas do cerrado, pois só possuíam acesso a esses elementos que faziam e ainda fazem nos dias atuais, parte de seu cotidiano devido a transmissão desses saberes de geração para geração.

Parte desse conhecimento vem se perdendo, em razão dessa descaracterização principalmente vindo da ciência em relação as crenças populares que muitas vezes são consideradas como ineficazes, mas que demonstram suas curas eficazes e a promoção do bem-estar. Essa frequente visão de precariedade sobre o Estado de Goiás, decorre também de que grande parte de sua população vivia segundo Rosenthal (2010) na preguiça decorrente ao clima quente presente na

² Johann Baptiste Emanuel Pohl, é um naturalista austríaco, nascido em 22 de fevereiro de 1782, vindo para o Brasil em 1817, integrando a missão austríaca junto com outros naturalistas que foram convocados pela família real portuguesa a desbravarem os sertões.

região, o que mais uma vez demonstra o olhar sobre os europeus em relação as regiões mais afastadas dos centros.

O desenvolvimento da saúde no Brasil, ainda que precário, mas com melhorias, surge com a chegada da família real, vinda fugida de Napoleão Bonaparte que

Figure 2: Primeira universidade de medicina



Fonte: <http://www.salvador-antiga.com/centro-historico/catedral.htm>

ameaçava invadir o solo português. Assim ocorre diversas mudanças como a criação de faculdades as primeiras a existirem como é visto na **Figura 2**³, bibliotecas. Mesmo com esses avanços, ainda havia falhas na medicina, que possuía ideias consideradas como atrasadas para a época, já que a grande maioria dos países europeus passavam pelas luzes do iluminismo ⁴que trouxe mudanças nos métodos científicos, enquanto

³ Na imagem apresenta a primeira universidade de medicina do Brasil, fundada em 1808, antes era um colégio jesuíta, e com a expulsão dos jesuítas do Brasil, tornou-se uma das primeiras universidades. Disponível em: <http://www.salvador-antiga.com/centro-historico/catedral.htm> Acesso em: 03 Jun 2022.

⁴ Segundo o Dicionário de Filosofia de Abbagnano (2007) Iluminismo pode ser definido como: (in. Enlightenment; fr. Philosophie des lumières; ai. Aufklärung; it. Illuminismo). Linha filosófica caracterizada pelo empenho em estender a razão como crítica e guia a todos os campos da experiência humana. Nesse sentido, Kant escreveu: "O I. é a saída dos homens do estado de minoridade devido a eles mesmos. Minoridade é a incapacidade de utilizar o próprio intelecto sem a orientação de outro. Essa minoridade será devida a eles mesmos se não for causada por deficiência intelectual, mas por falta de decisão e coragem para utilizar o intelecto como guia. 'Sapere aude! Tem coragem de usar teu intelecto!' é o lema do I." (Was ist Aufklärung!, em Op., ed. Cassirer, IV, p. 169)

Portugal ainda perpassava pelos olhos atentos da inquisição ⁵que proibia as ideias elaboradas pela ciência e pelos iluministas considerados como ateístas. Essa característica trouxe diversos atrasos para a ciência e para o desenvolvimento de remédios propícios para a cura de doenças como febre tifoide, sífilis, e dentre outras, que causavam até mesmo morte em grande número da população, principalmente dos escravos e dos menos favorecidos que não tinham acesso aos tratamentos:

Durante os três primeiros séculos da colonização, os profissionais que exerceram a medicina no Brasil foram, predominantemente, os físicos ou licenciados, os cirurgiões aprovados e os cirurgiões-barbeiros que vieram para o Brasil com as expedições colonizadoras. Esses profissionais sofreram forte concorrência dos não habilitados para o exercício da prática médica, ou seja, curandeiros, entendidos e curiosos (MIRANDA, 2017. p. 243).

Nesse sentido, a saúde era apenas para a alta sociedade de que poderia receber os tratamentos médicos, enquanto os escravos e pobres, ficavam à mercê, muitos tendo pouco tempo de vida decorrentes as condições precárias, sendo frequentemente chicoteados e sofrendo o cansaço excessivo de trabalho:

Elitista e essencialmente urbano, o discurso médico da época limitou-se a denunciar os maus-tratos infligidos aos escravos e a alertar para o perigo da sua presença “corruptora” na intimidade das famílias brancas. Amparados por uma forte proposta moralista, os médicos imputaram, aos escravos domésticos, a responsabilidade pelas doenças, pela sexualidade desregrada e violência presentes no núcleo das famílias brasileiras (MIRANDA, 2017. p. 381).

Devido esse constante preconceito em relação aos negros escravizados, generalizando-os como os provocadores das doenças, e devido à falta de condições cabíveis para a busca de atendimentos médicos, cabiam aqueles que tinham doenças buscar o curandeirismo e os benzimentos como formas de promoção da saúde e do bem-estar. Utilizavam ervas e plantas naturais como remédios e que eram utilizadas nas rezas geralmente feitas por negras escravizadas que aprendiam a utilizar de sua fé em busca de cura e de prevenção de doenças (MIRANDA, 2017, p. 201).

Antes do processo de colonização no Brasil, os povos originários já utilizavam de plantas como formas de curar doenças e também a manifestação de espíritos geralmente invocados pelo pajé da tribo:

Em seu modo de curar as enfermidades, os índios frequentemente se valiam de práticas mágicas – processo que acreditavam ser eficaz no combate aos espíritos malignos, segundo eles, grandes responsáveis por seus males. Entretanto, apesar de ser essencialmente mágica, a medicina dos primeiros habitantes do Brasil era dotada de observações empíricas.

⁵ Segundo a Enciclopédia Barsa, volume 8, Inquisição pode ser definida como: É a designação de um tribunal eclesiástico, vigente na idade média e começos dos tempos modernos, que julgava os hereges e as pessoas suspeitas de heterodoxia em relação ao Catolicismo. (BARSA, 1976. p 30)

Foi através desse empirismo que os índios brasileiros criaram uma verdadeira farmacopeia de medicamentos, com base em ervas dotadas de reais virtudes terapêuticas, encontradas nas florestas (MIRANDA, 2017. p. 201).

Miranda (2017, p. 88) descreve que essa tradição perpassou de geração em geração onde passa a ser tradição cultural e religiosa da sociedade brasileira. Mesmo sendo uma tradição a utilização de ervas, de orações e manifestações espirituais em busca da cura, ocorreram várias perseguições a aqueles que realizavam os benzimentos no período colonial, devido a inquisição que também passa a estar no solo brasileiro onde ocorre a condenação de diversas mulheres suspeitas de realizarem bruxaria e feitiçaria:

A leitura dos relatos dos que integraram os volumes das Confissões e denúncias fornece, ainda, ao historiador, preciosas informações sobre o cotidiano e a cultura material, nos tempos da Colônia. Nos depoimentos, é possível vislumbrar aspectos significativos das relações familiares, práticas sexuais e religiosas consideradas pecaminosas pela Igreja, como sodomia, lesbianismo, homossexualismo, feitiçaria e curandeirismo. Cenas do ensino das primeiras letras, festas de igrejas, casamentos, batizados, alimentação, transportes, manifestações musicais e a atividade profissional dos primeiros bacharéis, médicos e boticários também podem ser observadas nos volumes das Confissões e denúncias (MIRANDA, 2017. p. 88).

O ato de benzer não era formulado para bens materiais ou como elemento de ascensão social, e sim uma forma coletiva de preservar a saúde de toda uma comunidade, se utilizando da ligação com a natureza, o sagrado, os mistérios da natureza e da fé, onde se faz necessário essa compreensão de seu surgimento através das necessidades de um povo que não tinha vez nem voz, e que era deixado as margens sem qualquer acesso a saúde, se resguardando na saúde popular e na fé.

1.1 UM OLHAR SOBRE O CORPO, AS DOENÇAS E AS CURAS

Peste bubônica, câncer, pneumonia
Raiva, rubéola, tuberculose e anemia
Rancor, cisticercose, caxumba, difteria
Encefalite, faringite, gripe e leucemia

E o pulso ainda pulsa (pulso)
(Pulso)
O pulso ainda pulsa (pulso)
(Pulso)

Hepatite, escarlatina, estupidez, paralisia
Toxoplasmose, sarampo, esquizofrenia

Úlcera, trombose, coqueluche, hipocondria
Sífilis, ciúmes, asma, cleptomania (TITÁS, 1989)

Bem-vindo ao Brasil, local de gente guerreira, trabalhadora, gentil e com doenças. Era assim o país em seus primeiros anos de povoamento. Antes mesmo da chegada dos portugueses ao Brasil, as doenças eram controladas com uso de ervas medicinais pelos indígenas, grandes conhecedores da natureza, e que sabiam aproveitar de seus saberes ancestrais para o bem de todos.

Com a chegada dos colonizadores, surgiram as primeiras doenças como febre amarela, febre tifoide, sífilis, dentre outras doenças, muitas delas de cunho sexual. Mary Del Priore descreve em seu livro *Histórias Íntimas* 2011, que ao chegarem nas américas, os colonizadores viam as indígenas como forma de realizarem seus desejos sexuais, que não eram tão frequentes nas metrópoles.

As escravas eram vistas também sobre os olhares desejosos de seus senhores, onde também em seu livro, Del Priore (2011), descreve que para que os atos sexuais entre o senhor e a sinhá ocorressem, o homem pegava a roupa da mulata para inalar seu cheiro forte de suor e sentir o desejo. Tais reflexões sobre sexualidade e saúde, refletem sobre a precariedade do uso da higiene e da saúde da população brasileira.

Ter acesso a médicos era algo que somente as famílias ricas tinham e quando encontravam era devido à ainda precária medicina portuguesa, que não seguia as mudanças das sociedades francesas, que passava pelo surgimento do iluminismo que trouxe desenvolvimento para as ciências e para o desenvolvimento da sociedade. A medicina utilizava ainda de livros dos antigos cientistas e pesquisadores conhecedores da ciência, sabendo pouco sobre o corpo humano, e menos ainda sobre o corpo da mulher.

A figura feminina era vista com bastante espanto pelos cientistas, que devido os mitos e o imaginário da sociedade colonial acabavam por criar ideias negativas sobre a mulher, colocando características que representavam o seu corpo como frágil, que deveria ser ela provedora de filhos:

Num cenário em que doença e culpa se misturavam, o corpo feminino era visto, tanto por pregadores da Igreja católica quanto por médicos, como um palco nebuloso e obscuro no qual Deus e Diabo se digladiavam. Qualquer doença, qualquer mazela que atacasse uma mulher, era interpretada como um indício da ira celestial contra pecados cometidos, ou então era diagnosticada como sinal demoníaco ou feitiço diabólico. Esse imaginário, que tornava o corpo um extrato do céu ou do inferno, constituía um saber que orientava a medicina e supria provisoriamente as lacunas de seus

conhecimentos. Em Portugal, fisiologistas e médicos estudavam anatomia e patologia tentando, sobretudo, entender a natureza feminina. Eles se perguntavam sobre os fins para os quais Deus teria criado a mulher. A que princípios, indagavam, a natureza feminina obedeceria? A medicina então praticada tinha por objetivo definir uma normalidade que exprimisse o destino biológico da mulher (DEL PRIORE, 2011. p. 66).

O corpo feminino, ao mesmo tempo que possuía esse cuidado com a maternidade, era visto como uma peça promotora de pecados, de sedução e de práticas de heresias. Aquelas que realizavam os benzimentos e curas através de ervas eram vistas como bruxas, mas ao mesmo tempo, parte da sociedade sabendo das dificuldades para encontrar médicos, boticários, acabavam por aceitar o uso da medicina popular.

Outro aspecto promotor de doenças, eram as embarcações negreiras, barcos que traziam escravos vindos de várias partes do continente africano, trazidos para trabalharem em fazendas e nas casas grandes, muitos acabavam por morrer no meio da viagem, devido as condições precárias que se encontravam as embarcações, muitas com a presença de ratos, fezes, além da presença de mosquitos, falta de alimentação, o que não mudava com a chegada no local de viagem, onde o trabalho era cansativo, desgastante, sofrendo castigos e chibatadas além de outros castigos:

em se tratando do comércio de escravos, foram analisados inventários do período de 1790 a 1807 e se constatou que 46,4% dos escravos eram acometidos por lesões traumáticas, provenientes da violência e do trabalho pesado. A segunda causa de debilidade no segmento em questão eram as doenças infectocontagiosas, contando 33,5% do total. Em terceiro lugar, prevaleciam as más-formações (8,4%). Na época, os registros oficiais apontavam a prevalência de 1% de escravos dependentes de álcool. De 1810 até 1830, por sua vez, aumenta a prevalência de doenças infectocontagiosas, em decorrência do aumento dos desembarques (OLIVEIRA, 2016. p. 475).

Como apresentado em parte da citação, a maioria da população brasileira sendo de escravos, estava vulnerável a presença de doenças nas colônias, ou nos mares devido a total falta de conhecimentos sobre as doenças, sendo elas vistas como maldições pelos pecados cometidos, o que pode ser observado em diversos relatos que tratam dos escravos como animais, passando pelo trabalho pesado, e pela labuta do trabalho forçado.

Oliveira(2016) trata que os escravos que eram feridos pelas chibatadas de seus senhores, recorriam as mulheres escravizadas, que vinham com seus saberes ancestrais de utilizarem plantas, remédios naturais que eram de fácil acesso e que tinham como papel auxiliarem na cura dos ferimentos, das doenças como búzio, uma tristeza decorrente da vontade constante de se retornar para o continente africano,

além de usarem as rezas, os rituais que eram feitos sobre utilização do sincretismo⁶ religioso devido as constantes repressões que as religiões populares e de matriz africana passavam.

Cabe salientar, que diversos estudiosos vem trazendo uma nova nomenclatura referente ao processo de junção de diferentes crenças e costumes. Ganglietti(S/A) utiliza para essa significação a palavra hibridismo, que refere-se a uma junção de diferentes culturas e tradições. É necessário fazer uma problematização do uso da palavra Sincretismo, pois ela durante muito tempo foi utilizada pelos europeus, como forma de diminuir outras tradições que não fossem as suas, onde a historiografia como também outras áreas de conhecimento, passaram a utilizar hibridismo como um elemento que abrangesse a junção de diferentes costumes.

Ter acesso a médicos no período colonial, era algo raro. Os primeiros a utilizarem da medicina no Brasil, foram os jesuítas, que vinham com o papel de evangelizar a população de indígenas, negros e outras partes da população, e vendo as constantes doenças que assolavam o Brasil, usavam de parte de seus conhecimentos para a cura através das preces e missas:

a princípio responsáveis pela “cura das almas”, os jesuítas que aqui se fixaram procuraram, paralelamente ao trabalho de catequese do gentio, resguardar também sua saúde – tão fragilizada pela incidência de enfermidades até então desconhecidas por seus organismos – e expurgar aqueles rituais mágicos que até então se mostravam tão eficientes entre os nativos. Um dos grandes nomes da ordem de Inácio de Loyola no Brasil, Padre José de Anchieta, afirma que não seriam apenas os silvícolas os dependentes da assistência dos irmãos, pois “[...] mesmo os portugueses parecem que não sabem viver sem nós outros [os jesuítas], assim em suas enfermidades próprias, como de seus escravos: em nós outros têm médicos, boticários e enfermeiros; nossa casa é botica de todos, poucos momentos está quieta a campanha da portaria” (VIOTTI 2012, p. 17).

Os padres aproveitavam do uso das plantas medicinais encontradas nos sertões, para promover a cura e o bem-estar. Além dos padres jesuítas, aqueles que viviam aqui buscavam suas próprias soluções para curar o corpo e as mazelas, era o

⁶ Segundo o Dicionário de ciência da religião de Usarski (2022, p. 679, provavelmente o conceito mais geral e heurístico de sincretismo é o de “suspensão de barreiras entre dois sistemas”. Uma tendencia importante nos estudos sobre sincretismo é a diferenciação entre diferentes níveis de combinação, de incorporação de elementos sem uma forte conexão até a síntese. Bechert, por exemplo propôs diferentes níveis de sincretismo. No primeiro nível pode-se identificar uma reapropriação de elementos, o que representa sincretismo em um uso livre do termo, ocorrendo quando elementos são incorporados passando por uma reinterpretação dentro de uma determinada religião. No sentido mais estrito o termo sincretismo é tido como um processo no qual os elementos incorporados possuem um peso comparável aos elementos existentes, gerando diferentes níveis de verdade. No terceiro nível, o termo pode ser interpretado como uma relação entre a síntese onde dois sistemas religiosos contribuem para a formação a formação de um novo movimento.

caso por exemplo da população sertaneja, que devido a longa distância das grandes cidades, e por se encontrarem em extrema pobreza, usavam da fé como elemento de cura e de acolhimento de seus sofrimentos, como podemos observar na citação:

os questionamentos a que os curandeiros submetiam os doentes seriam, também, uma das causas que levavam a população a recorrer às suas práticas terapêuticas. Enquanto os médicos se preocupariam em identificar “o como” das doenças, tais curandeiros, atendendo diretamente à tentativa de construir um sentido para a condição dos homens, buscariam compreender “o porquê” das enfermidades. A doença, nesse sentido, seria provocada por uma causa sobrenatural e a cura, antes de tudo, um ritual que teria tanta ou maior eficácia do que a própria substância empregada. O que se poderia denominar “medicina rústica” encontra-se na interligação dos estágios mágico, religioso e empírico de identificação das causas das patologias: para os indígenas, ela seria especialmente mágica enquanto para os africanos, abrangeria a ordem religiosa. Delimitar os limites dessa noção de doença e da noção legada pela medicina da época é, ao fim e ao cabo, o principal intuito deste trabalho (VIOTTI, 2008, p. 18).

Como apresentado por Viotti (2008) a população recorria ao curandeirismo ⁷por ser um elemento de escuta para aqueles que necessitavam da cura. A medicina não tinha ouvidos para os marginalizados e mais pobres, restando apenas para aqueles que viviam em regiões longínquas a fé e o uso da natureza, que eram passados de geração em geração sendo uma tradição e um elemento característico do povo sertanejo. Sabendo desses aspectos sobre a cura e a precariedade na medicina, como se dava a formação dos povoados e cidades no sertão brasileiro? Quais as crenças, os costumes e os imaginários dessa população? E como eram vistas as regiões de Goiás pelos viajantes e colonos?

1.2 ADENTRANDO O SERTÃO GOIANO: A FORMAÇÃO CULTURAL E SOCIAL DO ESTADO DE GOIÁS

Lamento sertanejo

Por ser de lá
Do sertão, lá do cerrado
Lá do interior do mato
Da caatinga do roçado.
Eu quase não saio
Eu quase não tenho amigos

⁷ O termo curandeirismo tem diversas interpretações e definições, mas segundo Matos (2009, p 10) As práticas de curandeirismo como medicina popular surgiram como parte de uma cultura originalmente rural, católica, dentro de uma esfera familiar. Nascidas das relações entre os homens, para satisfazerem suas necessidades, são práticas dinâmicas e atualizadas - à medida que recriadas com o deslocamento das pessoas do campo para as cidades, nos processos migratórios - permanecendo resistentes às formas oficiais de cura.

Eu quase que não consigo
Ficar na cidade sem viver contrariado
(Gilberto Gil- 1975)

Ao se tratar sobre o sertão, muitas são as definições e estudos sobre essa região do Brasil que se estende entre rios, terras, diferentes climas e diversidades. A palavra Sertão segundo a geografia pode ser definida como:

Para a Geografia, o sertão no Brasil corresponde à vastíssima zona interiorana, que começou a ser penetrada ainda no Século XVI, logo depois da chegada dos colonizadores, quando as fazendas de gado foram separadas das fazendas agrícolas, particularmente na Região Nordeste. Enquanto a produção agrícola, principalmente a cana-de-açúcar, ficava basicamente restrita à faixa litorânea, a criação de gado se estendia para as remotas paragens do interior do continente. A restrição a sua marcha era somente os cursos d'água mais caudalosos ou as serranias mais formidáveis. (ANTÔNIO FILHO , 2011, p. 85).

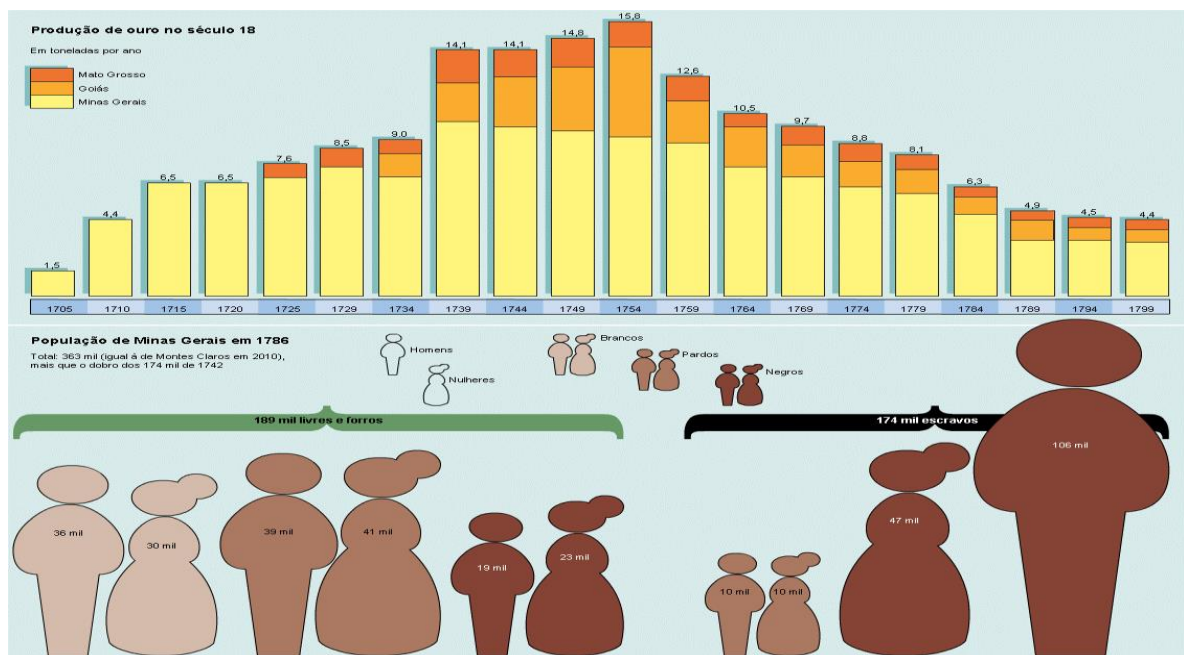
Ao descrevermos a terminologia Sertão, segundo Antônio Filho (2011) devemos especificar com qual sentido está se utilizando o termo. Nesse sentido, ao falar sobre a palavra, busca-se trazer o olhar que os colonizadores tinham inicialmente sobre regiões afastadas do litoral, local onde a colonização portuguesa se estabeleceu nos anos iniciais da colonização.

A região onde hoje é o atual Estado de Goiás, no período colonial não era povoado como as regiões movimentadas dos litorais principalmente do nordeste brasileiro, pois ainda se acreditava que tais locais não possuíam riquezas como ouro e minério, que somente depois das expansões ao sertão, com as expedições que começam a atravessar a região, mas nenhuma delas possuía a função de povoamento e sim utilizavam como rotas para passagem de gado, principal elemento de subsistência

dentre as várias suposições, acredita-se que a ocupação/colonização de Goiás não teve, como móvel preponderante, apenas a exploração de ouro. Os seus exploradores iniciais, por volta de 1726 a 1770, lançaram mão de várias competências, como as atividades agrícolas, os criatórios e arregimentação e organização de mão-de-obra indígena em sua região de origem. O processo de interiorização do povoamento é marcado pelo desinteresse do Governo Imperial pelas áreas interioranas, pela dificuldade de realização das demarcações legais das sesmarias, pela dispersão e isolamento da população goiana, pela precariedade dos meios de transporte e comunicação e pela expansão da pecuária extensiva, enquanto principal atividade econômica. Todas essas particularidades justificam o rápido processo de ocupação fundiária de Goiás e, principalmente, a grande concentração fundiária e de capitais (recursos) que marcaram a sua história (BISPO, 2009. p. 4).

Bispo (2009) ainda descreve que os primeiros povoamentos em Goiás irão surgir no século XVIII, com as primeiras descobertas de ouro na região, onde as bandeiras⁸ desbravavam as regiões sertanejas, principalmente em Tocantins que fazia parte do Estado de Goiás, usando os rios como forma de se deslocarem e chegarem nos locais. Com o surgimento de povoados como de Bela Vista de Goiás, Inhumas e dentre outros, cresce o número populacional nos arraiais. Com a chegada dos bandeirantes que começam a se aventuras pelo goiano, onde junto com o ouro vem o aumento populacional, como podemos ver no **gráfico 1**⁹, que demonstra a atividade aurífera e o número populacional nas províncias e arraiais do centro-oeste.

Gráfico 1: Produção de ouro e número da população



⁸ As bandeiras, eram expedições que saíam de São Paulo, em busca de encontrarem indígenas para escravizarem ou que haviam fugido de seus senhores, além de escravos negros, destruindo quilombos. Essas expedições eram os oficiais que recebiam o apoio da coroa portuguesa, onde investiam um capital para realizar os desbravamentos. As primeiras expedições das bandeiras passaram por Minas Gerais, depois indo para Goiás e adentrando o sertão em busca de índios, ouro que estava em grande procura, essas tendo ligação com a coroa portuguesa Fausto(2012. p. 51)

Fonte¹⁰: <https://atlas.fgv.br/marcos/descoberta-do-ouro/mapas/graficos-producao-de-ouro-e-populacao-mineira-no-seculo-18>.

Como pode-se observar, a maior parte da população nas regiões auríferas eram negras ou mestiças, decorrente ao processo de miscigenação que ocorre com a relação de senhores com as escravas, muitos casos os filhos que eram mestiços eram assumidos, outros eram abandonados, demonstrando que a sociedade sertaneja tinha suas diversidades decorrentes dessa mistura de etnias e sociedades.

A exploração do ouro não perdura por muito tempo, devido ser explorado em grande massa, agora para o encontrar era apenas através da terra e não mais nos rios, o que gera uma decadência para a região de Goiás, onde os povoamentos começam a descaírem com a saída da população que vivia ali unicamente pelo ouro, e como não havia outros meios de produção, iam em busca de novas formas de vida, como é apresentado por Capel (2007):

no decorrer do século XVIII a distinção étnica e de posição socioeconômica era bastante nítida; de um lado os homens livres, proprietários das lavras, terras, cargos políticos e dos estabelecimentos comerciais; eram eles brancos em sua quase totalidade. De outro lado ficava o negro escravo. Estes dois grupos formariam o mulato com o passar do tempo (CAPEL, 2007. p. 25).

Desse processo da saída de diversos moradores, os povoados e arraiais ficam isolados e não aparentam mais serem lugares de grande movimentação. Mas ao mesmo tempo a população ainda permanece nessas regiões. Não havia apenas negros, mulatos e brancos, mas também a população nativa era permanente no solo goiano, não em grande quantidade como antes do processo da colonização, devido os conflitos entre indígenas, bandeirantes e portugueses, mas a cultura e suas tradições ainda eram presentes.

Segundo o IBGE (2007) os povos indígenas possuíam habilidades de observar a natureza ao seu redor, usando como referência o sol, a lua, sendo hábeis na topografia geográfica, sabendo sobre a presença de várias plantas, suas utilidades, ou seja, o meio natural era sua casa, seu local onde aprendia sobre diversos elementos que eram passados de geração em geração, elemento esse que caracteriza a cultura goiana, muito herdada dos povos nativos, onde a fé e as crenças

¹⁰ FGV- Fundação Getúlio Vargas

também se misturavam nesse sentido, as várias culturas. Os negros vindos do continente africano também traziam consigo suas culturas e tradições:

os escravos africanos e seus descendentes crioulos e mestiços influenciaram em profundidade a formação cultural do País, desde a época em que este era América portuguesa. Raros serão os aspectos de nossa cultura que não tenham sido moldados com a ajuda da mão e da inteligência africanas e afro-brasileiras. O assunto já foi sobejamente tratado por historiadores e antropólogos, estudando domínios como família, língua, religião, música, dança, culinária e a arte popular em geral. É sempre possível, porém, retornar a tais temas, mesmo porque novas fontes e abordagens têm sido descobertas ou concebidas mais recentemente pelos pesquisadores, que enriquecem nossa perspectiva sobre esses velhos tópicos (IBGE, 2007, p. 920).

Mesmo com as contribuições para a cultura, religião e costumes, os povos africanos e indígenas eram tidos em uma visão negativa pelos europeus e pelos brancos, visão decorrente do eurocentrismo. Muitos relatos de viajantes ao tratarem sobre a província de Goiás, veem ela com um olhar negativo, o que fica conhecido como estigma da decadência:

Assim, a título de representação, a “goianice” nos remete à época em que a ideia de “decadência” serviu para rotular o contexto da história de Goiás após a crise da mineração, enquanto que o que chamamos de “goianidade” nos indica a construção da ideia de modernização através de uma de suas representações, o progresso, fruto dos projetos político-econômicos do pós-30 em Goiás. A “goianidade” abrange uma época em que se procura mesclar o “velho” e o “novo”, fundir o “antigo” e o “moderno”, envolver o rural e o urbano e confluir o “atraso” e o “progresso” pelos caminhos da história (CHAUL, 2011, S/P).

Figure 3: Cidade de Goyas, Fruher Vila Boa, Hauptstadt der Gleichnamigen Capitanie 1832.



Fonte: <https://www.brasilianaiconografica.art.br/obras/20033/cidade-de-goyaz-fruher-villa-boa-hauptstadt-der-gleichnamigen-capitanie>

Segundo Teixeira (2013, p. 96) os paradigmas sobre a cultura goiana e sobre o sertão, foram trazidos e difundidos pelos viajantes europeus, que ao chegarem no solo goiano, se deparavam com uma realidade totalmente diferente do que esperavam e do que era relatado por muitos, que esse solo seria um paraíso. Podemos perceber essa construção do paradigma, nos relatos de viagem de Johan Emanuel Pohl, em seu livro *Viagem ao interior do Brasil*, escrito entre 1819 e 1822, sendo ele um viajante austríaco vindo numa comitiva de cientistas, junto a princesa Leopoldina, com o intuito de desbravar os sertões que eram pouco explorados. Nesse livro será exposto principalmente a natureza dos locais onde são visitados pelo viajante, mas também a descrição sobre o povo que ali vivia, além de descrever os rios e afluentes que ali passavam, dentre eles o Rio Maranhão¹¹:

Era, como se vê, muito precária, mas esse estado de abandono e desleixo é próprio das colônias desta região e não dependia de boa vontade alojar-nos melhor, o que aliás era completamente impossível. [...] pouco depois de estarmos mais ou menos acomodados, apareceram vários moradores distintos da povoação, entre eles o lugar-tenente, para nos derem as boas-vindas. Foram todos muito corteses e atenciosos e, segundo o costume do país, desmancharam-se em cumprimentos. Conforme percebi depois, aquela

¹¹Maranhão era assim chamado o afluente do Rio Tocantins, que era ligado junto a província de Goiás. (ROSENTHAL, 2010)

boa gente estava na ilusão de que eu era inglês e viera explorar as minas de ouro. Indagaram sobre tudo que pudesse esclarecê-los a esse respeito e insistiram especialmente em saber dos meus escravos que estariam a caminho. Asseguraram-me repetidas vezes que a minha chegada era muito desejada, que menos por três anos (PHOL, 1976. p. 174).

Através dos relatos dos diversos viajantes que passaram pela região norte de Goiás, o imaginário de várias pessoas foi construído baseado nesses fatos, o que deve ser analisado com cuidado pelos historiadores, pois estão enraizados de visões que nos dias atuais podem ser consideradas racistas, mas que eram uma tradição do período, onde ser branco era símbolo de dominação e de poder, onde além dos relatos, usava-se também das pinturas como forma de representar o sertão. Se a sociedade de Goiás era tida como preguiçosa, sem futuro ou cheia de doenças, a religiosidade também não fugia das críticas constantes.

Na análise de Rosenthal(2010) apud Pohl(1976) ao descrever a fé da população, vê com um certo desprezo o uso de plantas como remédios eficazes, devido ele próprio ser um médico, onde as tradições orais da época, segundo Teixeira(2013) eram vistas com um olhar fixo dos pesquisadores e viajantes, o que justifica as poucas informações referentes a formação do Estado de Goiás que possui a criação da figura de heroísmo os colonizadores juntamente com os bandeirantes, onde durante vários séculos a história da sociedade goiana, dos povos indígenas, dos negros e também das religiões populares foram silenciados pela historiografia. Bloch(2002, p 192), descreve que o historiador ao analisar os fatos, deve seguir a imparcialidade :

Existem duas maneiras de ser imparcial: a do cientista e a do juiz. Elas têm uma raiz comum, que é a honesta submissão à verdade. O cientista registra, ou melhor, provoca o experimento que, talvez, inverterá suas mais caras teorias. Qualquer que seja o voto secreto de seu coração, o bom juiz interroga as testemunhas sem outra preocupação senão conhecer os fatos, tais como se deram. Trata-se, dos dois lados, de uma obrigação de consciência que não se discute (BLOCH, 2002, p. 192).

Compreende-se que ao descrever os relatos de viagens e como a sociedade goiana era vista pelas lentes europeias, ou até mesmo pela própria população, não se deve julgar inicialmente sem realizar uma análise profunda sobre as raízes dessa sociedade, que possui diversidades, muito menos o julgo sobre aqueles que colonizaram e que muitas vezes utilizaram da violência como dominação, mas deve-se observar os fatos que ocorreram, não os negligenciando, mas demonstrando todos seus pontos, por isso a necessidade de ter se adentrado nesse tópico sobre os processos de formação goiana e da sociedade colonial, para compreender os fatores

religiosos, culturais e sociais sobre o ato de benzer e a utilização das diversidades religiosas e de crenças como formas de cura do corpo e da alma.

1.3 O IMAGINÁRIO DO POVO SERTANEJO GOIANO: CRENÇAS E SEUS COSTUMES

(Amarelo, Azul e Branco)

“Ao meu passado, eu devo o meu saber e a minha ignorância, as minhas necessidades, as minhas relações, a minha cultura e o meu corpo. Hoje, que espaço o meu passado deixa para a minha liberdade hoje? Não sou escrava dele.” (ANAVITÓRIA, 2021)

Ao descrevermos o sertão, é comum ouvir histórias de famílias que contam sobre lendas da localidade, sobre acontecimentos que marcaram suas vidas ou que foram passados de geração em geração. Quem nunca ouviu as lendas contadas pela avó, sobre assombrações, principalmente em dias santos, onde a obediência e o silêncio eram necessários e obrigatórios? Outro exemplo desse imaginário popular, são as crenças como rezar para Santos pedindo que suas preces sejam atendidas, muitos fazendo ritos para esses pedidos. Outros costumes como o contar histórias, todos esses elementos fazem parte do imaginário sertanejo, como é descrito por Azevedo (2012):

O termo imaginário é uma variação recentemente utilizada no mundo, de modo que é inclusive desconsiderada em alguns países. Para Wunenburg (2007, p.7) compreende lembrança, fantasia, sonho, devaneio, crença, romance, mito e ficção. O fato de a palavra ter ganhado grande expressão mundial foi devido à insatisfação com a capacidade do termo “imaginação” conseguir representar algumas realidades como do campo teórico” (AZEVEDO 2017 *apud* WUNENBURGER 2007, p.7).

O imaginário funciona como uma forma de interpretar os principais acontecimentos ao redor, onde o sertanejo usa dele para explicar os fatos, contar histórias que são repassadas, preservando assim uma cultura tradicional e que é frequente ao longo de toda a sociedade brasileira. Nas várias aldeias indígenas, é costume entre os índios contar histórias ao redor de uma fogueira sobre a natureza, sobre os espíritos da floresta, sobre a vida e seus mistérios onde essas histórias muitas não são escritas, mas passadas através do uso da oralidade, o que muitas vezes dificulta o trabalho de historiadores e de pesquisadores, pela falta de documentos, mas ao mesmo tempo é de grande admiração a forma como são

repassadas as histórias. Essa forma de transmissão dos fatos pode ser compreendida segundo (Azevedo 2012 *apud* Wunenburger, 2007) como uma forma individual de ver a realidade, onde daí vem a palavra imaginário de imaginação. Ou seja, o ser humano através de suas vivências e do local onde vive, cria seus próprios mitos e sua forma de ver o mundo.

Uma das formas mais claras da formulação do imaginário, são os textos de literatura de viagem, onde os navegantes de acordo com sua visão, geralmente eurocêntrica descrevem os locais por onde viajam, as dificuldades que passam, mas principalmente as diversidades presentes nos lugares onde passam. Durante o período colonial, os relatos de viagem ajudaram aos europeus compreenderem como eram os solos brasileiros, sua população, seus costumes, que são tidos geralmente com um olhar de estranheza e também de negatividade e admiração a fauna e flora. Souza(S/D), descreve como os Europeus viam o novo mundo e seus imaginários:

O imaginário, ou seja, o conjunto das idéias e imagens que faziam parte da mentalidade dos europeus, foi projetado sobre aquilo que eles viram de diferente durante as viagens pelo mar, e também ao entrarem em contato com terras desconhecidas. Dessa forma, quando eles chegaram às terras que mais tarde chamaram de Continente Americano, tudo aquilo que havia de exuberante ou de estranho foi identificado com as imagens que já lhes eram familiares (SOUZA, S/D, p. 02).

Todo esse imaginário¹² presente no olhar dos europeus, era repassado para a sociedade ocidental, que criam um olhar negativo sobre a cultura brasileira e os costumes, sendo tidos muitas vezes como atrasados, sem qualquer presença de civilização, não sendo admitidos as tradições populares. Enquanto havia por parte dos europeus uma negação dos costumes brasileiros, a população desfrutava dessa diversidade de culturas e tradições. Em Goiás por exemplo, o imaginário é carregado de lendas e de costumes principalmente através do uso da literatura, onde uma figura emblemática da literatura goiana, é Cora Coralina ¹³que descreve os principais aspectos da sociedade goiana dando destaque a sua cultura e tradição, dentre um

¹² Segundo Garcia; Oliveira (2014, p 46) o termo imaginário é uma variação recentemente utilizada no mundo, de modo que é inclusive desconsiderada em alguns países. Para Wunenburger (2007, p. 7) compreende lembrança, fantasia, sonho, devaneio, crença, romance, mito e ficção. Nesse caso, imaginário seria um relato de algo, de um fato, de uma situação, algo que pode ou não existir conforme e o que pretende descrever.

¹³ Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas nasceu a 20 de agosto de 1889, na cidade de Goiás, Estado de Goiás. Filha de Jacintha Luiza do Couto Brandão Peixoto e do desembargador

dos aspectos o ato de benzer e de curar através de rezas, costume esse muito frequente no sertão do cerrado:

Todas as Vidas (Cora Coralina, 1983)¹⁴

Vive dentro de mim
 uma cabocla velha
 de mau-olhado,
 acocorada ao pé do borralho,
 olhando pra o fogo.
 Benze quebranto.
 Bota feitiço...
 Ogum. Orixá.
 Macumba, terreiro.
 Ogã, pai-de-santo...

Vive dentro de mim
 a lavadeira do Rio Vermelho,
 Seu cheiro gostoso
 d'água e sabão.
 Rodilha de pano.
 Trouxa de roupa,
 pedra de anil.
 Sua coroa verde de são-caetano.

Vive dentro de mim
 a mulher cozinheira.
 Pimenta e cebola.
 Quitute bem-feito.
 Panela de barro.
 Taipa de lenha.
 Cozinha antiga
 toda pretinha.
 Bem cacheada de picumã.
 Pedra pontuda.
 Cumbuco de coco.
 Pisando alho-sal.

Vive dentro de mim
 a mulher do povo.
 Bem proletária.
 Bem linguaruda,
 desabusada, sem preconceitos,
 de casca-grossa,
 de chinelinha,
 e filharada.

Vive dentro de mim
 a mulher roceira.
 – Enxerto da terra,
 meio casmurra.
 Trabalhadeira.
 Madrugadeira.
 Analfabeta.
 De pé no chão.
 Bem parideira.

¹⁴ Disponível em: <http://zezepina.utopia.com.br/poesia/poesia12.html> Acesso em: 02 Jun 2022

Bem criadeira.
Seus doze filhos.
Seus vinte netos.

Vive dentro de mim
a mulher da vida.
Minha irmãzinha...
tão desprezada,
tão murmurada...
Fingindo alegre seu triste fado.

Todas as vidas dentro de mim:
Na minha vida –
a vida mera das obscuras (CORALINA, 1983)

Como apresentado no poema de Cora Coralina o imaginário trazido por ela, trata sobre suas vivências, suas raízes e tradições devida, onde podemos relacionar esse poema com as experiências de vida da população rural e negra que durante muito tempo teve sua história marginalizada e desprezada, e com a evolução da historiografia que passa a trazer os grupos sociais antes apagados da memória, há a abertura de espaço para a discussão e abordagem sobre as diversidades culturais, como é trazido por Patlagean (1988):

O domínio do imaginário é constituído pelo conjunto das representações que exorbitam do limite colocado pelas constatações da experiência e pelos encadeamentos dedutivos que estas autorizam. Isto é, cada cultura, portanto cada sociedade, e até mesmo cada nível de uma sociedade complexa, tem seu imaginário. Resulta daí que, se quisermos conhecer, através de todos esses temas, o imaginário das sociedades afastadas de nós no tempo, ou aliás no espaço, não evitaremos traçar o limite que o separa do real exatamente onde esse limite passa por nós mesmos, em nossa própria cultura (PATLAGEAN, 1988. p. 291).

Com o uso do imaginário na história, pode-se compreender as várias expressões de costumes e tradições, e passa-se a entender o porquê da necessidade de se explorar o pensamento humano, suas ideias, suas pulsões e seus desejos. Esse é um dos elementos utilizados ao se tentar compreender as divergências de atitudes e ações.

É através das ideias de determinado grupo social, que é possível compreender como funciona a estrutura dessa sociedade, nesse caso a das benzedeiças, possuem como principal foco a fé elemento que as move e as impulsionam a realizarem as curas e os ritos movidas por uma força que vai além do mundo humano, mas que perpassa a natureza, o meio onde vivem sendo explicado por Otto (2007) como algo irracional:

Por “irracional” não entendemos o vago e néscio, ainda não submetido à razão, nem a birra das pulsões individuais ou das engrenagens do mundo contra a racionalização. Usamos aquele linguajar presente. Por exemplo ao se dizer de um evento um tanto singular, que por sua *profundidade* foge à interpretação inteligente: “Isto tem algo de irracional”. Por “racional” na ideia do divino entendemos aquilo que nela pode ser formulado com clareza, compreendido com conceitos familiares e definíveis. Afirmamos então que ao redor desse âmbito de clareza conceitual existe uma esfera misteriosa e obscura que foge não ao nosso sentir, mas ao nosso pensar conceitual e que por isso chamamos de “o irracional” (OTTO, 2007. p 98).

Percebe-se então a necessidade de entender esse irracional conjuntamente com o imaginário não como algo pronto e acabado, mas como elementos que perpassam por mudanças e que resguardam ao mesmo tempo um passado de uma sociedade que pode ser contado através da transmissão dos saberes de acordo com o imaginário daqueles que detém esses saberes, como é apresentado por Lemos (2018. p. 20):

Para Weber, a magia, como foi citado, assume uma conotação ligada diretamente ao imaginário de quem a produz e de quem a recebe como graça divina. No caso das benzedeadas, é preciso situar a magia dentro das formas citadas, pois a benzedeadada é aqui tipificada no agente ritual e no mago, mas ela, ao mesmo tempo em que recorre aos elementos naturais e ao seu deus, ritual ou antepassados, busca sua fonte inspiradora no Deus maior a que serve (LEMOS, 2018, p. 20).

Compreende-se a partir dos aspectos demonstrados nesse tópico, que para realizar um estudo aprofundado sobre os grupos das benzedeadas, curandeiros e demais denominações para os grupos populares responsáveis pelo ato de curar não somente o corpo, como também a alma e de ter o contato com o sagrado e o transcendente, onde se faz os questionamentos introdutórios para o próximo capítulo: Quem seriam as benzedeadas? Qual o seu ofício? E os aspectos do sagrado e do profano como podem ser relacionados ao ato de benzer? Esses são alguns dos aspectos a serem detalhados no Capítulo dois.

2 BENZEDEIRAS, BRUXAS OU CURANDEIRAS? DESMITIFICANDO O PAPEL DAS BENZEDEIRAS NO PERÍODO COLONIAL AO PERÍODO REPUBLICANO

Figure 4: Rezadeira Dona Dota, Foto Cris Isidoro-Diadorim Ideias.



Fonte: [http://mapadecultura.com.br/manchete/as-rezadeiras-de-trajano#prettyPhoto\[pp_gal\]/1/](http://mapadecultura.com.br/manchete/as-rezadeiras-de-trajano#prettyPhoto[pp_gal]/1/)

Valha-me, Nossa Senhora,
Mãe de Deus Nosso Senhor.
já fui homem, fui menino,
mas é sempre a mesma dor.
Fui sozinho, até agora,
Nenhum bem, nenhum valor.
Perdoe, Nossa Senhora,
Não vivo mais nessa dor ¹⁵

A música de Geraldo Vandré, demonstra a fé do povo sertanejo, que devido suas dificuldades e as divergências sofridas em suas vivências, encontram na fé uma

¹⁵ VANDRÉ, Geraldo. Ladainha. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/geraldo-vandre/83228/>
Acesso em: 27 ago 2022.

forma de acalento. Não poderia ser diferente ao analisar as mulheres benzedeadas que convivem com diversas adversidades, sejam de visibilidade ou os preconceitos tão frequentes na sociedade ainda que existam leis que permitam a liberdade de exercerem sua fé e crenças, existe a intolerância religiosa, elemento que será explicado mais futuramente.

Esse capítulo visa principalmente analisar o porquê o preconceito contra as benzedeadas e as religiosidades populares ainda predomina. Para desmitificar os mitos, é necessário observar e questionar quem são essas mulheres, o que as movem a realizarem as curas e orações? são cobradas quantias em dinheiro nos atendimentos? como ainda permanece a utilização dos benzimentos? o que diferencia as benzedeadas dos “charlatões”? Para responder esses questionamentos cabe inicialmente analisar o período colonial e as práticas de curandeirismo e feitiçaria.

Na tradição e no convívio social, o povo brasileiro principalmente das regiões interioranas, preservam muitas de suas tradições e costumes que perpassa as gerações. Um dos costumes que ainda resistem ao tempo, é o ato de pedir a benção seja para o pai, a mãe, avó, avô, como uma forma de respeito e de proteção. Tal ato que pode ser considerado tão simples, é carregado de significados e simbologias.

Segundo Santos (2016) a simbologia nas tradições populares é repleta de significados e de importâncias onde com a chegada dos colonizadores em 1500 já era presente em solo brasileiro, o hábito e o costume dos xamãs e dos povos indígenas utilizarem de ervas e de rituais para buscar curar doenças, prever o futuro, sem falar do uso da astrologia para se guiarem sobre os fatos e acontecimentos:

Entre as formas adotadas para a realização das curas estão os procedimentos de caráter religioso conforme Souza, os africanos, índios e mestiços foram os grandes curandeiros do Brasil colonial. O conhecimento que tinham das ervas e de procedimentos ritualísticos específicos de seus universos culturais atrelam-se ao acervo europeu da medicina popular (SANTOS, 2009. p. 3).

Um dos processos de dominação dos povos originários, foi a utilização da evangelização feita pelos jesuítas da Companhia de Jesus, que catequisavam e ensinavam os indígenas como realizarem orações. Ocorre então um processo de sincretismo religioso, onde se misturam os ritos e tradições dos povos indígenas com a fé católica, prevalecendo principalmente o catolicismo. Muitos escritores e principalmente historiadores fazem uma crítica em relação ao termo Sincretismo, por acreditarem que é uma palavra que remete ao período colonial e que foi utilizada como

forma de abafar as tradições originárias, que eram tidas como primitivas e diabólicas. Fala-se de sincretismo como um elemento que permeia um processo de dominação de outras culturas e tradições, que passaram por um processo de evangelização. É o que ocorre com os povos tradicionais e logo após, com os escravos, que passavam por batismos, mudanças de nomes, além de terem que deixar suas tradições:

Para os invasores que chegava, os habitantes nativos nada mais eram do que bárbaros- o gentio a escravizar e explorar. Sem os ornamentos dos povos civilizados, possuíam, contudo, um conhecimento elaborado sobre o meio em que viviam e natural capacidade de adaptação. Eram sensíveis ao belo, cultivavam a memória de seus ancestrais, possuíam fortes vínculos familiares e no trabalho observavam as condições de idade e de sexo. Os jesuítas aportam com a missão de difundir a fé católica, seguindo as orientações do regimento de D. João III. A conversão dos indígenas, através da catequese e da instrução, é um de seus principais objetivos (VIEIRA, 2011. p. 33-42).

Mesmo com os processos de evangelização e diversos conflitos, os povos originários além da população negra, usaram de suas crenças e costumes como forma de preservar suas identidades, onde é gerado da junção das diversas culturas um processo de hibridismo ¹⁶perpassando dois elementos descritos por Ganglietti(S/D) dentre eles o descolecionamento e a desterritorialização onde o primeiro se relaciona a questão da recusa de bens culturais colecionáveis, ou seja o conhecimento de uma comunidade não se baseia mais apenas nela, onde ocorre o processo de desterritorialização, determinado costume e tradição não fica apenas fechado nas comunidades mas passa a ser transmitido, sofrendo transformações (Ganglietti,S/D) e adaptações Atualmente, muitos antropólogos, criticam o uso do termo aculturação, por se relacionar a um processo de eurocentrismo, usando o termo hibridismo:

Canclini prefere chamar essa nova situação intercultural de hibridação em vez de sincretismo ou mestiçagem, “porque abrange diversas mesclas interculturais - não apenas raciais, às quais costuma limitar-se o termo ‘mestiçagem’ - e porque permite incluir as formas modernas de hibridação, melhor do que ‘sincretismo’, fórmula que se refere quase sempre a fusões religiosas ou de movimentos simbólicos tradicionais” (2006, p. 19). O autor transita entre diferentes manifestações culturais e artísticas (muitas delas anônimas): desde passeatas reivindicatórias, passando pela pintura, arquitetura, música, grafite e histórias em quadrinhos até a simbologia dos monumentos. Desse modo, reflete sobre o que chama de migrações multidirecionais, relativizadoras do paradigma binário (subalterno/hegemônico, tradicional/moderno) que tanto balizou a concepção de cultura e poder na modernidade (GANGLIETTI, S/D p. 06).

¹⁶ Anteriormente, o termo utilizado era aculturação, onde com as mudanças feitas através da antropologia, passou-se a utilizar para conceituar a junção de diversas cultural a palavra hibridismo. Autores como Alfredo Bosi, tratam que a aculturação foi um elemento utilizado para sujeitar um povo a um padrão tido como superior, ocorrendo em períodos históricos diferentes (SILVA)

Esse processo de hibridismo pode ser referenciado nos usos e práticas curandeirísticas, se assemelhando a uma concha de retalhos que junta diversos elementos. Muitos dos que praticam o ato de curar através de rezas e ervas, adquirem essas tradições a partir da infância, compreendendo em seus grupos sociais a importância das ervas e suas funções, aonde essa tradição vem através dos povos africanos e indígenas que já faziam uso de ervas de diferentes tipos. No estudo realizado por Rodrigues, Souza (2017), foram descobertos através de relatos de raizeiros¹⁷ que descreveram as plantas mais recomendadas para feridas, apresentando um quadro

Quadro 1: Plantas recomendadas para curar feridas

Plantas medicinais indicadas		Partes utilizadas		Modo de uso		Confirmação
Plantas Indicadas	Nome científico	Raizeiros	Literatura	Raizeiros	Literatura	Indicação*
Ameixeira	<i>Ximenia americana</i>	Casca e Entrecasca	Semente e casca	Chá e tintura	Decocção, macerado, tintura	SIM
Aroeira	<i>Myracrodruon urundeuva</i>	Casca e Entrecasca	Casca, entrecasca e resina	Chá, tintura e pó	Tintura, macerado e decocção	SIM
Babosa	<i>Aloe vera</i>	Casca e Folha	Folha	Chá, tintura e macerado	Pó, infusão, extrato seco e pasta da folha seca	SIM
Barbatimão	<i>Stryphnodendron barbatiman</i>	Casca e Entrecasca	Casca e folhas	Chá, tintura, garrafada e pó	Infusão das folhas, decocção da casca e macerado	SIM
Cajueiro Roxo	<i>Anacardium occidentale</i>	Raiz e Casca	Entrecasca	Chá, tintura, xarope e garrafada	Macerado, decocção, extrato fluido e tintura	SIM
Cascara Sagrada	<i>Rhamnus purshianus</i>	Entrecasca	Casca e entrecasca	Tintura e pó	Chá e infusão	NÃO
Confrei	<i>Symphytum officinale</i>	Folha	Raízes e folhas	Tintura	Tintura, infusão, cataplasma e decocção	SIM
Copaíba	<i>Copaifera cearensis</i>	Óleo	Óleo e resina	Óleo	Óleo essencial e resina	SIM
Cumarú	<i>Dipteryx odorata</i>	Casca	Casca e semente	Chá	Decocção, tintura e extrato fluido	NÃO
Favela	<i>Cnidocaulis phyllacanthus</i>	Raiz e Casca	Casca	Chá e pó	Decocção e macerado	SIM
Ipê Roxo	<i>Tabebuia avellanaeoides</i>	Entrecasca	Casca	Chá	Decocção, macerado, extrato fluido	SIM
João Mole	<i>Pisonia tomentosa</i>	Casca	Casca	Pó	Infusão	NÃO
Juá	<i>Zizyphus joazeiro</i>	Casca	Casca, Fruto e Folhas	Chá	Decocção, infusão, extrato fluido e tintura	NÃO
Jucá	<i>Cassipouira ferrea</i>	Casca	Casca, raízes, folha e fruto	Tintura	Infusão e extrato fluido	SIM
Jurema Preta	<i>Mimosa acutistipula</i>	Entrecasca	Casca	Tintura	Infusão, decocção e tintura	NÃO
Quina-Quina	<i>Coutarea hexandra</i>	Casca	Folhas e casca	Chá	Infusão de folhas e decocção de cascas	SIM
Quixabeira	<i>Sideroxylon obtusifolium</i>	Raiz e Casca	Casca	Chá, tintura e garrafada	Macerado na água, decocção, tintura e extrato	SIM
Romã	<i>Punica Granatum</i>	Casca, Semente	Casca do caule e da romã, folhas, raiz, arilo e polpa da semente	Chá e tintura	Macerado, extrato fluido, infusão e decocção	SIM

Fonte: <https://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/4390/pdf>

¹⁷ Outro conceito conhecido vem se dissociando dos antigos termos ligadas às práticas místicas: o raizeiro. O raizeiro atualmente tem ganhado grande destaque, pois sua atividade trata especificamente do comércio de plantas medicinais, muitas vezes colhidas da flora local. A medicina ligada a práticas naturais, herbais, é o centro de uma nova percepção de vida onde se busca um caminho mais saudável, pela via mais orgânica ou vegana. O raizeiro atual não manipula as plantas, só as vende. SOUZA (2022, p. 151)

Como pode ser visto no gráfico acima, o raizeiro entrevistado por Souza(2017), apresenta uma facilidade em descrever sobre as plantas do cerrado e suas formas de utilização, onde se percebe que além das indicações, são informados também o modo de preparo dos chás e das infusões. Essas indicações e conhecimentos sobre as plantas do cerrado, são remetidas a tradições passadas de uma população que convivia com diversas doenças e se valia através do uso de plantas, essa tradição é tratada por diversas benzedeadas em seus relatos, que além de utilizarem de orações e de gestos, usam também dos elementos naturais como forma de estabelecer a saúde:

De modo geral, as plantas são indicadas e administradas após um ferimento cutâneo, por promoverem a coagulação do sangue, combaterem infecções e acelerarem o processo de cicatrização, que consiste em uma sequência de eventos formada por três fases evolutivas sobrepostas: fase inicial ou inflamatória, fase proliferativa ou de fibroplasia, e fase de remodelação ou maturação. Além de propiciar o rápido fechamento da lesão, alcançar uma cicatriz funcional e esteticamente satisfatória, as ervas são consideradas mais econômicas e acessíveis que os fármacos sintéticos (RODRIGUES, SOUZA, p. 02).

Os benzimentos são elementos que estão repletos de representações, significados e definições. Para compreender esse termo, é necessário explorar os seus objetivos, já que os benzimentos não estão presentes apenas em uma única religião, mas em diversos costumes e imaginários. Dentre algumas das religiões onde se encontra o uso dos benzimentos, podem ser observadas na umbanda, candomblé, espiritismo, protestantismo e no catolicismo:

É no catolicismo oficial que se originam as rezas que também são usadas no catolicismo popular, as quais surgiram da necessidade de sanar males através da força que carregam as palavras sagradas capazes de levar a cura. Vale salientar que as benzeções não devem ser consideradas apenas como uma derivação estrita do catolicismo, uma vez que elas dialogam com várias outras vertentes culturais, tais como as práticas indígenas e afrodescendentes, sendo elas uma prática imersa no hibridismo religioso (CUNHA, 2018. p. 24).

Otto (2011) em o sagrado, apresenta a religião com um aspecto racional, tendo ela diversas definições e o sentimento de necessidade daquilo que transcende, um sentimento de dependência:

Trata-se de um sentimento confesso de dependência que, além de ser muito mais do que todos os sentimentos naturais de dependência, é ao mesmo tempo algo qualitativamente diferente. Ao procurar um nome para isso, deparo-me com sentimento de criatura- o sentimento da criatura que afunda

e desvanece em sua nulidade perante o que está acima de toda criatura (OTTO, 2011, p. 41).

As benzedeadas, se configuram como dependentes do sagrado para realizar suas curas e preces. Cavalcante (2013) afirma que as benzedeadas fazem parte da cultura popular¹⁸ e realizam os seus ritos¹⁹ de forma não oficial, ou seja, não segue os moldes da medicina. Esses benzimentos se inserem na sociedade brasileira devido à falta constante de elementos básicos para saúde, como medicamentos, além da demora para ter um atendimento médico, esses encontrados apenas nas cidades, que acabavam por recorrerem a figura das curandeadas, raizeiras e benzedeadas, que possuíam orações e preces para quase todas as dificuldades e doenças, resolvendo conflitos da comunidade buscando soluções possíveis, mas com as mudanças e as inovações na medicina, percebe-se que atualmente as benzedeadas ainda permanecem com suas tradições e são procuradas, devido a cultura popular e as memórias afetivas em relação a elas Rodriguez(2015). Mas como surgiu essa necessidade e a procura pelo uso dos rituais como elementos de manutenção da saúde?

Cavalcante (2013) descreve que a descrição sobre benzimentos no Brasil, inicia-se no período colonial. Como já apresentado no capítulo um, as doenças eram frequentes, faltava-se meios para tratar de enfermidades como banzo²⁰, uma doença muito frequente nos Africanos que sentiam saudades de sua terra, febre amarela,

¹⁸ Assumindo o risco de simplificar ao externo, é possível reduzir as inúmeras definições da cultura popular. dois grandes modelos de descrição e interpretação. O primeiro, no intuito de abolir toda forma de eurocentrismo cultural, concebe a cultura popular como um sistema simbólico coerente e autônomo, que funciona segundo uma lógica absolutamente alheia e irredutível a da letrada. O segundo, preocupado em lembrar a existência das relações de dominação que organizam o mundo social, percebe a cultura popular em suas dependências e carências em relação à cultura dos dominantes. (CHARTIER, 1995. p. 01) O conceito de cultura é um dos principais nas ciências humanas, a ponto de a Antropologia se constituir como ciência quase somente em torno desse conceito. Na verdade, os antropólogos, desde o século XIX, procuram definir os limites de sua ciência por meio da definição de cultura. O resultado é que os conceitos de cultura são múltiplos e, às vezes, contraditórios. O significado mais simples desse termo afirma que cultura abrange todas as realizações materiais e os aspectos espirituais de um povo. Ou seja, em outras palavras, cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou no plano imaterial, desde artefatos e objetos até ideias e crenças. Cultura é todo complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente. Além disso, é também todo comportamento aprendido, de modo independente da questão biológica (SILVA, SILVA, 2009, p. 85)

¹⁹ Segundo Croatto(2010) em *As linguagens da experiência religiosa*, O rito é o equivalente gestual do símbolo. Dito de outra maneira, o rito é um símbolo em ação. Portanto, é, assim como o símbolo, uma linguagem primária da experiência religiosa. O rito é um texto e, portanto, é uma linguagem. Em uma primeira aproximação, o rito aparece como uma norma que guia o desenvolvimento de uma ação sacra. O rito é uma prática periódica, de caráter social, submetida a regras precisas. Em sua exterioridade, porém, a norma é uma rubrica e não define realmente o que é o mito.

²⁰ Segundo Nei Lopes(S/A) em "Novo dicionário banto" Banzo seria nostalgia mortal que acometia negros escravizados no Brasil, ficando tristes e abatidos lembrando de sua terra.

sífilis e outras doenças que causavam mortes. Inicialmente os adoecimentos eram vistos como castigos ou como algo relacionado ao espiritual, onde a figura da benzedeira ou curandeira entra como aquela que retira as forças malignas e os espíritos negativos, como pode ser visto em um relato trazido pelo autor feito por uma benzedeira entrevistada:

A dor de cabeça, dor de barriga, dor de dente, ventre caído e espinhela caída, são doenças comuns que especialistas populares tratam. Dentre elas, Dona Maria de Seu Bibiu vai mais além, uma vez que a crença de que o corpo pode ser possuído por forças malignas, tão presente no período colonial, ainda resiste na sociedade atual, ela faz orações para fechar o corpo, protegendo-o do mal, de feitiços e de doenças. Ela chega a fazer até exorcismo em quem tem o corpo possuído por alguma entidade ruim (CAVALCANTI, 2013. p. 16).

O uso dos benzimentos são bastante procurados não somente no ambiente rural, mas também no ambiente urbano, permanecendo viva as tradições e os costumes de usar orações, ervas e preces para a cura do espírito ou do corpo. Mesmo sendo vistas como aquelas que proporcionam a saúde e o bem de toda uma comunidade, as benzedeadas são muitas vezes perseguidas, ou tem suas tradições e costumes apagados principalmente pelo desencantamento do mundo de acordo com Cardoso(2014, p.9), onde ocorre uma luta entre religião e magia, decorrente das demandas sociais, dos problemas psicológicos e espirituais, além das diversidades de credos e crenças religiosas. O catolicismo busca então meios para ganhar adeptos já que não se encontra mais no centro das decisões e das ideias da sociedade, o que pode gerar conflitos.

Por se tratar de um elemento que faz parte do convívio social de uma sociedade, o ato de benzer tem simbologias não somente religiosas, mas também populares. Beltrão Junior (2013), aborda que a simbologia é presente em todas as ações humanas, onde somos seres simbólicos, ou seja, deixamos nossa marca registrada através das ações realizadas. A cultura popular, não é diferente, sendo repleta desses símbolos, onde se tecem teias de ligação com os antepassados e com o presente, sofrendo influências do meio onde vivem.

Ao analisar as práticas e usos de rituais populares, muitas pessoas acreditam que essas atividades seguem rigorosamente um rito, mas ao ter um olhar atento para os relatos das benzedeadas entrevistadas por Santos(2012), percebe-se que o ato de dar a bênção pertence ao cotidiano, podendo ocorrer quando estão preparando um alimento, cuidando da casa, ou conversando com alguém, elas já estão praticando um ato sagrado. Nesse sentido, Martins(1998) apresenta que o cotidiano muitas vezes é

tido como algo simples, mas que na verdade cada prática e ação humana tem uma significação e um simbolismo.

Ao relatarem como decidiram ser benzedeadas, muitas mulheres entrevistadas por Santos (2012) relatam que aprenderam as orações observando suas mães, avós e seus parentes, realizando os benzimentos, e ao conviverem com esses costumes, aprenderam e perpetuaram os mesmos no seu cotidiano. As tradições populares, permanecem vivas, devido essa transmissão de saberes para as outras gerações, o que vem se tornando algo complicado, já que os jovens não possuem a compreensão da importância dessa preservação das tradições populares, além da medicina que muitas vezes despreza o uso de rezas e de medicamentos naturais como elementos promotores de saúde.

Peixoto (2012) ao tratar sobre o termo sincretismo²¹, demonstra que ele não se trata de uma violação ou proibição do uso da religião, mas a sociedade passa a não ser orientada mais pela igreja católica, e sim pelas leis estabelecidas pelo Estado. Com isso surge a possibilidade de aderências de diversas religiões e credos. É importante salientar que essa diversidade de credos, uma religião se embasando em outra, vem desde os primeiros séculos do cristianismo, onde o povo sofria com a escravidão, a dor, o sofrimento das doenças sem cura, recorrendo a figura de Deus que atendia suas preces de prontidão, ou conforme a sua vontade. Mesmo com a aderência ao cristianismo, não há como apagar a presença dos rituais aos deuses e das crenças pagãs, onde em cada período há uma necessidade específica:

Os séculos em que mulheres parteiras se empenharam na luta contra a mortalidade materna em nome de Ísis foram seguidos por séculos em que se fez esse mesmo empenho em nome de Maria, nas casas e maternidades cristãs. Acontece que, no universo dos símbolos, nada é definitivo. Por exemplo, algumas igrejas neopentecostais introduzem formas de devoção semelhantes a formas católicas e que atraem muitos fiéis, como o “jejum das causas impossíveis”, da Igreja Universal do Reino de Deus. Por conseguinte, a novidade do cristianismo não tem de ser procurada no nível dos símbolos, ou seja, das imagens ou dos ritos, mas no nível de uma ação eficiente no campo das relações sociais e políticas (HOORNAERT, 2013, p. 10).

²¹ Sincretismo passou a ser identificado com a dominação colonial e por isso considerado por muitos como ultrapassado. Hibridismo é proposto como termo mais amplo. Ambos possuem defensores e opositores, daí o interesse de uma revisão da literatura sobre a matéria que apresentamos a seguir. Na época das pesquisas pioneiras sobre religiões afro-brasileiras de Nina Rodrigues, o conceito de sincretismo era utilizado, mas não chegamos a localizar o uso desse termo em seus escritos, embora muitas vezes ele discorra sobre o fenômeno utilizando expressões como fusão, dualidade de crenças, justaposição de ideias religiosas, associação, adaptação, equivalência de divindades, ilusão da catequese e outras (FERRETI. 2014. p 16).

Essa desvinculação de uma religião central, permite que tenha um estímulo de distribuição de crenças, de acordo com as demandas sociais. Lemos (2012) descreve em seu livro *Religião e tecitura da vida cotidiana*, com o processo de secularização²²na sociedade, a igreja passa a não ter mais a centralidade na sociedade, onde as tradições religiosas passam a terem uma espécie de bricolagem, uma fé é complementada por outra, analisando que os sinais da secularização podem ser manifestados como:

No caso do nível da consciência humana os sinais da secularização são: efeitos socioculturais da religião, ruptura do monopólio religioso, regime de concorrência entre os diversos agentes religiosos (pluralismo religioso/secularização objetiva). Ou seja, na sociedade moderna (pluralista) a definição de realidade dada pelo cosmos sagrado não é mais perceptível para a totalidade da população. É necessário escolher uma concepção religiosa e de mundo entre tantas ofertas no mercado (LEMOS, 2011. p. 12).

Muitas pessoas ao tratarem sobre as benzedeadas, confundem as mesmas com bruxas ou feitiçeadas, denominações que retomam ao período colonial, mas que permanecem muitas vezes na sociedade. Refere-se aqui as bruxas e feitiçeadas não de uma forma negativa, mas devendo compreender que há práticas ritualísticas que podem partir tanto para o bem como para o mal, dependendo de cada visão. É necessário observar, que há também bruxos e feitiçeados, mas faz-se o enfoque para as mulheres nessa pesquisa.

As bruxas possuem uma forte interligação com a natureza e com as forças que nela tem, não atuando unicamente para trazer a saúde, mas estão mais interligadas com as forças espirituais. As feitiçeadas têm grande semelhança com as benzedeadas, mas o que diferenciam ambas, é que tanto as bruxas como feitiçeadas estão interligadas a crenças e costumes não institucionalizados tendo uma maior liberdade em suas ações ritualísticas. Observa-se que a maioria das benzedeadas, de acordo com Farinha(2012) estão interligadas a ambientes religiosos, principalmente na igreja católica e de outras matrizes do cristianismo, essas muitas vezes passando por uma

²² BELTRÃO JUNIOR (2008, p. 03) Descreve que a secularização pode ser entendida pelo declínio da religião, pela perda de posição axial e pela autonomização das diversas esferas da vida social, da tutela, do controle da hierocracia. A religião perde força e autoridade sob a vida privada. RAMOS, JUNIOR(2016) observa que a secularização se relaciona ao desencantamento do mundo, termo esse criado por Max Weber que considera esse um significado que tem maior amplitude em relação a secularização, onde ocorre um processo de racionalização da vida, tendo o abandono das ordens religiosas e em decorrência das guerras de religião e cisões geopolíticas religiosas oriundas do período da reforma, expropriação da propriedade da igreja e, por fim, emancipação do poder político em relação do poder religioso. Pode-se dizer que a secularização não é um processo findo, um fenômeno instantâneo que, uma vez manifestado consolida-se definitivamente em sua amplitude e profundidade podem oscilar de uma sociedade para outra.

intolerância dos membros da igreja, por considerarem os benzimentos como práticas heréticas.

Um caso recorrente desse processo de intolerância religiosa, é perceptível em muitos movimentos religiosos, como a RCC, onde muitas das devotas e frequentadoras evitam demonstrarem que realizam benzimentos, como é apresentado por Farinha (2012), as benzedeadas mesmo apresentando um discurso de que promovem o bem com suas orações, não possuem suas práticas reconhecidas. Compreendendo inicialmente o contexto sobre o ato de benzer, busca-se analisar nesse capítulo quem são as benzedeadas, que elementos fazem parte de seus rituais, além de desmitificar a ideia de que são bruxas ou feiticeiras, demonstrando os verdadeiros objetivos daquelas que realizam orações em prol dos desfavorecidos e dos doentes, não somente de corpo, mas também de alma.

Fazendo esse esboço inicial sobre as benzedeadas, agora se faz necessário o apontamento sobre as práticas de cura e benzimentos no período colonial. Em muitos casos, as benzedeadas eram confundidas e relacionadas a bruxas, visão elaborada devido o imaginário popular e o descrédito da própria medicina as práticas utilizando de ervas e orações. Mesmo com o surgimento e o avanço da medicina, a medicina em Portugal era muito atrasada e se embasava nos estudos de Aristóteles, não utilizando de novas abordagens Godinho, Silva (2016. p. 45) o que justifica a desconfiança da população em relação a medicina. Alguns aspectos a serem apresentados nesse tópico, são a desmitificação de quem são as benzedeadas, apresentando o que as diferenciam, além das suas práticas nos locais mais afastados dos centros e sua função para a comunidade. Será aprofundado também, a questão dos charlatões e os seus malefícios.

2.1 O USO DE PRÁTICAS MÍSTICAS E RITUAIS NO PERÍODO COLONIAL: ENTRE BRUXAS A BENZEDEIRAS

Figure 5: A feiticeira – Brocos, Modesto, 1932.



Fonte: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon414816/icon414816.jpg

Muito do que se produz no imaginário popular, perpassa por lendas, mitos, histórias que causam medo e geram traumas e receios. Dentre essas histórias, há uma referência a presença das temidas bruxas, usadas como elemento de temor e de controle sob as crianças, mas que anteriormente era um medo enraizado na sociedade medieval. O medo era um elemento utilizado na idade média e moderna, para o controle da sociedade, onde as mulheres eram vistas como figuras sedutoras e diabólicas:

No imaginário europeu, o medo passou a ser um dos instrumentos principais de opressão para sustentar o domínio dos reis e do clero, numa sociedade extremamente religiosa, assombrada com o fim do mundo. Nessa realidade, as mulheres sofreram com a marginalização, descritas pejorativamente na perspectiva masculina e religiosa (SILVA, 2016, p. 47).

Podemos perceber esse medo e receio em algumas músicas e canções de roda, além de uma frequente relação entre bruxas e as figuras da Matinta Pereira²³, caipora, que são entidades protetoras do meio ambiente, e que se relacionam ao cotidiano da sociedade. Essas entidades que são tidas como bruxas, representam as forças da natureza, e que se relacionam com o povo ribeirinho e amazonense local de

²³ A Matinta Pereira é, via de regra, uma senhora idosa em condições de se metamorfosear em uma espécie de pássaro de hábitos noturnos e transitar pela comunidade. O que marca a presença da Matinta é seu trinado: fiiite, fiiite, fiiite, Matiiinta Perera. Para a certeza do reconhecimento, é necessário identificar o nome da divindade em seu canto, aquilo que os moradores dizem que é dobração do seu assobio caso contrário, o apito noturno pode indicar a presença de outras entidades⁶ (a Curupira ou a Mãe d'Água) que emitem o mesmo assobio, com a diferença de não dobrarem o canto (ALVES JUNIOR, 2014. p. 08)

lendas e mitos, sendo um sistema de trocas onde se oferece elementos do cotidiano (fumo, pinga) para a entidade, e se recebe a proteção.

No período colonial brasileiro, o uso da medicina era precário e a presença de doenças era frequente, restando a população usar de sua fé e crenças para buscar curar e reestabelecer a ordem do cosmos. A presença de doenças era compreendida como um castigo para as almas pecaminosas, sendo provocado por presenças diabólicas que causavam os malefícios para as almas.

O uso de ervas, plantas e dentre outros meios que faziam parte da natureza, como plantas, ler mãos necessitava de uma força para idealizar aquele desejo do feiticeiro e daquele que desejava o feitiço, onde diferente da bruxaria, utilizava-se de pactos com o Diabo realizando sacrifícios macabros, onde surgem essas ideias criadas em sua maioria no imaginário que temia a presença de bruxas, sendo essas relacionadas a comedoras de crianças, e que possuíam algumas características que as identificavam:

A bruxaria podia atuar à distância, pois o desejo do bruxo bastava para que o malefício se realizasse. Isso correspondia ao imaginário cristão de pacto com o demônio, a quem se entregava a alma, renegando a fé cristã. Já a feitiçaria necessitava de um meio para alcançar seu objetivo, para que o desejo do feiticeiro ou da pessoa para quem o feitiço era feito se realizasse (SILVA, 2016. p. 51).

O local das feiticeiras, era geralmente relacionado ao campo, onde inicialmente vivam e praticavam seus rituais, longe das burocracias sociais e das regras das cidades, possuindo mais liberdade, o que justifica o porquê estarem tão ligadas a natureza e utilizarem de plantas como elementos de cura.

A permanência dessas ritualísticas e do uso de benzimentos na sociedade colonial pode ser justificado pela questão de que essas mulheres usavam de uma força divina, ou seja, o transcendente²⁴, aquilo que ia além do humano, promovendo o bem de toda a comunidade, muito diferente dos charlatões, descritos como aqueles que usavam mesinhas de adivinhação e que eram movidos por forças diabólicas, visando apenas o lucro SILVA (2016. p. 61). A preocupação constante em estender a vida, era um dos elementos que justifica o porquê tantas pessoas recorriam a benzedoras, curandeiras e até mesmo a feiticeiras para melhorarem suas vidas, onde

²⁴ O transcendente pode ser visto na história A Águia e a Galinha de Leonardo Boof, onde o ato de transcender-se é o ato de sair de si e ir para muito longe onde o ser humano se desperta do sono e abre suas asas para voar onde somos parte de algo que vai além de nossa existência humana e perpassa pelo divino, como um elemento que faz o ser humano buscar tomar decisões e olhar para seu interior.

no período colonial a taxa de vida era curta, devido a tantas doenças que amedrontavam a sociedade:

Os feiticeiros e seus feitiços apresentavam respostas e soluções contra questões aparentemente insolúveis, davam cura e protegiam aos que a eles recorriam. Também tinham a capacidade de provocar o mal, caso desejassem ou fossem instigados a isso. A sua ação, ambígua por natureza, causava medo, repúdio, admiração e até mesmo descrença frente aos espectadores. O universo mágico do qual participavam – e que tendia a desaparecer nos olhares dos indivíduos mais próximos ao racionalismo iluminista de finais do século XVIII¹⁴⁵ – dava liga a todo um mundo habituado à presença do maravilhoso, de pessoas mágicas e inexplicavelmente dotadas de poderes sobrenaturais (SANTOS JUNIOR , 2015. p. 91).

É visto que a figura dos feiticeiros, não são apenas procurados no período colonial por falta de médicos e de remédios, mas também pela questão do costume e tradições que são preservados naquela comunidade e que são transmitidos de geração em geração. Mesmo sendo um elemento proibido e visto como negativo pela medicina tradicional, o curandeirismo e os benzimentos permaneceram sendo usados por uma sociedade que não se via sendo representada pela medicina. Muitos dos termos utilizados pelos médicos eram de difícil compreensão para a população, o que gerava dificuldades, além de usarem de métodos que não solucionaram os problemas:

A atividade dos empíricos era destinada daquela dos médicos, estes utilizavam termos técnico-científicos de difícil compreensão pelos doentes e seus familiares, o que os afastava do processo de diagnóstico e cura dos males, os empíricos praticavam da vivência diária dos habitantes, compartilhavam o mesmo código cultural e a mesma linguagem, o que facilitava o processo terapêutico (MAGALHÃES, 2011, p. 04).

Del Priore (2011), em seu livro *História das mulheres do Brasil*, trata que as receitas e recomendações médicas se assemelhavam mais a receitas de feitiçaria, criando definições e termos que causavam um estranhamento para a população:

Enquanto em outros países europeus a experimentação científica orientava as pesquisas sobre o corpo e as doenças, em Portugal a crença na ação diabólica era base dos remédios que serviam para combater as *desgraças* biológicas, que mais pareciam saídas de tratados de feitiçaria. Tomem um cão preto, pendure-se com os pés para cima e bem seguro no ramo de uma árvore, ou coisa semelhante, e estando assim pendurado o açoutem e façam enraivecer muito, e então lhe cortem a cabeça de repente. Esta cabeça se meta em uma panela nova (DEL PRIORE, 2011, p. 67).

Ao procurarem por meios de solucionar os problemas que afligiam, dentre eles doenças, problemas familiares, dificuldades financeiras, muitos charlatões aproveitavam da situação ingênua e simples da população para conseguirem dinheiro e fazerem riquezas enganando as pessoas. Muitos foram os casos de crimes que geraram até casos de morte. Busca-se a partir desse segundo tópico analisar quem

eram os charlatões, curandeiros e até ciganas que buscavam apenas benefícios próprios e suas histórias no período colonial.

2.2 CHARLATÕES: O MAL DO SOLO BRASILEIRO E DA SAÚDE, DESVENDANDO OS MISTÉRIOS

Em sociedades onde prevalece a presença de doenças e miséria, muitos indivíduos aproveitam da situação de extrema pobreza para lucrar em cima das dificuldades sofridas. Os charlatões sempre foram presentes no cotidiano das cidades, e não era diferente na colônia, onde há diversos relatos relacionados a esses criminosos, cujo malefícios eram grandes, tirando até a vida de muitas pessoas. Mas como eram feitos esses rituais que causavam tantos danos? Que malefícios foram feitos por eles? Essas são algumas questões a serem respondidas nesse tópico. É necessário perpassar pelos grupos de criminosos que utilizavam de má fé as crenças populares, para compreender e diferenciá-los das benzedadeiras, que verdadeiramente usavam de ritos e de elementos sagrados, sem fins lucrativos.

Mesmo sendo o século em que as leis e a forma de administração eram defasadas, não havia uma tolerância para com aqueles que cometiam crimes relacionados a uso de raízes e de remédios que causassem danos na saúde da população. Observando alguns desses casos, um que chama a atenção, ocorreu no atual Estado de Goiás, em Santa Cruz, onde um negociante manda uma carta ao inspetor de saúde, denunciando um farmacêutico pela morte de sua mulher, por aplicar uma medicação incorreta e causar seu falecimento:

No dia 5 de maio de 1889, João Nepomuceno Nunes Nogueira, viúvo, negociante residente em Santa Cruz, enviou uma carta ao inspetor de saúde da província de Goiás, José Netto Carneiro, formado na Faculdade de Medicina da Bahia, acusando Antônio Martins Mundim de exercer ilegalmente a medicina e de ser responsável pela morte de sua esposa, dona Emília. Conforme o relato do viúvo, Mundim tirou licença para abrir uma farmácia na cidade de Entre Rios, mas em todo lugar que chegava se intitulava farmacêutico, como se, para tanto, estivesse autorizado por um título acadêmico. De acordo com a denúncia, o próprio licenciado manipulava e vendia suas drogas por preços lesivos e escandalosos. Além disso, possuía um pequeno negócio de roupas junto ao da botica, infringindo o artigo 72, parágrafo 10 e 64 do decreto 9.554 de 3 de fevereiro de 1886, que reorganizava o Serviço Sanitário do Império. Visitava os doentes e receitava remédios, o que constituía prática ilegal da medicina. É através da manipulação do remédio que a consulta médica se completa". Percebe-se que a fronteira de atuação dos médicos e dos farmacêuticos não era nítida, o que gerava conflitos entre eles. Em relação ao tratamento de sua esposa, João Nepomuceno menciona que, talvez por sutileza, o falso médico tenha

deixado de registrar o uso de um emplastro de timbó (cipó que contém propriedade anestésica) que, uma hora após ter sido aplicado, só fez piorar a condição da paciente: seus lábios ficaram roxos e ela passou a ter convulsões nervosas. Tentando reverter este quadro, Mundim ministrou-lhe xarope de coral que, de acordo com o marido, só agravou o estado da enferma, que começou a vomitar às oito horas da manhã, não parando até a uma hora da manhã do dia seguinte, lhe sobrevivendo evacuações alvas que se repetiram por quatro dias (MAGALHÃES, 2011, p. 02).

Nas províncias havia a presença de inspetores da saúde que ficavam atentos aos usos de ervas e de curas feitas com rezas, sendo tidas como elementos de atraso e que deveriam ser evitados, mas o que era abominado era o uso de lucros em cima de mentiras e a administração de medicamentos indevidamente. Os charlatões eram caracterizados por seus procedimentos desastrados, que utilizavam de remédios que continham fórmulas não reveladas, onde muitas vezes cometiam erros como cortes indevidos, mutilando e até matando, onde se fez cada vez mais rígido as leis que estabeleciam a profissão de médico, o que não evitou que esses crimes acontecessem, já que a maioria do país não possuía médicos (MAGALHÃES 2011, p. 05).

Retomando ao Brasil do século XIX e XX, mesmo com a criação de leis e de um crescimento da medicina e das novas técnicas, a população ainda optava pelo uso de curandeirismo já que os médicos não alcançavam toda a parte do país, onde ocorria uma certa rivalidade entre médicos formados e com diploma e as benzedeadas, curandeiros e raizeiros, por serem tidos como atrasados e não dispor de fundamentações científicas. Mas mesmo com esse discurso, alguns doutores tiveram que se adaptar as realidades culturais estabelecidas nas localidades, para com que a população aceita-se os tratamentos, usando de técnicas de pajés até de negros escravizados (OLIVEIRA, 2011).

Outro caso que chama a atenção em relação aos charlatões, é um caso da cidade de Joinville onde um determinado curandeiro, é acusado pelo jornal de cometer atos que corrompem com a paz das famílias, hipnotizando a todos e ganhando a confiança:

No ano de 1913, foi publicado o relato de um caso de charlatanismo médico na Gazeta de Joinville sob o título 'Crime Encoberto'. O curandeiro, de nome João Cardinal, segundo a Gazeta, "zombava das autoridades municipais" ao manter uma placa à frente de sua residência indicando os serviços de cura que oferecia à população joinvilense. Taxado de charlatão, cardinal supostamente gozava da "inobservância das leis ao exercer abertamente a medicina, praticar o hypnotismo e corromper famílias" (GAZETA DE JOINVILLE, 03/05/1913, p.1). Estas três acusações podem ser notadas neste primeiro artigo-denúncia da Gazeta de Joinville, no qual Cardinal é considerado culpado de ter, após convite, se introduzido perniciosamente no

lar de uma família a qual todos os membros se encontravam doentes (o jornal não especifica de maneira clara qual seria a doença), embora também tenha logrado obter resultados curativos positivos com a dona de casa, a quem, segundo o jornal, se dedicara quase que com exclusividade (OLIVEIRA, 2016, p. 08).

Esse charlatão era tido como um grande problema para a cidade, por fazer várias vítimas, alegando-o de receber uma autorização do superintendente municipal, sendo absolvido dos crimes, apenas alegando ter essa permissão, o que demonstra que a segurança e o uso de diplomas era algo pouco exigido em determinadas cidades, devido à falta de médicos preparados e as constantes necessidades das famílias que estando em situações delicadas, acabavam sendo vítimas fáceis para esses criminosos.

Um ponto negativo que pode se retirar dessas acusações feitas pela gazeta de Joinville é a questão de menosprezar o papel dos curandeiros, sendo generalizada a ideia de que são charlatões que causam prejuízos, onde por isso aqueles que realizavam as práticas de cura com rezas e ervas no sentido de promoverem o bem-estar, passam a serem vistos de forma totalmente negativa.

Outro exemplo claro dessa negatividade gerada através das manchetes de jornais locais, é o caso de Antônio Schlossarszik, um húngaro que foi acusado de matar um recém-nascido em um trabalho de parto, onde a manchete aumenta a intensidade do caso, falando que o próprio chegou a arrancar os braços e pernas da criança, gerando um monstro e uma imagem totalmente negativa dos curandeiros e principalmente as mulheres curandeiras, (OLIVEIRA, 2011).

Cria-se um espaço de medo e de temor em relação aos casos de mortes onde se culpabilizam principalmente a população que realiza as curas através de sua fé, sendo uma intolerância religiosa gerada também pela presença dos criminosos. Ecco(2011) Santos (2011) apresentam em seu livro *Intolerância Religiosa*, que a intolerância gerada em determinadas religiões e práticas ritualísticas, é gerada principalmente pela ideia de uma verdade absoluta e a imposição de determinados valores como únicos. Esses valores unitários negam o reconhecimento do outro, gerando um processo de exclusão de determinado grupo social, provocando danos. Percebe-se que os danos gerados pela ideia de que as benzedeadas eram bruxas e charlatãs, causa um apagamento de suas histórias e da preservação de suas memórias.

Mesmo havendo essa discriminação contra as benzedeadas, essas ainda permanecem com suas práticas e rituais, além de serem lembradas frequentemente pela memória popular. O que se observa na sociedade globalizada do século XXI, é um processo de comercialização dos elementos que promovem o bem estar e a restauração do cosmos, esse afetado pelo stress, pela rapidez do cotidiano, que afetam a saúde mental e corporal, além das energias negativas, onde buscam apoio das benzedeadas, mas também de elementos comercializados, como pedras, chás, incensos, aulas de yoga, massagens, tudo isso tem sido vendido e comercializado frequentemente em uma sociedade que demonstra estar cada dia mais doente. Dessa forma a religiosidade sai de uma visão sagrada, e passa a ir para um lado profano, ao comercializar e buscar lucros em cima da venda de elementos simbólicos que fazem parte de outras religiões e credos, como afirma Lemos,(2016) Azevedo (2016).

Dentre os aspectos que são analisados nesse trabalho, alguns questionamentos surgem: como são realizados os rituais pelas benzedeadas? Todos podem realizar os benzimentos? Onde elas aprendem as orações e o uso de plantas terapêuticas? E o que caracterizam essas mulheres? Esses são alguns pontos que serão apresentados no próximo tópico.

2.3 BENZEDEIRAS: ENTRE AS PRÁTICAS SAGRADAS E SEUS ESPAÇOS DE ATUAÇÃO

Antes mesmo de surgirem às práticas de benzimentos, o termo benção já era presente no cristianismo, onde ao buscar essa palavra em algumas passagens bíblicas, a cura era algo frequente e buscado por toda a sociedade. Além da cura, as ações e os costumes, todos esses passavam por rituais, onde o elemento a ser respeitado era o sagrado. Isso pode ser visto na bíblia sagrada em alguns trechos, como “E banhará o seu corpo com água no lugar sagrado. Em seguida tornará a pôr as suas vestes e sairá para oferecer seu holocausto e o do povo; e fará o rito de expiação para si e pelo povo “(Lev 16, 24), ou ainda “Não plantarás um poste sagrado ou qualquer árvore ao lado de um altar de lahweh teu Deus que hajas feito para ti” (Dt 16, 21).

Essas duas perícopes demonstram como eram feitos os ritos nas festividades, e como Deus ordena que seus filhos façam os ritos. Eliade (2001), apresenta que o sagrado se relaciona também ao local onde são feitas as preces, orações, onde se

constrói os templos e a forma como são constituídos, tudo isso se remete ao sagrado, que representa o centro de tudo:

A relação íntima entre comização e consagração atesta-se já aos níveis elementares de cultura, por exemplo entre os nômades australianos cuja economia se encontra ainda no estágio da colheita e da caça miúda. Segundo as tradições dos achilpa, uma tribo aruunta, o ser divino Numbakula comizou, nos tempos míticos, o futuro território da tribo, criou seu antepassado e fundou suas instituições. Do tronco de uma árvore da goma, Numbakula moldou o poste sagrado (Kauwa-auwa) e, depois de o ter ungido com sangue, trepou por ele e desapareceu no céu. Esse poste representa um eixo cósmico, pois foi à volta dele que o território se tornou habitável, transformou-se num mundo (ELIADE, 2001, p. 35).

Esse poste, representa um local onde os indivíduos habitam, preparam suas casas, e criam suas raízes, o que se assemelha ao povo de Israel, que buscava pela terra santa, um local sagrado, onde esse se constitui uma ligação com o divino. Eliade(2001) ainda apresenta que através dessa visão de um lugar sagrado, se faz uma ligação entre o céu a terra e as partes inferiores, ou seja, o mundo além do homem, onde se é possível fazer uma passagem cósmica de um mundo para outro criando espaço de interlocução, e criando um espaço fixo, um rumo ou uma direção que movimenta as ações do homem no tempo e no espaço. Mas o que a construção de um espaço fixo pode ser relacionado as benzedeadas?

Ao analisarmos sobre as práticas e os usos dos benzimentos e estudar determinados relatos das benzedeadas, elas citam que antes de realizarem os benzimentos e as orações, preparam um local específico de sua casa para realizar os ritos, o que pode ser relacionado aos sacerdotes que preparavam um local para construir os templos e realizar orações, o que é resguardado por essas mulheres.

Em entrevista feita por Azevedo (2011) á diversas benzedeadas, ele observa que em algumas das casas, há um local específico para se fazer as orações. Em uma das casas de uma senhora entrevistada, é observado que há um banco onde os adultos se sentam para serem feitas as orações, em outra entrevista, a benzedeadas trabalha em uma creche, onde as próprias professoras ao verem alguma criança doente, pedem para ela realizar orações, pegando algum ramo, e rezando contra quebranto ali mesmo na cozinha.

Ou seja, as orações, preces, rezas, possuem um local específico de atuação, o que remete novamente a uma passagem bíblica que trata sobre o local de oração “Mas quando você orar, vá para seu quarto, feche a porta e ore a seu pai, que está em secreto. Então seu pai, que vê em secreto, o recompensará” (Mt 6).

Cunha (2018, p. 32) afirma que o uso da oralidade é um dos principais elementos simbólicos utilizados pelas benzedadeiras. As palavras remetem a santos, a cura de doenças por meio das divindades, sendo não unicamente o catolicismo, mas havendo um hibridismo e uma diversidade de elementos utilizados nas orações, como pode ser visto em uma oração relatada por uma benzedeira, entrevistada por Azevedo (2015):

Com dois te botaram, com três Jesus benzeria, com as palavras de Deus Pai, o Espírito Santo e a Virgem Maria. Fulano, se tu tiver olhado nos seus cabelos, se botaram no seu tamanho, se botaram no seu corpo, na sua boniteza, na sua feiura, no seu trabalho, na sua preguiça, na sua riqueza, na sua pobreza, na sua inveja, na sua sabedoria, na sua alegria, na sua doença, na sua tristeza (AZEVEDO, 2017, p. 35)

Observa-se que as benzedadeiras recorrem à santíssima Trindade como elemento que retira o Mau olhado, e as energias negativas, onde essas mulheres têm grande importância por utilizarem de uma ligação com o sagrado para serem orientadas das orações²⁵ e dos métodos a serem utilizados.

As benzedadeiras memorizam as orações ou elas são feitas de forma espontânea de acordo com a necessidade da pessoa que é benzida. Ocorre todo um ritual para a preparação das orações e das ervas, onde primeiramente elas fazem um ato de escutar os males que afetam a pessoa, se assemelhando a um médico, depois elas utilizam de ramos específicos para cada mal que atinge a pessoa, e fazem o sinal da cruz, como um sinal para a retirada daquelas energias negativas e das doenças que afligem a pessoa. Uma técnica utilizada que remete a essas mulheres, é o uso das palavras, essas pronunciadas com a voz baixa e calma, transmitindo positividade, como é visto na oração apresentada acima, onde vai se falando palavras que remetem a cura e a saída dos espíritos negativos (AZEVEDO, 2017).

Nosso enfoque sobre as benzedadeiras se dá em relação as do Estado de Goiás, como apresentado no capítulo introdutório, grande parte das mulheres que realizavam os benzimentos eram negras e vinham de diversas partes do país, é o que apresenta Farinha (2012) em sua tese, onde estuda as benzedadeiras da cidade de Anápolis, cidade localizada a 53 km da capital de Goiás, Goiânia. Segundo a autora, grande parte das entrevistadas não nasceram nessa região, vindo muitas de Minas Gerais, São Paulo, devido a formação da capital do Brasil, Brasília, que atraiu diversas

²⁵ A oração ou a prece é um processo fundamental do homem religioso essencial presente em toda as tradições. É o respiro que anima o homem espiritual de uma universalidade que supera a fé. Trata -se de um ato eficaz pois pode suscitar fenômenos extraordinários (USARKI, 2002).

peçoas a região. Criaram laços com os moradores e devido as curas feitas, a sua fama ia repercutindo, mesmo não sendo do interesse delas de serem famosas e de receberem alto crédito, dizendo a maioria que o que curou a pessoa foi a fé, isso fez com que resguarda-se e preserva-se as tradições de benzer e de fazer orações.

Uma pergunta muito importante a ser feita, é como essas mulheres adquiriram a prática de benzer? E como ocorre os ritos para se tornar uma benzedeira? Analisando as pesquisas feitas por Farinha (2012), ela descreve que a maioria dessas mulheres viviam em suas casas, cuidando dos afazeres domésticos e conviviam em sua maioria com figuras femininas, como mãe, avó, tia, essas ensinavam os preparos dos remédios, as rezas, ou muitas vezes as moças observavam o cotidiano de quem as cercava e aprendiam por contra própria e devido as necessidades. Por serem transmitidos usando a oralidade, muito desses costumes se perderam, e outros permanecem vivos. Essas mulheres ao descreverem o que as impulsiona a realizar as curas, falam que são escolhidas por Deus e recebem vários dons:

As pessoa vem mais aqui pra eu rezá de espinhela, cobrero, [...] vem aqui benzê, sara, Jesus cura, Jesus é o médico dos médicos. Quando cê confia em Jesus, cê faz oração e fala: Ó, pode ir embora Jesus te curou já! Tem vez que num precisa vortá mais uma vez, é uma só, num precisa mais. Pela misericórdia de Deus, pela graça de Deus (B, março/2011). (FARINHA, 2012, p. 48).

As práticas ritualísticas, são estabelecidas por métodos e por elementos específicos, dentre eles os símbolos, que representam as experiências religiosas aquilo que os humanos buscam. Croatto(2010, p. 87) demonstra que os símbolos possuem significados e definições diferentes para cada indivíduo, podendo ser um objeto até um indivíduo que tem um significado que vai além do seu sentido, podendo levar o ser humano para diferentes realidades, muitas vezes não sendo definido em palavras, mas algo que revela mistérios e uma experiência com o transcendente. Uma tradição que se remete a figura de Deus, é a ideia de que ele seja como o vento, onde não podemos ver, mas podemos sentir, isso remete ao símbolo, uma forma de trazer e de representar esse contato com o sagrado, onde nem todos os elementos existentes no cotidiano podem ser considerados como simbólicos, esse tendo que representar o sagrado, sendo uma lente que se vê aquilo que não é visível para nossos olhos (CROATTO, 2017, p. 88) .

Alguns símbolos remetem a fé de cada indivíduo, trazendo o seu local de fala e compartilhando de um sentimento de representatividade. No caso das benzedeadas, são apresentados diferentes crenças, como o uso de santos católicos, esses

distribuídos em altares, das festas de reis, das congadas e de outros elementos que fazem parte da cultura tradicional goiana, onde ao tratar sobre essas práticas se percebe os espaços da fé, seja pelo uso de uma cruz, uma corrente, cordões, seja pela roupa que utiliza em seus rituais e nas práticas religiosas, seja pela forma como se pronunciam as palavras, tudo isso são elementos simbólicos sendo fatos sociais (CROATTO, 2017) por isso ao se falar sobre as benzedeadas, percebe-se que muitas pessoas possuem um sentimento de rememoração de sua infância, de terem passado por alguma benzedeadora ou de conhecer algumas, devido os usos de elementos simbólicos que representam essas mulheres.

Apresentado esses aspectos sobre o local de fala e as representações das benzedeadas, faz-se necessário compreender o uso da fé como elemento de promoção da cura e do bem-estar social nos dias de hoje.

2.3.1 Quem são e o que fazem as benzedeadas? O ofício das benzedeadas e sua missão na sociedade

Foi apresentado anteriormente uma abordagem introdutória sobre as práticas de benzimento e o uso do sagrado na cura e promoção do bem-estar, é necessário compreender em seu cerne quem são as benzedeadas e onde elas atuam na sociedade. As benzedeadas, diferentemente dos curandeiros que buscam lucro e até enganam aqueles que o procuram, possuem como principal objetivo a cura e saúde daqueles que estão com seu cosmos afetado, seja por espíritos negativos, mau olhar, seja devido a questão de doenças, como dor de cabeça, dor nas costas, e dentre outros males que afetam o corpo e o emocional.

Um dos motivos para a realização da pesquisa, são as vivências ocorridas no meu ambiente familiar. Cresci ouvindo orações e observando minha avó fazendo os benzimentos, onde aprendi também algumas orações e a importância delas. Em vários momentos, minha avó realizava orações para aliviar cólicas, fazia chás com plantas como erva cidreira, hortelã ótima planta para aliviar dores, noz moscada, folha de algodão, e dentre outras ervas que traziam o alívio de diversas doenças.

Em suas memórias, minha avó dizia que não ensinava as orações para todas as pessoas, devido o preconceito e a intolerância, onde muitos confundem as benzedeadas como aquelas que causam danos e malefícios para a saúde pública, o que ao contrário, promovem o bem-estar de uma comunidade e daqueles que as

procuram. Quando percebia alguma doença mais agravada, pedia que a pessoa procura-se uma assistência médica, onde se percebe que as benzedadeiras se conectam ao uso da medicina, quando não conseguem atuar na cura de determinada doença.

Ao analisar sobre essa interligação entre ciência e fé, algumas cidades e locais, vem buscando pela medicina popular, como elemento complementar a cura. Essa busca é feita, devido que muitas doenças se relacionam ao espiritual, onde através das orações pode se promover um alívio do sofrimento do paciente, como é apresentado por Pinto(2013), Falcão(2013) a medicina vem buscando compreender a importância do uso da religiosidade na promoção da ligação entre médico e paciente, devido que a maioria dos pacientes hospitalizados possuem uma religião, onde através dessa fé gera influência nas decisões dos médicos, como uma forma de estabelecer conexões e buscar de forma mais humanizada atender as necessidades do paciente, da família e promover uma saúde que ouça aqueles que buscam uma força através da espiritualidade e de sua fé.

Um exemplo do uso da fé e da medicina popular , é um caso ocorrido no Ceará, onde estava ocorrendo casos de desidratação dos moradores, esses buscando um atendimento médico em unidades de saúde, demonstravam certa desconfiança em receber medicações como o soro fisiológico, o que gerou uma certa dificuldade de aproximação entre médicos e pacientes. Buscou-se então a ajuda das benzedadeiras da região, e tiveram a ideia de colocar imagens dessas mulheres nos frascos de soro e nos medicamentos, onde a população da comunidade passou a aceitar receber o tratamento. Observa-se então a importância dessa ligação entre a medicina tradicional e o uso da fé e dos métodos populares feitos pelas benzedadeiras (CARRANZA, 2005, p.77).

Nesse exemplo apresentado da união entre medicina tradicional e medicina integrativa, podemos citar também o uso de plantas do cerrado, como elementos auxiliares desse processo de cura. As benzedadeiras, utilizam das plantas como auxiliadoras no processo de cura e dos rituais. Ao pesquisarmos sobre a vida dessas mulheres e suas vivências sociais na comunidade, percebe-se que a grande maioria são casadas, moram em casas simples, tem como religião o catolicismo ou são de outras vertentes religiosas como o Candomblé, umbanda, espiritismo, protestantismo e outras religiões, enquanto outras não frequentam nenhuma igreja ou credo (SANTOS, 2012).

A medicina, vem-se utilizando da religiosidade popular para trazer melhorias de pacientes, onde vem se comprovando a grande eficácia do uso da religiosidade como elemento terapêutico. Ecco(2016) et al, apresenta que a terapia integrativa promove uma maior interligação entre paciente e medico, aliviando dores, trazendo o alívio de ansiedade e outros males que afligem o paciente em seu tratamento. Muitas vezes aquilo que não é visível em exames, está relacionado ao espiritual e psicológico onde a fé pode atuar. Alguns males com espinhela caída, vento virado, olho gordo, estão interligados a força espiritual de cada pessoa, onde através do uso das orações e do uso da fé, conjuntamente a medicina, pode-se gerar o bem-estar e o alívio.

Ao se buscar compreender de onde surge esse dom de curar pelo uso de orações, plantas e gestos, percebe-se em alguns dos relatos colhidos pelos pesquisadores Nogueira (2012), Versonito (2012), Tristão (2012), que esse dom é adquirido não da noite para o dia, mas pode ser adquirido de diferentes maneiras, como por exemplo através de uma visão em sonho, ou aprendendo com algum familiar que lhe introduz no processo. Quando é descoberto esse dom, a benzedeira já não vive apenas no individualismo, mas ela passa a viver de forma coletiva, escutando as necessidades de sua comunidade, e passa a ser reconhecida como um agente e uma figura representativa daquela comunidade, o que explica o porquê de em determinados locais a população procurar usar dos benzimentos como elemento de cura e de auxílio.

Outro elemento que caracteriza as benzedeiros, é a sua fé e sua ligação com as forças divinas, onde ao realizar seus rituais, antes de tudo, pede a intercessão de um santo, ou de Deus, até mesmo de alguma divindade, onde ao relatarem o que faz a pessoa ser curada, não é somente a fé da benzedeira, mas também a fé daquele que está sendo benzido, como é apresentado no documentário da TV CULTURA *Retratos de fé*(2016), onde as benzedeiros entrevistadas, relatam que para haver a cura é necessário acreditar naquilo que está sendo realizado, ou o benzimento não possui força e muito menos ação.

Outro elemento que permeia as práticas dos benzimentos, é a dádiva, onde as benzedeiros trazem bençãos para aqueles que são benzidos, sem buscar nenhum fim lucrativo, mas ao receber a graça da cura, aqueles que foram atendidos por ela, contribuem com uma ajuda financeira ou simplesmente agradecendo devolvendo a benção para elas.

Muitas sociedades realizam esse sistema de trocas de favores e de bençãos, onde ao analisar essas práticas, Mauss(2003) apresenta que para receber as graças, muitos pais ao nascer seu filho, ofertam tudo o que tem para determinadas divindades, para receber as bençãos e as graças. O mesmo pode ser observado nas práticas dos benzimentos, onde antes mesmo de realizar o ritual, a benzedeira pede a graça divina e ao finalizar faz o agradecimento a Deus ou a aquelas divindades que ela crê.

Percebe-se a humildade dessas mulheres que não buscam bens financeiros nos seus atendimentos, mas ao contrário, buscam promover o conforto daqueles que sofrem e que possuem dificuldades, não atuando apenas na realização de rituais, mas também na atuação de resolução de conflitos e dificuldades sociais em suas comunidades. Um exemplo disso, é a atuação das benzedeiras na promoção da saúde das crianças. Dados apresentados pelo Instituto Pensi, demonstram que a mortalidade das crianças no Brasil, no ano de 2019, sofreu quedas, mas ainda assim é uma taxa preocupante:

A mortalidade das crianças menores de 5 anos ou mortalidade na infância, também declinou neste período. Em 2018, de cada mil nascidos vivos 14,4 não completavam os 5 anos de idade. Em 2019, esta taxa foi de 14,0 por mil, declínio de 2,8% em relação ao ano anterior. Neste grupo de idade, a intensidade com que atua a mortalidade concentra-se no primeiro ano de vida. Das crianças que vieram a falecer antes de completar os 5 anos de idade, 85,6% teriam a chance de morrer no primeiro ano de vida e 14,4% de vir a falecer entre 1 e 4 anos de idade. Em 1940, a chance de morrer entre 1 e 4 anos era de 30,9%, mais que o dobro do que foi observado em 2019. As crianças nesta faixa etária são muito sensíveis às condições sanitárias, que no passado eram extremamente precárias (Tabela 1). A distribuição dos óbitos das crianças menores de 5 anos está em conformidade com as que ocorrem nas regiões mais desenvolvidas. Na Suécia, no período 2015/2020, das crianças menores de 5 anos que vieram a falecer antes dos 5 anos, 83,4% dos óbitos ocorreram no primeiro ano de vida e 16,6% entre 1 a 4 anos de idade. A taxa de mortalidade infantil neste país (2,0 óbitos para 1000 nascidos vivos) é bem inferior ao valor observado no Brasil. Este valor é muito próximo da mortalidade das crianças menores de 5 anos, que foi de 2,5 por mil. Contudo, existem países em que ainda persistem altos níveis de mortalidade infantil, como a Somália, na África Ocidental, que no período 2015-2020, apresentou uma taxa de mortalidade infantil de 69,3 por mil e a chance de uma criança que tenha falecido antes dos 5 anos de idade de morrer entre 1 a 4 anos de idade é de aproximadamente 40,0% (INSTITUTO PENSI, 2022)

Grande parte dessas taxas de mortalidade, derivam das condições precárias, falta de saneamento básico, condições precárias do atendimento à saúde, falta de vacinação das crianças, o que gera sérios problemas de saúde, levando até a morte. A atuação das benzedeiras demonstra os seus cuidados e atenção as crianças, desde a gravidez das mães, essas mesmas recomendando que procurem atendimento médico, quando a situação da mãe ou da criança é muito mais grave, essas realizando

benzimentos para quebranto, mau olhado, cobreiro, essas geralmente relacionados ao corpo da criança que recebeu alguma energia negativa e que está carregado (SILVA, 2014).

Ao analisar os locais de convívio social das benzedeadas, especificamente do Estado de Goiás, a maioria se localiza em cidades do interior do Estado, como por exemplo Quirinópolis, Niquelândia, Anápolis, Luziânia e dentre outras cidades que se localizam na zona rural, essas sendo muito conhecidas pelos moradores das regiões devido as curas feitas, o que gera prestígio para elas. Além de realizarem os benzimentos, as benzedeadas promovem e auxiliam na organização de festividades religiosas, que unem toda a comunidade, como também no benzimento de casas, como é apresentado por Silva (2014):

Percebe-se na trajetória dessas benzedeadas, elementos em comum, assim, elas viveram o trânsito do meio rural para a cidade, encontraram na religião o local onde vivificam redes de relações sociais e o benzimento. Uma dessas benzedeadas afirma que o padre a chama para ir rezar na casa de alguma pessoa doente ou para novenas. Elas também auxiliam na organização de eventos religiosos. Essas ações a inserem em uma rede de relações que lembram as relações no meio rural, do compadrio, das festividades, das trocas etc. (SILVA, 2014, p. 24).

Outra forma em que se concebe o dom mediúnico de ter visões e realizar curas, é vindo do nascimento, onde algumas benzedeadas relatam que quando suas mães estão grávidas e o bebê chora no ventre sendo um sinal de mediunidade, como é apresentado no relato de uma benzedeadas entrevistada por Bezerra (2018), Videira (2018) e Custódio(2018):

Foi de nascença! Quando a minha mãe estava grávida, eu chorei dentro da minha mãe. Eles estavam todos na sala reunidos, a minha avó, e eles escutaram o choro de uma criança, a minha vó ficou... “A Isabel já teve esse moleque, essa menina?”. Disseram: “Mãe ela não gritou, não fez nada”, e foram ver, a minha mãe estava deitada, aí a minha vó falou: “Meu Deus, a criança chorou dentro da minha filha!”, aí ficaram naquele negócio, sabe?! Inclusive, ela falou para a parteira que quando fosse o dia de me pegar, que não era para ela se admirar, entendeu?! De alguma coisa que eu pudesse fazer na hora do parto. (BEZERRA 2018, VIDEIRA 2018, CUSTÓDIO 2018)

Observa-se que o uso de benzimentos não é utilizado apenas no catolicismo, mas está inserido nas tradições indígenas onde geralmente essas mulheres são chamadas de médiuns, incorporando algumas entidades que estão relacionadas a natureza, tendo um contato através de seus ancestrais as orações e os ritos, o ato de benzer é uma arte, uma performance onde não se realiza de qualquer forma os ritos, mas ocorre uma preparação do ambiente, do local onde são feitos os rituais, do uso de gestos específicos, desde o sinal da cruz ao uso da voz baixa, como se as orações

fossem secretas. Apresentados sobre as benzedeadas, faz-se necessário apresentar como ocorrem os rituais e suas orações utilizadas.

2.3.2 Práticas das benzedeadas: um olhar para os rituais

Estar em sintonia com Deus, é de grande importância para compreender nossas fraquezas, necessidades, e as formas de agir. Esse é um elemento primordial usado pelas benzedeadas, elas não agem sem antes se comunicarem com Deus ou outras formas de divindades, pois é através do divino que elas são orientadas do que deve ser feito

Apresentados quem são as benzedeadas, é necessário ter-se um olhar mais amplo sobre as práticas realizadas por elas. Iniciemos pelas orações, essas sendo elemento principal dos rituais de benzimento, podendo ser espontâneas ou até mesmo decoradas. Nas minhas vivências com minha avó, percebia que ela utiliza orações decoradas e que foram aprendidas por parentes, e que permanecem em sua memória. São orações que trazem em seu cerne a presença da santíssima Trindade, além de santos, principalmente a figura da Virgem Maria, algumas orações apresentadas por ela, tem variações de acordo com cada pessoa, pois as orações são transmitidas de forma oral, podendo sofrer alterações. vejamos um exemplo dessas orações:

Com a água da fonte o caminho do mato e as três pessoa da Santíssima Trindade, São Pedro falou. Santa Íria, tava sentada em três pedra fria, curando cobreiro de sapo, de aranha, lagartixa. Cum os poder de Deus, da virge Maria, esse cobreiro sereis cortado. Que a Ave Maria, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora do Desterro, pra desaparecer, desterra esses cobreiro. Joga esses cobreiro nas montanha, nas mata virge, pelas águas corrente, pra eles nunca mais vortá(AZEVEDO, 2017.p 69)

O uso de orações e de preces, não ocorrem apenas nas sessões de benzimento, mas estão interligadas com o cotidiano das benzedeadas, onde não ocorre uma separação, tudo que fazem envolve o uso da fé e das orações, desde o acordar até as ações mais simples. Um dos elementos presentes nas orações é a imposição das mãos, esse sendo um elemento simbólico que representa a retirada das energias negativas e daquilo que atormenta o benzido, além do uso de plantas como comigo ninguém pode, guine, que são conhecidas como elementos que afastam as energias negativas. Outra caracterização das orações, é a forma como se dá esses rituais, onde dependendo da doença ou do que se trata, as orações e os rituais são feitos no lado de fora da casa, onde as benzedeadas dizem que as energias se dispersam, onde dependendo da energia carregada no corpo da pessoa atendida, há casos de o ramo

utilizado murchar, ou a benzedeira acabar bocejando ou até sentindo dores em seu corpo (SANTOS, 2016).

O local onde se aplicam os rituais e as preces, é algo que se interliga ao sagrado, elemento muito utilizado e referenciado por antropólogos como também estudiosos das manifestações religiosas. Segundo Otto (2007) o sagrado se caracteriza como um sentimento de dependência, de uma visão de criatura diminuindo para com que cresça a força divina. Um exemplo apresentado pelo autor sobre as manifestações do sagrado, é o arrepiar da pele esse sendo o *Mysterium Tremendum*, onde o corpo reage as forças divinas, fazendo os joelhos tremerem e o corpo ter outras formas de reação, o que pode ser interligado as práticas das benzedeiros. Esse reagir do corpo se relaciona ao medo daquilo que não é visível, ao temor a Deus onde nos sentimos como criaturas pequenas onde através das orações é que se tem uma ligação com as forças divinas para acalantar muitas vezes sua ira e para demonstrar ter a necessidade dessas divindades, o que justifica o respeito e a busca pelo preparo do local dos benzimentos.

Analisando outras orações que são usadas, percebe-se que há todo um cuidado com o preparo dos elementos simbólicos que serão utilizados, podendo ser desde um terço, um crucifixo, água, algum ramo de planta, ou seja, o que diferencia as benzedeiros dos rezadores é que usam de orações, mas também outros elementos que complementam os rituais, como é apresentado por Tulio(S/D)O *livro das rezas: manual de benzedeiros*:

Colocar no copo com água do benzimento um objeto sagrado para transformar a água comum em água benta: um terço, um crucifixo, uma imagem, uma medalhinha benta que você possua, ou pingar um pouco de água benta mesmo, colhida em uma igreja. É bom para este fim ter em casa uma garrafinha com água benta em seu altar e renová-la todos os anos. Com as ervas ou galhos na mão e o copo com a água benzida, abra com um Pai Nosso e uma Ave Maria, benza a si mesmo, peça a Deus que lhe faça um instrumento de Sua Cura e Paz e repita 3,6 ou 9 vezes a rezação, seguindo a intuição e o coração para a quantidade da reza sugerida, faz o sinal da cruz, molhando a erva na água e vai benzendo e rodeando, cruzando o galho em cruz sobre o corpo da pessoa. Benze da testa ao peito e do ombro esquerdo ao direito três vezes, depois vira a pessoa, faz da cabeça às costas e os ombros do mesmo jeito e por último o órgão que precisa ser benzido se houver alguma dor ou mal em especial (TULLIO, s/d, s/p).

Como pode ser analisado nas instruções apresentadas, há todo um preparo para realizar os benzimentos, onde se inicia pedindo a proteção da benzedeira para nenhuma energia ser transmitida a ela. As orações e as preces são variadas, podendo serem tanto para doenças espirituais, desde dores de cabeça, até para a proteção do

espírito da pessoa, o corpo fechado como muitos falam, onde há uma variedade de aspectos onde as benzedadeiras são buscadas como 'promotoras do bem estar social.

Na minha infância, há diversas lembranças em que a minha avó realizava diversas orações além de indicar garrafadas, isso se a pessoa a procura-se, dentre suas várias orações, haviam aquelas que eram específicas para doenças, ou para livrar de espíritos malignos, além das formas como organizar a casa, um exemplo o deixar a chinela virada, era considerado por ela como algo que traz azar, tudo isso está interligado as simbologias introduzidas pela cultura popular .

Croatto(2009) ao apresentar os símbolos, demonstra que cada indivíduo vê um elemento de seu cotidiano de uma forma, sendo o símbolo algo que desencadeia uma vivência humana, por isso os símbolos remetem as memórias e as experiencias de cada indivíduo, ou seja, se para alguns os benzimentos e as orações são importantes e fazem parte de sua história, para outros esses são tidos como credices e que não possuem o mesmo significado. Cabe a figura do historiador apresentar as diversidades culturais (BLOCH, 2002).

As práticas das benzedadeiras remetem ao uso de simbologias e de suas crenças que não se configuram em uma única fé, mas que permeiam e bebem de diversas religiosidades e credos. Para benzer é necessário o uso da fé, e também saber aquilo que afeta a pessoa que está sendo benzida. Cada benzedeira utiliza as rezas de uma determinada forma e para cada elementos que aflige a pessoa, havendo o dia mais específico e próprio para realizar os benzimentos, além da forma como se realizam esse ritual (DIAS, 2016, p. 44). As orações são diversas, e possuem cada uma sua especificidade, onde a maioria remetem ao rompimento daquele mal que está causando determinada doença ou carregando energias negativas na pessoa:

Mal do ar, mal do mar, mal do fogo, mal da lua, mal das estrelas, mal do ponto do meio dia, mal do ponto da meia noite. Se tiveres com quebranto, mau olhado, feitiçaria e bruxaria, em nome de Deus e da Virgem Maria, seja levado para ondas do mar sagrado, onde não canta o galo nem a galinha e nem tem criancinha chorando e nem cristão batizado. Depois rezar um Pai Nosso e uma Ave Maria (DIAS, 2016, p. 47).

Segundo a citação apresentada por Dias(2016), essa oração feita por uma das benzedadeiras entrevistadas, é utilizada para o quebrante ou também conhecido como mau-olhado como forma de libertar as energias negativas e de proteger a pessoa. A forma como ela é realizada, não se trata apenas a forma como é recitada, mas aos elementos utilizados pela benzedeira, essa usando desde ramos preferencialmente o de arruda e ir molhando o galho no copo, e se ele afundar, é um sinal de que a pessoa

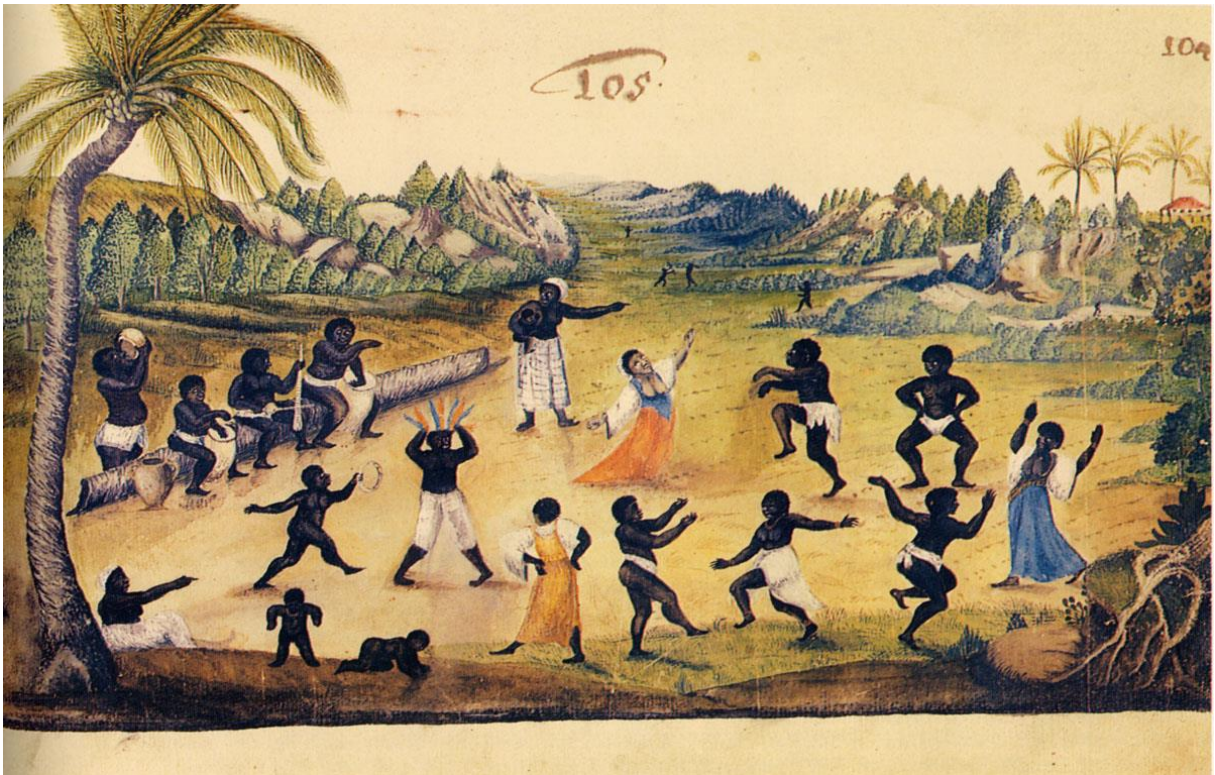
está carregada, sendo necessário ao final do benzimento, virar as costas para a rua, e jogar por trás dos ombros de quem está benzendo. Observa-se que para todas as orações que são feitas, há uma finalidade e uma simbologia presente nos atos, desde o simples sinal da cruz, até as posições das mãos e os gestos feitos pelas benzedeadas, essas tendo grande respeito pelos rituais, seguindo uma ordem desde a purificação do local até a purificação daquele que está sendo benzido.

Ao tratar sobre as benzedeadas, o que vem à mente de grande parte da sociedade é que elas estão afastadas de nossa realidade, e que vem perdendo credibilidade as suas ações, mas ao buscarmos compreender e analisar de onde vem essas tradições tão ricas, observa-se que ao contrário, elas permanecem na memória de grande parte da sociedade, e nas tradições como festejos de três reis, nas congadas, nas festas do divino e dentre outras festividades que representam o sertão goiano (OLIVEIRA, 2016), onde de acordo com os autores que utilizam como fonte o livro do Padre Luís Palacin, a sociedade goiana era movida a festas de santos e pelo calendário litúrgico da igreja, onde essa tradição ainda permanece na atual sociedade goiana mesmo com o processo de secularização e modernização das cidades.

Apresentados os aspectos das orações e dos rituais utilizados pelas benzedeadas, faz-se necessário agora aprofundar sobre as benzedeadas de Goiás, principalmente a do Quilombo Kalunga local que preserva suas tradições e memórias dos ancestrais sendo um espaço de resistência e de memória. Passemos para o terceiro capítulo.

3 SER MULHER QUILOMBOLA: MULHERES BENZEDEIRAS NO QUILOMBO KALUNGA-GO

Figure 6: Cerimônia e dança no Brasil, 1630, Zacharias Wagener.



Fonte: <https://docs.ufpr.br/~lgeraldo/upoimagens1.html>

O quilombo vem sendo um local e um espaço bastante estudado nos últimos século por historiadores, antropólogos, sociólogos, arqueólogos e dentre outras áreas de conhecimento que trabalham sobre patrimônio histórico e sobre tradições. Antes mesmo de entender sobre essa comunidade que possui variedade de costumes, tradições e de pessoas, é importante compreender do que se trata o patrimônio e o território. O conceito de patrimônio passou por mudanças na constituição cidadã de 1988, sendo esse instituído como:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988).

Cabe salientar que as noções de patrimônio passaram a serem difundidas não somente nos elementos materiais e territoriais, mas também das tradições populares, dos costumes, das festas e das linguagens populares, dentre elas o quilombo, depois da luta dos povos em trazer ele como parte do patrimônio, muitos quilombos vêm passando depois de séculos de espera por um processo de transformação em comunidades remanescentes quilombolas.

Os grandes agricultores, garimpeiros, grileiros e outros grupos que tentam tomar as terras dos povos quilombolas, fazem grande pressão sob eles para que demonstrem aspectos que os caracterizem, ocorrendo muitas vezes um processo de embranquecimento, o que gera conflitos no campo em busca de dominação e posse dessas terras para a geração de lucros, como é apresentado por Marinho(2015), muitos daqueles que são das diversas partes da comunidade, muitas vezes não se consideram como quilombolas e nem como Kalunga, isso sendo traços de traumas sofridos pela sociedade no período escravocrata onde a memória muitas vezes é abafada pelos traumas e medos promovidos por memórias de dor e sofrimento, o que gera esse sentimento de não pertencimento.

Junto a essa opressão contra as comunidades quilombolas em suas lutas pelo direito a terras, é importante compreender sobre as leis estabelecidas com o processo de redemocratização da democracia e dos direitos, onde surgem os primeiros processos de discussão sobre as culturas e tradições dessa comunidade e de tantas outras, que veem passando por processos de apagamento, devido a modernização dos elementos sociais, e da cultura dos meios eletrônicos, o que gera mudanças da sociedade sobre as concepções de tradição, fé em uma lógica comercial e visando lucros.

Ainda tratando sobre as leis, percebe-se que há um processo burocrático para a realização da implementação das comunidades quilombolas como remanescentes, sendo esse um elemento primordial para essa identificação e para promoção de leis protetoras dos povos e de suas tradições além da busca por seus direitos, como é demonstrado pelo Art. 68 da constituição, que define remanescentes quilombolas como:

Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias: "Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras, é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes títulos respectivos". (BRASIL, 1988)

Dá-se o enfoque para as benzedeadas do Quilombo Kalunga, por serem ainda pouco pesquisadas, onde se faz necessário analisar as práticas e os usos dos benzimentos nessa comunidade. Mas afinal, o que define uma comunidade como sendo quilombola? Essa é uma das questões a serem definidas e respondida nesse capítulo, que apresentara as mulheres benzedeadas da comunidade Kalunga, compreendendo suas culturas, tradições e o que as definem. Deve-se estar atento para a análise de que os povos quilombolas não são apenas definidos com essa nomenclatura, mas possuem diversidades de nomes, crenças, identidades e diversidades, não devendo fechá-los em uma caixa, mas observar e analisar cada especificidade ao estudar uma cultura, para não ocorrer um processo de eurocentrismo. Nesse primeiro, será apresentado a formação dos quilombos e suas especificidades.

3.1 A FORMAÇÃO DO QUILOMBO KALUNGA: UM LUGAR SAGRADO

Figure 7: Casas do território Kalunga



Fonte <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2021/02/11/quilombo-kalunga-e-reconhecido-pela-onu-como-primeiro-territorio-no-brasil-conservado-pela-comunidade.ghtml>

Muito do que é trazido pela historiografia atual, vem demonstrando que os negros escravizados possuíam diversas formas de resistência e de luta contra os processos de escravidão e dominação, dentre eles a formação dos quilombos. Ao pesquisarmos a definição do termo, são encontradas diversas nomenclaturas e significados, mas foquemos o olhar para os elementos que constituem um quilombo, a partir das diversas línguas africanas.

Dias (2016) apresenta que o termo quilombo se remetia a acampamento guerreiro, e já era utilizado muito antes dos escravos serem trazidos para o Brasil. Em solo brasileiro, os quilombos cresceram cada vez mais, com a constante fuga de escravos e escravas, esses saíam das fazendas, adentrando para as matas mais fundas, e em Goiás isso levou o surgimento do Quilombo Kalunga. A autora Dias(2016) ainda observa, que o termo Kalunga, era visto de forma pejorativa pelos colonos, sendo remetido a camundongo, como uma forma de diminuir os negros, mas essa ideia passou a sofrer mudanças, quando os povos africanos a utilizavam como denominação para negro, uma forma de resistência e de ancestralidade.

Segundo Dias(2016)em Goiás, os quilombos surgem em meio ao período de mineração, onde escravos eram utilizados para a extração do ouro, sendo um trabalho pesado, muitos chegando a morrer devido as condições precárias sofrendo grandes castigos se comete-se algum erro, isso acabou gerando revoltas que provocaram a fuga de milhares de escravos, esses formando a comunidade Kalunga. Esse quilombo se localiza na cidade de Cavalcante-Goiás, ficando próximo a paredões e regiões de difícil acesso, como uma forma inicial de complicar a caçada dos capitães do mato.

A comunidade possui quatro núcleos de população, sendo elas Contenda, Vão do Moleque, vão das Almas e Ribeirão dos Bois. As tradições desse remanescente são variadas, e passaram por um processo de hibridismo religioso, onde há a presença do catolicismo, mas também da umbanda e de outras crenças de matriz africana. A cidade de Cavalcante sofreu um processo de expansão adentrando algumas partes do território quilombola, onde passaram a não ficarem isolados como inicialmente. Os festejos celebram as mudanças do tempo, e a época da colheita como a festa de Santo Antônio que ocorre em junho, onde há a presença de diversas pessoas, sejam elas quilombolas ou não (DIAS, 2016, p. 38).

O espaço geográfico dos quilombos, vem sendo nos dias atuais, locais de turismo, ganhando maior divulgação, mas é importante analisar que esse aspecto muitas vezes visa apenas o lucro das empresas, e não no conhecimento sobre as

tradições dos povos, é o que apresenta Marinho(2015) em sua pesquisa feita na comunidade Kalunga, onde uma das entrevistadas disse que não se identificava como quilombola e nem como negra, o que demonstra que muitos moradores da região vem perdendo o sentimento de pertença. Mesmo assim, é importante compreender que esse apagamento das tradições e do sentimento de identidade não deve ser culpabilizado sobre as novas gerações, mas deve-se compreender que esse processo ocorre pois muitos dos jovens deixam a cidade para estudarem, e os que ficam não sabem sobre as tradições de seus ancestrais, além da falta de oportunidades, o que acaba gerando um apagamento histórico de determinadas tradições, enquanto outras vigoram e permanecem.

A pesquisa de Dias²⁶(2016) é uma grande fonte de embasamento para compreender o que define uma comunidade Kalunga, através das entrevistas concedidas por algumas mulheres pertencentes a essa local, onde algumas dizem que em suas memórias, o que as define como parte da comunidade, é o fogão a lenha, o preparo do café, além da preparação dos alimentos, o que dá a entender que costumes e elementos que fazem parte do dia a dia daquele grupo, são elementos de identidade para eles, o que pode ser relacionado também a figura das benzedeadas quilombolas, essas realizando seus benzimentos e orações, com elementos do dia a dia, como ramos, terços, utensílios como facas, onde não há uma divisão do que seja ritual e cotidiano, os dois passando por um entrelaçamento.

Uma outra característica do território Kalunga, é a preocupação da população com a preservação do solo do cerrado, esse muito afetado pelos efeitos agravantes do processo de exploração do cerrado que vem sendo desmatado cada vez mais. Observando outro remanescente quilombola, a comunidade do Cedro na cidade de Mineiros-Goiás, tem uma preocupação assim como os Kalunga com a preservação do território e com a natureza (MAGALHÃES FILHO; FERREIRA, 2012).

Ainda segundo os autores Magalhães Filho(2012) , Ferreira(2012) *apud* Raffestin (1993), a definição de território está interligada a redes de comunicação e circulação das representações de poder, dos processos de dominação e das representações simbólicas onde se constroem significados e definições de poder. Apresentados os aspectos territoriais e de formação da comunidade Kalunga, é

²⁶ Essa pesquisa idealizada por Dias 2016, foi utilizada para fundamentar a pesquisa realizada sobre as benzedeadas, já que não houve a possibilidade de realizar uma pesquisa de campo devido a pandemia e o curto prazo para a realização do trabalho.

necessário tratar sobre o espaço do quilombo e a ideia de territorialidade da comunidade Kalunga, além da sua organização social e cultural.

3.1.1 A organização do quilombo: um local de coletividade

Figure 8: Crianças em comunidade quilombola em Alcantra



Fonte: Foto de Paulo Hebmuller, Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/estado-nutricional-de-criancas-quilombolas-reflete-falta-de-acesso-saneamento>

Antes de partir para a análise sobre as benzedeadas quilombolas, é importante analisar o significado por trás da palavra Quilombo, para desmitificar a ideia de um lugar de fuga de escravos. Com as condições precárias de vida nas senzalas e fazendas, além dos castigos frequentes, os negros realizavam revoltas, tanto no trabalho, além de matar seus senhores ou destruírem as fazendas, como forma de resistência, além dos abortos realizados pelas escravas que não queriam ver seus

filhos na condição de escravos, onde a fuga para campos afastadas também foi uma forma de resistência e de criação dos quilombos, esses muito temidos pelos fazendeiros, como apresenta Godinho(2008) apud Silva(1998) onde a palavra Quilombo possui como significados sítios historicamente ocupados por negros e que tenham resíduos arqueológicos de sua presença, inclusive as áreas ocupadas ainda hoje por seus descendentes com conteúdo etnográficos e culturais, ou lugar cercado e fortificado arraial ou acampamento.

Ao analisar sobre as tradições quilombolas, principalmente sobre as benzedeadas, é necessário fazer um aprofundamento no espaço onde se reúnem tradições, histórias, memórias e registros de povos que guardam em sua ancestralidade a resistência e a diversidade. Ao tratarmos sobre o quilombo, muitas vezes se compreende de forma pejorativa e preconceituosa, sendo um traço do eurocentrismo que apresentava os quilombolas como negros fugidos e que eram um perigo para a sociedade.

O tempo e as novas formas de se estudar as comunidades quilombolas, fez que muitos pesquisadores olhassem não somente para o local onde se formavam os quilombos, mas também para as pessoas que habitam e que fazem parte dessa tradição, dos costumes, passando por constantes modificações e transformações, não sendo um local com histórias estáticas, mas ao contrário possui memórias e suas identidades transformadas constantemente(ALVES, 2019).

Ainda utilizando a perspectiva de Alves(2019) ele apresenta citações referentes ao quilombo como de Sodré, que vê no quilombo um local de ancestralidade dos povos de matriz africana que é uma terminologia ampla e variada. Depois de uma análise sobre a terminologia do quilombo, enfoca-se sobre o quilombo Kalunga, em sua organização social. Como já apresentado, o quilombo Kalunga se distribui em várias partes do nordeste goiano, havendo em cada parte uma identidade e aspectos culturais que se diferenciam.

O território quilombola não é apenas um esconderijo, um lugar de fuga, onde usar essa terminologia se torna algo atrasado e dá um sentido negativo para o quilombo, como se esse não possui-se uma simbologia, cultura e tradições. O território quilombola é um espaço de luta, pela permanência das tradições e pela busca da terra como um lugar de produções, de preservação e de ligação entre a natureza e a identidade do povo CARRIL, 2006, p. 06)

Ser quilombola não se trata apenas de fazer parte da comunidade, mas também lutar constantemente pela resistência e sobrevivência de suas tradições e da sua ancestralidade, além da luta pelos direitos estabelecidos pela constituição que muitas vezes são silenciados pela burocracia nas leis.

Ao tratarmos sobre as mulheres quilombolas essas sendo o principal foco da pesquisa, observa-se que o território onde vivem é um local que criaram suas raízes e que simbolizam figuras emblemáticas para a comunidade por representarem a comunidade Kalunga, auxiliando aqueles que necessitam e dando apoio a todos sem distinção, é o que é apresentado por Dias(2017) que através dos relatos dados por mulheres quilombolas, percebe-se o sentimento de pertencimento a comunidade, e as dificuldades como a pobreza, mesmo assim sendo mulheres bem humoradas, dispostas e que auxiliam sempre as pessoas, onde pode-se construir a interpretação de que o quilombo é um território de coletividade e de união onde pode-se definir a territorialidade da seguinte maneira:

Rogério Haesbaert, didaticamente, identifica diferentes abordagens conceituais de território em três vertentes, que são as seguintes: a) a jurídico-política, na qual o “território é visto como um espaço delimitado e controlado sobre o qual se exerce um determinado poder, especialmente o de caráter estatal” (1997, p.39); b) a culturalista que “prioriza sua dimensão simbólica e mais subjetiva, o território é visto fundamentalmente como produto da apropriação feita através do imaginário e/ou da identidade social sobre o espaço” (Idem, p.39); c) a última é a vertente econômica, minoritária que destaca “a des-territorialização em sua perspectiva material, concreta, como produto espacial do encontro entre classes sociais e da relação capital-trabalho” (Ibid, p. 40) (BRISLIEVICZ, SAQUET *apud* HAESBAERT, s/d, p. 04).

Na concepção dos povos quilombolas, a territorialidade não se trata apenas sobre o local onde vivem, ou o local onde plantam, mas é o local onde criam suas raízes culturais através de suas ações culturais, desde o ato de rezar, até o ato de preparar os alimentos, tudo pode ser considerado como um território, onde foge da lógica capitalista que busca apenas a comercialização e o lucro além da exploração de terras. Observando o sentido de território quilombola, podemos relacionar a filosofia Ubuntu, que seria uma filosofia “eu sou porque nós somos” explicando que o ser humano em sua convivência não consegue viver de forma isolada, sem uma coletividade:

Dessa forma, a filosofia Ubuntu pode ser explicada como um pensamento em constante movimento a partir de uma maneira de viver e existir com as outras pessoas. Noguera (2012) explica que a filosofia ubuntu trata de uma existência comunitária antirracista e ploidêntrica. Por isso, em muitos estudos é possível encontrar a associação de Ubuntu com a tradução de “humanismo. Justificando-se pela busca de compreensão dos

relacionamentos das pessoas consigo e com as outras (CAVALCANTE, 2020 *apud* NOGUERA 2012, p. 04).

Portanto, o território e a ancestralidade são trazidos também em uma ligação com os símbolos, as crenças, o sagrado elementos que movem a existência humana e que representam o território quilombola como um local que vai muito além das práticas de benzimentos, das orações, do ato de plantar e colher, do cozinhar, mas que representa também uma sensibilidade que possuem para com aqueles que chegam. Ser quilombola representa ser coletivo, acolhedor, é a luta pela permanência de suas tradições, onde esses elementos geram identidades e compreensões sobre quem são, de onde vieram e que as tradições estão em constante mudança e ampliação, não estando estática ou acabada. Cada um de nós carregamos dentro de nós um território, onde o quilombo Kalunga, permanece com suas tradições e suas crenças devido o sentimento de pertencimento(DIAS 2017 et al). Sendo apresentado essa representação do território como local de identidades, focaremos agora nas benzedeadas quilombolas que trazem consigo grande sentimento de pertença e identidade para muitos que convivem com elas.

3.2 A ATUAÇÃO DAS BENZEDEIRAS NA COMUNIDADE KALUNGA

Figure 9: Dona Dinari Francisca Maia e sua neta Leila



Fonte: [Na Chapada dos Veadeiros, Kalunga, terra livre - Rede Brasil Atual](#)

Durante muito tempo, as comunidades quilombolas foram esquecidas pela sociedade e também pela historiografia, sendo inseridos nas páginas da história a partir do século XXI. Dentre os aspectos que a nova história estuda sobre esse grupo tão rico de memória e de identidades. Mesmo possuindo essa diversidade de culturas e tradições, ao se observar como se dá a visão da sociedade não quilombola sobre esse espaço, muitos consideram o quilombo com um espaço congelado, que não sofreu mudanças, esses estereótipos são criados principalmente pela lógica capitalista, Bezerra *et al*(2020), que vê nas sociedades originárias e que preservam suas culturas e tradições, como sociedades atrasadas e sem avanço científico, o que pode-se ver ao analisarmos como são vistas as benzedeadas, essas muitas vezes sendo tidas como charlatas ou curandeiras que cometem crimes para a saúde (DEL PRIORI, 2011).

Nesse sentido busca-se compreender nesse tópico, o verdadeiro lugar das benzedeadas quilombolas, essas muitas vezes confundidas com as benzedeadas católicas ou protestantes, mas apresentando características que as diferenciam dos outros lugares de benzimento e de cura.

A mulher quilombola possui diversos traços de força além do cuidado que tem com aqueles que fazem parte de seu convívio e na comunidade. Desde a infância ela aprende a cuidar da casa, e dos afazeres, desde o ato de cozinhar, arrumar a casa, buscar lenha para acender o fogão, além de cuidar dos seus filhos. Tal dimensão pode ser observada também no ato de benzer, onde as mulheres aprendem desde cedo o uso das plantas e quais são suas funções. É o que pode ser visto na figura 10, onde a mulher quilombola Kalunga está sempre ao lado dos filhos, principalmente das meninas, para ensinar os afazeres domésticos e as atividades cotidianas, onde ocorrem também o ato de ensinar orações e o uso das plantas, como é apresentado por Godinho(2008, p. 84):

Durante minha estada em campo, percebi que na educação das meninas é mais rígida que a dos meninos. Aos 6 anos, elas já realizam algumas atividades domésticas com qualidade de um adulto. Constatei isso, quando vi uma menina de 7 anos matar e limpar a galinha: ela jogou milho no quintal, as galinhas se ajuntaram, ela pegou uma delas. (GODINHO, 2008, p. 84)

Esse pequeno trecho da pesquisa de Godinho(2008) demonstra que as mulheres são preparadas na comunidade Kalunga desde a infância na dimensão do cuidado. Segundo Marques(2019, p. 75). Uma ideia que pode ser relacionada na dimensão do cuidado, é o cuidar de si inicialmente, para cuidar do outro, onde as

benzedeiras Kalunga, não assumem apenas o papel de realizar orações ou de usar plantas medicinais para sarar e tratar determinados males, mas elas praticam o ato de cuidado quando realizam atividades do seu cotidiano, valorizando atos como a limpeza da casa, o cuidado com o corpo e com a mente sendo os benzimentos uma forma de manutenção do cosmos.

Falando sobre as benzedeiras da comunidade Kalunga, essas são reconhecidas e representadas de forma respeitosa por todos aqueles que fazem parte desse território. Aqui é importante trazer uma justificativa sobre que relação há entre o quilombo Kalunga com as benzedeiras, e porque relacionar as benzedeiras do Estado de Goiás com essa localidade. Observando as perspectivas sobre as benzedeiras do Estado de Goiás, percebe-se que dá-se um maior enfoque para aquelas que vivem em cidades do interior, grande maioria sendo católicas. Buscou-se assim dar o enfoque para a região Nordeste de Goiás, para ter outros olhares sobre o uso dos benzimentos.

As mulheres quilombolas da comunidade Kalunga, participam de diversos aspectos, desde na resolução de problemas, como brigas de casais, discussão sobre a terra e a luta pela permanência no território Kalunga, lutam também pela preservação das tradições, essas sofrendo um processo de apagamento devido a saída de diversos jovens da comunidade, além da modernização e surgimento de novas tecnologias para a saúde, gerando esse esquecimento das práticas tradicionais. Cabe a elas essa grande responsabilidade e a busca pela preservação de suas raízes culturais. Sobre as benzedeiras, elas são responsáveis não apenas pela realização dos benzimentos, mas também pela realização dos festejos, a preparação das festas, dos altares e da realização das rezas, além do preparo dos alimentos, sendo uma relação de cuidados e de amor (GODINHO, 2008).

Em relação as práticas de benzimentos feitos pelas mulheres Kalunga, essas possuem diferenças e semelhanças com as práticas das benzedeiras das cidades, como a utilização de plantas medicinais para fazer chás, usados também para fazer os benzimentos, esses tendo um local específico para serem feitos, ocorrendo ao pôr do sol , no terreiro, tendo diversas orações, cada uma para uma determinada doença , sendo as mais utilizadas para quebranto, que é um mal gerado devido a inveja, espinhela caída, que é gerado devido o trabalho pesado na roça causando dores na coluna, orações para bom parto, para mulheres que estão com dificuldades no parto, sendo oferecidas para alguns santos específicos (MOREIRA, 2018).

Martins(1998) descreve que o senso comum, elemento que se relaciona aos usos e costumes populares, está interligado com as práticas cotidianas e a ideia de que vários indivíduos compartilham. Se fala de senso comum, não como um elemento de descrédito, mas como a ideia de uma coletividade de crenças, onde aqueles que fazem parte da Comunidade Kalunga, assim como os moradores dos arredores e até mesmo aqueles que não são quilombolas, buscam os atendimentos das benzedeadas, por crerem em suas ações e compartilharem das mesmas ideias, onde isso gera a fé e também a cura.

Um dos aspectos que diferenciam as práticas dos tipos de benzimentos, é o território onde ocorrem esses rituais sagrados, onde o quilombo preserva muito de suas tradições dos ancestrais, além da presença de aspectos da fé de matriz africana, o uso de danças também é um elemento marcante nos festejos, dentre eles a sussa, dança muito utilizada nas festas dos três reis magos, muitas vezes utilizando elementos como pinga e as rodas feitas para as mulheres dançarem e cantarem. As benzedeadas também participam da organização desses festejos e da vida cotidiana, onde em todos os momentos praticam atos de benzimento, desde ao cuidarem da terra, ao prepararem algum alimento, em tudo perpassa o sagrado.

Outro aspecto de diferenciação, é o local da mulher quilombola, essa também possui a função do cuidado com o lar, com os filhos, aprendendo desde sua infância a fazerem os deveres de casa, mas o que traz um aspecto marcante, é a independência dessas mulheres, ao realizarem atividades como a luta pela preservação das tradições, e pelo seu povo, muitas sendo militantes que lutam e vão atrás de melhorias para todos, tendo um olhar de cuidado, e de luta, sendo elas respeitadas por todos que conhecem suas lutas e suas histórias (DIAS, 2016).

As benzedeadas que frequentam as cidades, não possuem a mesma visibilidade que as mulheres quilombolas, devido que a população urbana, muitos perderam as crenças populares e outros que vão para o ambiente urbano, mudaram sua fé por sentirem o peso do preconceito, ou por sentirem acolhidos em outras religiões, passando geralmente para o protestantismo. Ao ver os relatos das benzedeadas, entrevistadas por Godinho(2017), a maioria demonstra uma preocupação com os jovens Kalunga, pois os mesmos ao saírem das comunidades e irem para a cidade, passam a seguir crenças e culturas diferentes das apresentadas na comunidade, muitos não continuando com os rituais e as crenças populares. Pode-se observar que

um dos motivos para o apagamento dessa tradição da prática de realizar benzimentos, vem também dessa divergência de gerações entre os jovens e os idosos:

Na visão de Cupertino (2012) no que toca as relações intergeracionais observa-se que, principalmente no contexto da sociedade ocidental, ocorreu uma verdadeira segmentação de grupos etários, fator esse que muito vem contribuindo para conflitos entre jovens e pessoas mais velhas na sociedade. De maneira que, formas de preconceito acabam sendo manifestas, e, separações no modo de pensar desses dois grupos terminam em ser sentidas até mesmo no processo de transmissão de conhecimentos e de práticas sociais que podem reafirmar a cultura, a história e a memória social quilombola (ROSA, 2016 *apud* COPERTINO 2012, p. 22).

Como afirmado pelos autores Rosa(2016) *apud* Copertino (2012) , um dos elementos que dificulta a transmissão de saberes e de conhecimentos para os descendentes e as novas gerações é a divergência de ideias. Mesmo havendo essas dificuldades, as benzedeadas sejam elas quilombolas, ou de outros territórios, ainda possuem grande importância na sociedade. Segundo as tradições dos povos Kalunga, a mulher incluindo as benzedeadas, parteiras, curandeiras, tem um papel de organizar os festejos, como a festa dos reis magos, preparando o altar, a comida, organizando as pessoas que irão fazer as orações, onde cabe as mulheres fazerem as novenas, onde a comunidade percebe a importância dessas mulheres que lutam pela permanência das tradições (GODINHO, 2008, p. 88).

Falando sobre as mulheres quilombolas, essas representam a força e a coragem, além de estarem envolvidas em diversos aspectos da sociedade quilombola, resolvendo conflitos entre famílias, buscando uma convivência igualitária entre as pessoas da comunidade onde a dimensão do cuidado é algo muito presente na difusão do ato de benzer as pessoas que fazem parte dessa sociedade e para além dela, aqueles que necessitam de ajuda e apoio social onde o ato de cuidado dessas mulheres, envolve o objeto do cuidado, seus agentes(quem cuida) e os sujeitos(quem é cuidado) (MARQUES, 2019).

É importante fazer a observação de que não é apenas as mulheres que praticam os benzimentos nas comunidades quilombolas, mas também há a presença de homens que realizam esses atos de caridade e de fé. Ambos buscam espaço de prática de fé, sendo respeitados por todos que pertencem ao seu convívio social por se sentirem representados nesses indivíduos, buscando uma identidade coletiva, devido ao conhecimento vasto do uso de plantas e dos recursos naturais que os permeiam esses sendo repassados para as gerações. O simples ato de lidar com a roça, o cuidar das plantas, até as ações realizadas no cotidiano todas elas partem do

ato de fé, e o cuidado para com o outro, sendo importante essa análise para diferenciar os grupos de benzedeiros e benzedoras. (CAVAS, MENDES, 2017). Mesmo havendo a presença masculina no ato de benzer, o enfoque teórico e metodológico desse trabalho monográfico objetiva trazer o foco para as benzedoras quilombolas.

Ao observar como surgem o sentimento e o dom de benzer, os relatos das benzedoras se relacionam e se assemelham, essas ou adquirindo um dom de nascimento ao decorrer de sua vida aprendendo com outras pessoas de seu convívio. É importante diferenciar os tipos de dons para compreender a mediunidade presente nas ações dos benzimentos. Muito diferente das benzedoras Kalunga, as benzedoras amazônicas têm uma ligação forte com o xamanismo e com as entidades presentes no imaginário popular, é o que apresenta Berra(2020), Custódio(2020), Videira(2020) em um relato recolhido de uma benzedora, essa apresentando como adquiriu os dons de benzer:

Foi de nascença! Quando a minha mãe estava grávida, eu chorei dentro da minha mãe. Eles estavam todos na sala reunidos, a minha avó, e eles escutaram o choro de uma criança, a minha vó ficou... “A Isabel já teve esse moleque, essa menina?”. Disseram: “Mãe ela não gritou, não fez nada”, e foram ver, a minha mãe estava deitada, aí a minha vó falou: “Meu Deus, a criança chorou dentro da minha filha!”, aí ficaram naquele negócio, sabe?! Inclusive, ela falou para a parteira que quando fosse o dia de me pegar, que não era para ela se admirar, entendeu?! De alguma coisa que eu pudesse fazer na hora do parto (Entrevista concedida a BEZERRA, CUSTÓDIO, VIDEIRA, 2020, p.03).

Outro aspecto que diferencia as benzedoras quilombolas das outras vertentes religiosas como o catolicismo, o protestantismo, é a forma como essas benzedoras adquirem os seus dons. De acordo com Marin(2017) e Comin(2017) apud Boyer(1996) esses dons podem ser adquiridos da seguinte maneira;

Existem diversas concepções, tanto na literatura, quanto no discurso das entrevistadas, a respeito do conceito de “dom”. No contexto das religiões de matriz africana, no Brasil, Boyer (1996) destaca o dom como algo que pode ser considerado inato e que, muitas vezes, dispensaria a necessidade de um processo de iniciação. A descoberta desse dom é vista pelas benzedoras como uma missão de Deus a ser cumprida (Nogueira, Versonito, & Tristão, 2012; Oliveira, 1985; Silva, 2007). O enfrentamento de situações de adoecimento também aparece em relatos de médiuns da umbanda, tanto em seu processo de preparação mediúnica quanto na decisão por se dedicar à atividade espiritual, o que frequentemente é compreendido como uma “missão” que deve ser cumprida e que se insere no ciclo vital (Macedo, 2015; Scorsolini-Comin, 2015). Os aprendizados inerentes a esse ofício são transmitidos pela mediunidade em contatos com o plano espiritual por meio de sonhos, transe de possessão e consultas com outros médiuns e guias. Assim, trata-se de uma aprendizagem a partir de elementos que não são controlados pelo aprendiz, mas que se cravam em sua experiência e se refletem em seu ofício. (MARIN, COMIN, 2017 apud BOYER 1996)

É importante também analisar através desse aspecto, que as benzedeiiras quilombolas, dando destaque para a comunidade Kalunga, se preocupam com a transmissão dos saberes tradicionais e com a defesa do território onde vivem. Utilizando de suas transmissões de saberes como uma prática educativa, ensinando desde as crianças aos jovens e adultos, a importância de ser quilombola e de lutar pela resistência e defesa desse local que traz as identidades, contribuindo assim para a identidade daqueles que fazem parte dessa e de tantos remanescentes construindo laços de pertencimento mútuo. Essas benzedeiiras são influenciadas por diversas entidades e santos que mobilizam seu cotidiano ofertando todos os seus afazeres a eles, onde as práticas ritualísticas ocorrem desde o acordar, até o entardecer estando presente em tudo que fazem (CAVAS; MENDES, 2017, p. 7).

Ou seja, o ato de benzer envolve a presença do misticismo e das crenças que há aqueles que nascem predestinados para realizarem essa ação de cuidado com a sociedade e o ato de escuta. As mulheres quilombolas, foram criadas sobre principalmente o olhar materno das mães, avós e outras mulheres que representam a força e a resistência da comunidade. Mas o que é o matriarcado e como podemos relacionar essa definição as mulheres benzedeiiras? Segundo Dias (2017, p. 37) o termo matriarcado tem sido utilizado a muitos anos para definir a sociedade que as mulheres têm o poder comandar o espaço ao qual pertencem, mas ao contrário do que outras formas de dominação apresentam, elas agem em todas as suas ações a favor do outro, auxiliando em desavenças na comunidade ou fazendo os cuidados com a comunidade. Assim, as benzedeiiras atuam em várias áreas da sociedade e promovem o bem para todos e assim resistem as tradições e costumes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas de benzimento, o uso de plantas como tratamento de doenças além de promoção do bem-estar, são elementos que fazem parte da sociedade brasileira, desde o período colonial, e que permanecem nos dias atuais, mesmo com os processos de secularização e de novas tecnologias, a sociedade ainda sente a necessidade de buscar reestabelecer a qualidade de vida através dos aspectos do sagrado e do transcendente.

Os períodos iniciais do Brasil colônia, não apresentavam na terra de Vera Cruz uma medicina avançada, muito menos a presença de medicamentos, onde restava o uso da fé e da natureza, como formas promotoras de curas para as mazelas que afligiam a população. Os povos originários já utilizavam de elementos sagrados para trazer a saúde de todos, além de desvendar os mistérios que perpassavam o mundo, onde as tradições eram passadas de geração em geração. Para realizar uma análise inicial de como se difundiu as práticas ritualísticas dos benzimentos no Brasil, o capítulo um versou sobre

Para aprofundar os sentidos das práticas ritualísticas promovidas pelos benzimentos, buscou-se delimitar temporalmente os elementos que seriam estudados, dando enfoque para o período colonial, republicano até chegar nos dias atuais, analisando as mulheres benzedeadas, principalmente do Estado de Goiás, tendo em vista que os estudos e pesquisas sobre religiosidade nessa região possuem poucas fontes sobre as benzedeadas, essas ficando por um longo período esquecidas da história, sendo necessário abranger o território goiano esse com diversidades de culturas e tradições, dando centralidade ao território Kalunga e as suas tradições religiosas, pretendendo compreender quem são as benzedeadas, como é gerado o dom e a vocação, e como o território pode ser compreendido para as benzedeadas, diferenciando as benzedeadas que convivem no ambiente urbano, daquelas que possuem seus laços com o quilombo.

Para realizar este objetivo da pesquisa, o capítulo um intitulado: saúde no período colonial: doenças e precariedades, versou sobre a saúde no período colonial brasileiro, onde foi possível analisar que havia uma precariedade e atraso na medicina brasileira, essa ainda seguindo metodologias como de Aristóteles, não estudando

anatomia humana, além da falta de universidades e da imprensa para elaboração de livros. Enquanto isso, a população mais pobre e os escravos, morriam frequentemente de doenças como sífilis, febre amarela, dentre outras, todas causadas devido a insalubridade das primeiras regiões coloniais. O processo de higienização, veio apenas com a chegada da família real portuguesa em 1808, surgindo universidades de medicina, além da preocupação com a saúde. Mas a medicina não era para todos, onde os menos favorecidos buscavam através da fé e do sagrado promoverem saúde e bem-estar, já que eram poucos os recursos. As curandeiras passavam por dificuldades, por muitas vezes serem confundidas com bruxas, mesmo assim a sociedade as buscava havendo até membros da alta corte que buscavam seus atendimentos e ajudas.

O capítulo dois: Benzedeadas, bruxas ou curandeiras? desmitificando o papel das benzedeadas no período colonial ao período republicano, abordou uma desmitificação da ideia de que as benzedeadas são bruxas, descrevendo as diferenças entre cada uma além de descrever quem são essas mulheres, o papel delas para a comunidade onde vivem, além de aprofundar sobre as suas práticas ritualísticas, através de orações e uso de plantas, percebendo que elas possuem um cuidado não somente para si, mas também o outro, sempre preparando o local onde realizam os rituais, além de realizar um ato de escuta atenta sobre o que a pessoa que será benzida está sentindo. As benzedeadas não realizam um ato de fé apenas nas práticas de benzimento, mas em todo o seu cotidiano, desde o simples momento de preparo dos alimentos até os cuidados com a casa, tudo está interligado com o sagrado e com a fé.

No capítulo três: Ser mulher quilombola: mulheres benzedeadas no quilombo Kalunga-go, apresentamos os principais aspectos sobre as benzedeadas Kalunga, suas identidades. Para isso, foram analisados o espaço do quilombo, ainda que não presencialmente, mas utilizando de teses e de textos que auxiliaram na compreensão do território quilombola e sobre suas práticas e crenças. Foi observado que as mulheres da comunidade Kalunga, possuem diferenças de outras benzedeadas, principalmente quando se trata do território, elas estão interligadas a ele, lutando pela permanência das tradições e costumes, além da permanência nas terras, essas sendo um local sagrado e de suas famílias, além dos aspectos da realização dos rituais esses estando também totalmente interligados ao lugar de onde nasceram e vivem. Apresentamos e procuramos aprofundar sobre o ato de benzer e suas diversidades

de espaços, focando nas benzedeadas Kalunga, e nas mulheres que realizam esse ato de fé que envolve hibridismos culturais e religiosos e que perpassa a sociedade brasileira desde o período colonial e se estendem até a atualidade. Para responder aos apontamentos feitos, utilizamos de elementos textuais que pudessem apresentar as tradições, os rituais, orações e como surgem o dom de realizar os benzimentos, sendo possível observar que esse dom pode ser adquirido de forma herdada por pais, mães e de outros membros familiares e que fazem parte do convívio social, ou podem ser de um dom específico, transmitido por uma divindade. O que se assemelha em ambos os aspectos tanto do quilombo como na cidade, é a fé, elemento principal para que tais ações de cura e de promover sejam idealizados.

Mesmo com a diversidade de pesquisas sobre as práticas religiosas populares, prevalecem vários tabus e preconceitos contra mulheres que realizam orações e demonstram suas crenças desvinculadas as igrejas ou que são silenciadas pela medicina tradicional que por muito tempo criou a ideia de que esses atos eram criminosos e que não traziam resultados, hoje verificando que ocorre maior aceitação por ambas as partes e uma introdução da medicina integrativa em várias comunidades e locais. As benzedeadas utilizam de elementos religiosos como terços, cruz, além de utilizarem elementos naturais que fazem parte de suas orações, muitas guardando em segredo as orações por serem fortes, transmitindo apenas para aqueles que possuem a fé e os dons

Por fim, após realizar uma análise sobre as benzedeadas de outras vertentes religiosas, percebeu-se que elas não estão presentes apenas no catolicismo ou no protestantismo, mas estão interligadas também as religiões de matriz africana, muitas utilizando de várias fés para realizar as práticas. Foi possível analisar também o quilombo, como um local de interação de culturas e de resistência, sendo não apenas um local de fuga, mas sendo um território de criação de memórias e de identidade. As mulheres da comunidade Kalunga, principal local de enfoque da pesquisa, cuidam do lar desde sua infância e geram contato com todos aqueles que fazem parte desse território, não sendo apenas atuantes na fé, mas também na atuação como militantes, lutando pela permanência na terra e das tradições

Esse trabalho teve como objetivo analisar quem são as benzedeadas, quais são os seus ofícios, como são adquiridos os dons e como a sociedade vem lidando com as práticas de bem-estar através do uso da fé e de plantas medicinais,

compreendendo o lugar do território cultural e social do quilombo e dos espaços de atuação dessas mulheres.

Um levantamento que pode ser feito depois dessas análises é que benzer é mais do que um simples ato de impor as mãos ou de fazer orações usando ramos, é um ato de vida e de entrega para uma vocação que pode perdurar para vida inteira, sendo um elemento de representatividade, fé e identidade cultural, que mesmo com as discriminações, prevalece na memória de todos. Quem nunca frequentou uma benzedeira em seus períodos de infância? Resgatar essa memória trás as raízes de uma sociedade sincrética e diversa, que vê nos atos de fé uma forma de driblar as dificuldades cotidianas e os sofrimentos trazidos devido as desigualdades e as pressões geradas pelo mundo globalizado.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. A. de. **Saberes e fazeres quilombolas da comunidade Kalunga do Prata Goiás**: as benzedeadas, seus benzimentos e suas contribuições para a educação do campo. *Facit Business and thecnology Journal* , v. 1, n. 2, p. 01- 29, 2017. Disponível em:

<<http://revistas.faculdefacit.edu.br/index.php/JNT/article/view/172> > Acesso em: 21. jun. 2022.

ALMEIDA, Maria Geralda(org.) et al. **O território e a comunidade Kalunga**: quilombos em diverssos olhares. Goiânia: UFG, 2015.329 p. Disponível em:

<https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/214/o/o_territorio_e_a_comunidade_kalunga.pdf > acesso em: 27. set. 2022.

AMORIM, Gisele Machado de. **O imaginário da paisagem sertaneja na praça Euclides da Cunha**. 2014. 135 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de

Desenvolvimento Urbano, Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014. Disponível em:

<<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/25276>>. Acesso em: 20 out. 2022.

ANAVITÓRIA, Amarelo, Azul e Branco in Cor. 2021(48:06min). Ana Caetano, Tó Brandileone/AnaVitória Artes, 10000 acessos.

APÓS Tá Certo. Intérpretes: Dominginhos. Música: Lamento Sertanejo. [S.L]: Universal Music Grupe, 1979. (349 min.), son., P&B. Disponível em:

<<https://youtu.be/eUAc2Lv50CE>> . Acesso em: 20 set. 2022.

AZEVEDO, Gilson Xavier; LEMOS, Carolina Teles. *As benzedeadas na tecitura da cultura, religião e medicina populares*. Goiânia: Editora Garcia. 2018.

AZEVEDO, Gilson Xavier de; LEMOS, Carolina Teles. “Benzei-os, meu Pai. Benzei-os”: as representações de cura de benzedeadas no meio urbano da cidade de Quirinópolis, go. **Rever - Revista de Estudos da Religião**, [S.L.], v. 20, n. 2, p. 363-375, 28 set. 2020. Pontifical Catholic University of Sao Paulo (PUC-SP).

<http://dx.doi.org/10.23925/1677-1222.2020vol20i2a23>. Disponível em:

<<https://revistas.pucsp.br/rever/article/view/50706> >. Acesso em: 13 maio 2022.

AZEVEDO, Gilson Xavier de. As benzedeadas e suas representações de religião e saúde no município de Quirinópolis, Goiás. In: XIX SIMPÓSIO DE BIOLOGIA, 19., 2019, Goiânia. **Anais do XIX Simpósio de Biologia**. Goiânia: Ueg, 2019. v. 16, p. 18-22. Disponível em: <<https://www.anais.ueg.br/index.php/simbio/article/view/426>> .

Acesso em: 13 maio 2022.

BANZO in **Novo Dicionário Banto do Brasil**. LOPES, Nei. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

BELTRÃO JÚNIOR, Hudson Roberto. **As práticas de benzimento em Parintins:** uma abordagem folkcomunicação. 2013. 69 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social, Departamento de Apoio A Pesquisa, Universidade Federal do Amazonas, Parintins, 2013. Disponível em:

<<https://riu.ufam.edu.br/bitstream/prefix/3379/2/Hudson%20Roberto%20Beltrão%20Júnior.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2022.

BEZERRA, Moisés de Jesus Prazeres dos Santos; VIDEIRA, Piedade Lino; CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão. “Se eu não fizer o bem, o mal não faço!”: o sagrado afroindígena vivenciado pelas benzedeadas do quilombo do cria-ú no estado do Amapá. **Rever - Revista de Estudos da Religião**, [S.L.], v. 20, n. 2, p. 123-137, 28 set. 2020. Disponível em:

<<https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/50688>> . Acesso em: 04 out. 2022.

BISPO, Wildes Dias. *A organização do espaço agrário em Goiás: povoamento e colonização do século XVIII ao XX.* **XIX Encontro nacional de geografia agrária.** São Paulo, 2009. Disponível em:

<https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/34463058/A_ORGANIZACAO_DO_ESPACO_AGRARIO_EM_GOIAS-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1653604291&Signature=Zhjsl14iRlqcYdbYJghnkyGK3tHGxrDHOUpzNd8OVla7nmR~flyfoQr1TZ-dw~FD7oCpDWCoTIMVNlcTFGbGkXMOSJ2YIK4q43Pfs2r~t3lnFejtvVHjZ1EVFLe0-xl9UncJdELxNUxXAX31nq~lw-dZt~q7uJyRu-RSD1bmYn6zcCZaxJ131Wa~NR5Mz9mU5DesYWIFaOAsMJuza~AOTntaKcFpqmYJIROT-GmoIN6L9Z7X00-9XKREeW6jYGDVSID0WhwTpnCpGMJXiFk7P0v-L2MDrV13CwBuw0CESuR3q5233Q5TgCqsvUHVgMGeJ2-CRjs0khiZ6diUnwEg_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA> Acesso em: 26 maio. 2022.

BLOCH, Marc. *Apologia da história: ou o ofício do historiador.* Rio de Janeiro, 2007: Editora Jorge Zahar. Disponível em:

<<https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/02/bloch-m-apologia-da-histc3b3ria.pdf>> Acesso em: 26 maio. 2022.

BRASIL, Constituição Federal, Art.68,1988. Disponível em:

<<https://cpisp.org.br/constituicao-federal-de-1988-artigo-68/>> Acesso em: 27. set. 2022.

BRASIL, Constituição federal, Art. 216, 1998. Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/constituicao_federal_art_216.pdf> Acesso em: 27. set. 2022.

BRISKIEVICZ, Michele, SAQUET, Marcos Aurélio. Territorialidade e identidade: um patrimônio no desenvolvimento territorial, s/d, s/l. disponível em :

<<https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/7437/5497>> Acesso em; 11. out. 2022.

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha:** uma metáfora da condição humana, f. 103. 1996. 206 p.

CAPEL, Heloisa. **Flores, comunidade negra**: povoamento e cultura agrária em Goiás. Goiânia : UCG, f. 59, 2006. 117 p.

CARDOSO , Matêus Ramos . O desencantamento do mundo segundo Max Weber . **Revista EDUC**, Duque de Caxias . 14 p, Jul/Dez 2014. Disponível em: <<https://uniesp.edu.br/sites/biblioteca/revistas/20170608150055.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2022.

CARRANZA, Brenda. Religião e espiritualidade: um olhar sociológico. In: AMATUZZI, Mauro Martins (org) **Psicologia e espiritualidade**. São Paulo: Paulos, 2005, p. 59-80

CARRIL, Lourdes de Fátima Bezerra. Quilombo, território e geografia. **Agrária (São Paulo. Online)**, São Paulo, n. 3, p. 156-171, 17 dez. 2005. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/agraria/article/view/92>> . Acesso em: 30 out. 2022.

CAVALCANTE, Joel Martins; CHAGAS, Waldeci Ferreira. As mulheres benzedeadas: entre o sagrado, a saúde e a política. **II seminário nacional de gênero e práticas culturais culturais, leituras e representações**. Disponível em: <<https://www.itaporanga.net/genero/gt1/3.pdf>> Acesso em: 23. ago. 2022

CAVALCANTE, Kellison Lima. Fundamento da Filosofia Ubuntu: afroperspectivas e o humanismo africano . **Revista Semiárido de Visu**, 2020, Pernambuco. Disponível em: <<https://semiaridodevisu11.ifsertaope.edu.br/index.php/rsdv/article/view/52/148>> acesso em: 11. out. 2022.

CAVAS, Claudio São Thiago; MENDES, Dulce Santoro. Benzedeadas e benzedeados quilombolas- construindo identidades culturais. **Interações**, Campo Grande, v. 19, n. 1, p. 3-14, 16 fev. 2018 Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/inter/a/DzBLbtsXYmTr5qZ3YGvTCGr/?lang=pt>> Acesso em: 30. ago. 2022

CHAUL, Nasr Fayad. A identidade cultural do Goiano. **Ciência e Cultura**, [S.L.], v. 63, n. 3, p. 42-43, jul. 2011. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.21800/s0009-67252011000300016>. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252011000300016> . Acesso em: 26 maio 2022.

COMIN, Fábio Scorsolini, MARIN, Raquel Cornélio. Desfazendo o mau-olhado: Magia saúde e desenvolvimento no ofício das benzedeadas. **Psicologia: ciência e profissão** , [S. L], v.37, n. 2, p. 446-460, jun. 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/bKCy6WKB3fb3TbZwWPK7DZw/?lang=pt&format=html>> Acesso em: 17. out. 2022

CROATTO, José Severino. As linguagens da experiência religiosa: uma introdução a fenomenologia da religião. 3.ed. São Paulo: Editora Paulinas, 2010.

CULTURA, in: Dicionário de conceitos históricos, São Paulo: Editora Contexto, 2009. Disponível em: <<https://efabiopablo.files.wordpress.com/2013/04/diccionc3a1rio-de-conceitos-histc3b3ricos.pdf>> Acesso em: 07. set.2022.

CUNHA, Celina Gontijo. **A prática da benzedeira**: memória e tradição oral em terras mineiras. 2018. 169 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018.

Disponível em:

<https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/10284/1/DISSERTAÇÃO_PráticaBenzedeiraMemória.pdf> Acesso em: 27 set. 2022.

DIAS, Weberson Ferreira, OLIVEIRA, Maria de Fátima. Revisitando a historiografia sobre festas religiosas na região do antigo Norte de Goiás. **Revista Mosaico**, PUC Goiás, v.11, 2018, Goiânia. Disponível em:

<<http://revistas.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/5997/3495>> Acesso em: 27. set. 2022.

DIAS, Valquíria Fernandes. **Saberes e fazeres quilombolas da comunidade Kalunga Prata**: as benzedeadas, seus benzimentos e suas contribuições para a educação de campo. 2016. 63 f. TCC (Doutorado) - Curso de Educação de Campo, Universidade Federal de Brasília, Planaltina, 2016. Disponível em:

<https://bdm.unb.br/bitstream/10483/13171/1/2016_ValquíriaFernandesDias.pdf> Acesso em: 27 set. 2022.

ECCO, Clóvis (Org) *et al.* **Religião, saúde e terapias integrativas**. Goiânia: Espaço Acadêmico , v. 2, 2016. 206 p.

ECCO, Clóvis(Org) *et al.* **Religião, saúde e terapias integrativas**. Goiânia: Espaço Acadêmico , v. 1, 2016. 206 p.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Tradução Rogério Fernandes . São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ENCICLOPÉDIA BARSÁ UNIVERSAL. 8.ed. Rio de Janeiro: Encyclopædia Britannica Editores Ltda. 1976.

FARINHA, Allyne Chaveiro. A benzedeira “Renovada”: Uma análise das práticas de benzimento em Anápolis” 2012. Disponível em:

<https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/01_-_A_benedeira_renovada.pdf> Acesso em: 13 set. 2022.

FARINHA, Allyne Chaveiro. As transformações da prática de benzimento em Anápolis 1979-2004, Tese (mestrado história) - Programa de pós-graduação em história-Universidade Federal de Goiás- Goiânia, 2012. Disponível em:

<https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/ALLYNE_CHAVEIRO_FARINHA.pdf> Acesso em: 13. set. 2022.

FARINHA, Allyne Chaveiro; SILVA, Maria da Conceição. Benzedeadas renomadas: A influência do movimento carismático na atividade das mulheres benzedeadas (1973-2002), **VIII Seminário de Pós-graduação da UFG -MESTRADO 2011**. Disponível em:

<http://www.sbpcnet.org.br/livro/63ra/conpeex/mestrado/trabalhos-mestrado/mestrado-allyne-chaveiro.pdf>. Acesso em; 23 ago. 2022

FARINHA, Allyne Chaveiro. **A benzedeira “Renovada”: Uma análise das práticas de benzimento em Anápolis”** 2012. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/01_-_A_benzedeira_renovada.pdf Acesso em : 23 ago. 2022.

FARINHA, Allyne Chaveiro; SILVA, Maria da Conceição. As benzedeiros e a renovação carismática católica. O surgimento da benzedeira renovada. **Revista brasileira de história das religiões. ANPUH**. Ano v, n. 13, p. 01-19, maio 2012. ISSN: 1983-2850. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/30253/15849> > Acesso em: 23. ago. 2022.

FAUSTO, Boris . **História concisa do Brasil** . 2 ed. São Paulo : USP, f. 204, 2012. 324 p.

FERRETI, Sérgio. Sincretismo e hibridismo na cultura popular. **Repocs**: Revista Pós Ciências Sociais, Mato Grosso, v. 11, n. 21, p. 15-34, 25 set. 2014. Disponível em: <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/2867/2686>> Acesso em: 24 set. 2022.

FILHO MAGALHAES, Fernando Silva, FERREIRA, Lara Cristina Gomes. patrimônio cultural e as disputas territoriais: o caso da comunidade do cedro frente ao agronegócio, em mineiros – goiás. **XXI Encontro Nacional de Geografia Agraria**. Disponível em: http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/anais_enga_2012/eixos/1237_1.pdf>. Acesso em: 20 out. 2022.

GANGLIETTI, Mauro; BARBOSA, Marcia Helena Saldanha. A questão da hibridação cultural em Nestor García Canclini. In: VIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUL, 8., , Passo Fundo-Rs. **A questão da hibridação cultural em Nestor García Canclini**. Passo Fundo-Rs: Intercom, 2007. p. 1-11. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2007/resumos/r0585-1.pdf> > Acesso em: 20 set. 2022

GARCIA, Gilberto Gonçalves; OLIVEIRA, Irene Dias de. *Trilhas do sagrado*: tópicos sobre fé, devoção, magia e tradição oral. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

GERALDO, Vandrê, Ladainha in Hora de Lutar. 1965, 29:44min. Continental.

GODINHO, Tereza Martins. O lugar da mulher no quilombo Kalunga, Tese(Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/3940/1/Tereza%20Martins%20Godinho.pdf> Acesso em: 04. out. 2022.

HOORNAET, Eduardo . **O que há por trás da religiosidade popular?** Textos de Eduardo Hoornaet. Disponível em: <http://eduardohoornaert.blogspot.com>. Acesso em: 20 out. 2022.

ILUMINISMO in Dicionário de Filosofia. ABBAGNANNO, Nicola. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Disponível em:

<[file:///C:/Users/vetel/Downloads/Dicion%C3%A1rio%20de%20Filosofia%20\(Nicola%20Abbagnano\)%20\(z-lib.org\)%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/vetel/Downloads/Dicion%C3%A1rio%20de%20Filosofia%20(Nicola%20Abbagnano)%20(z-lib.org)%20(1).pdf)> Acesso em: 08. Jun. 2022

ILUMINISMO in Dicionário de Política. BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola;

PASQUINO, Gianfranco. Brasília: Editora Universidade de Brasília. Disponível em:

<[file:///C:/Users/vetel/Downloads/Dicion%C3%A1rio%20de%20Pol%C3%ADtica%20\(Norberto%20Bobbio,%20Nicola%20Matteuci%20etc.\)%20\(z-lib.org\).pdf](file:///C:/Users/vetel/Downloads/Dicion%C3%A1rio%20de%20Pol%C3%ADtica%20(Norberto%20Bobbio,%20Nicola%20Matteuci%20etc.)%20(z-lib.org).pdf)> Acesso em: 09. Jun. 2022.

LEITE, Bruno Martins Boto. Boticas, boticários e cultura farmacêutica nos estabelecimentos da Companhia de Jesus no estado do Brasil . **Museu Paraense Emilio Goeldin** , Belém , v. 17. 32 p, 2022. Disponível

em: <<https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/h9y4T6sxXQLcDsKQmRMBPMs/>>. Acesso em: 21 fev. 2022.

LEMONS OLIVEIRA, José Vitor. Charlatões e curandeiros em Joinville: tensões e conflitos relatados pela imprensa no início do século XX. **Revista Labirinto**, ano XVI, vol. 24, número 01, jan-jun. 2016, Universidade Federal de Rondônia.

Disponível em: <<file:///C:/Users/vetel/Downloads/veronica,+Texto-JoséLemos-OK.pdf>> Acesso em: 07. set. 2022.

MACHADO, Cauê Fraga. Agenciamento da benzedura: o sistema de cura no quilombo de Casca. **ACENO**, V.3 N. 6 , 2016. Disponível em:

<<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/4255>> Acesso em: 10.out. 2022.

MARIN, Raquel Cornélio; COMIN, Fábio Scorsoline. **Desfazendo o “Mau-olhado”: Magia, saúde e desenvolvimento no ofício das Benzedeadas**, Scielo, 2017.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414989320170.00446&script=sci_arttext&lng=pt> Acesso em: 10 out. 2022

MARTINS, José de Souza. O senso comum e a vida cotidiana. **Tempo Social**, [S.L.], v. 10, n. 1, p. 01-08, maio 1998. FapUNIFESP (SciELO).

<http://dx.doi.org/10.1590/s0103-20701998000100001>. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ts/a/Nqwc7ZBzTyrrXHnHhKmLzZL/abstract/?lang=pt>>

Acesso em: 14 dez. 2022.

MARQUES, Gabriela Porto. O cuidar feminino: saberes e fazeres tradicionais de benzedeadas quilombolas de Mostardas-RS. Tese(Faculdade de Ciências Econômicas)- Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural,

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em:

<<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/212672>> Acesso em: 04. out. 2022.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Nalfy, 2003. 311 p.

MENDES, Dulce Santoro; CAVAS, Claudio São Thiago. Benzedeadas e benzedeiros quilombolas – construindo identidades culturais. **Interações (Campo Grande)**,

Campo Grande, v. 19, n. 1, p. 3-14, 16 fev. 2018. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/inter/a/DzBLbtsXYmTr5qZ3YGvTCGr/abstract/?lang=pt>>
Acesso em: 29 out. 2022.

MOREIRA, Celuta dos Santos Rosa et al. Rezas e benzedeadas: contribuições dos saberes tradicionais Kalunga para a educação de campo . **FACIT BUSINESS AND TECHNOLOGY JOURNAL**, 2018, v.1. disponível em:
<<http://revistas.faculadefacit.edu.br/index.php/JNT/article/view/281/279>> . Acesso em 19. out. 2022.

NOGUEIRA, Leo Carrer, Versonito, Suelen Malheiro, TRISTÃO, Bruno das Dores. O dom de benzer a sobrevivência dos rituais de benzeção nas sociedades urbanas o caso do município de Mara Rosa, Goiás. **Elisse**. V.1, 2012. UEG. Disponível em: <<https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/1290>> acesso em: 20. set. 2022.

OTTO, Rudolf. O sagrado: Os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. Petrópolis: Editora Vozes. 2007.

PAULA, Oliveira do Nascimento, A. 2021. Disputas entre medicinas: prática e ensino médico e as artes de curar no Brasil e nas Amazônias no século XIX. **Das Amazônias**. 4, 1 (jun. 2021), 12–25. DOI:<https://doi.org/10.29327/268903.4.1-3>. Disponível em: < <https://revistas.ufac.br/index.php/amazonicas/article/view/4870>> Acesso em: 07.set. 2022.

PEIXOTO, Maria Cristina Leite. Religião, secularização e modernidade. **Mediação**, Belo Horizonte, v. 14, n. 15, p. 112-128, julho. /dez. 2012. Disponível em: <<http://revista.fumec.br/index.php/mediacao/article/view/1246>> Acesso em: 30. ago. 2022.

PINTO, Anderson Nunes; FALCÃO, Eliane Brígida Moraes. Religiosidade no contexto médico: entre a receptividade e o silêncio. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 38, p. 39-46, out. 2022. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/rbem/a/V4d4r55BtR8PRRsxkfkksD/?format=pdf&lang=pt>>
Acesso em: 16 dez. 2013.

RETRATOS de Fé: Benzedeadas Tradição e Diversidade. Direção de Alfredo Alves. Produção de Breno Nogueira, Frederico Nogueira. São Paulo: Luciana Gomide, 2016. Documentário, color. Disponível em: <<https://youtu.be/yK1oBGE7msA>> Acesso em: 20 out. 2022.

ROSA, Luana dos Santos. Rezas e benzimentos na visão de jovens da comunidade Kalunga do Engenho II. Curso de Licenciatura em Educação de Campo- Faculdade UNB Planaltina. Planaltina-DF, 2016. Disponível em:
<https://bdm.unb.br/bitstream/10483/13154/1/2016_LuanadosSantosRosa.pdf>
Acesso em: 18. out. 2022.

SANTOS, Luene Gonçalves dos. **A inserção das benzedeadas no meio popular (Pires do Rio e Palmelo)**, 2016, Tese (mestrado)- Curso de História, Pontifícia

Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2016. Disponível em:
<https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC_GO_034f0b9fe62e86834d96250ea5c6cfbd>
Acesso em: 23. ago. 2022.

SANTOS JÚNIOR, Dilmás Catai. Colonizar o inferno, ocupar o purgatório: feitiçaria, práticas mágicas e religiosidade no Brasil colonial (século XVIII). Tese (Mestrado história) -Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia. Salvador-BA, 2015. Disponível em:
<https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/10_colonizar_o_inferno_ocupar_o_purgatorio_feiticaria_praticas_magicas_e_religiosidade_no_brasil_colonial_seculo_xviii.pdf> Acesso em: 07. Set. 2022.

SILVA, Grasiela dos Santos da. As benzedeadas na promoção da saúde da criança no município de Padre Bernardo-GO. (TCC-Bacharel saúde coletiva) Brasília, 2014. Disponível em:<<https://bdm.unb.br/handle/10483/8787>> Acesso em: 20. set. 2022.

SILVA, Daiana dos Santos. **Um olhar afrocentrado sobre as mulheres Kalunga do Vão das Almas -Cavalcante GO**. 2017. 82 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação de Campo, Universidade Federal de Brasília, Planaltina-DF 2017. Disponível em: <<https://bdm.unb.br/handle/10483/19590>> Acesso em: 12 out. 2022.

SILVA JÚNIOR, Fernando Alves da. O mito da Matinta Perera de Taperaçu Campo e o conceito de dádiva: aproximando-se de um conceito antropológico. **Amazônica revista de antropologia**. V. 6, N.2, 2014. DOI:
<http://dx.doi.org/10.18542/amazonica.v6i2.1878>, Universidade Federal do Pará, Bragança-PA. Disponível em:< [O MITO DA MATINTA PERERA DE TAPERAÇU CAMPO E O CONCEITO DE DÁDIVA: APROXIMANDO-SE DE UM CONCEITO ANTROPOLÓGICO | Silva Júnior | Amazônica - Revista de Antropologia \(ufpa.br\)](http://www.ufpa.br/revistas/revista-de-antropologia/ver-publicacao/10483/19590)>
Acesso em: 20 set. 2022

SOUZA, Rosineide fi, et al. Rezas e benzedeadas: contribuições dos saberes tradicionais Kalunga para a educação do campo,2018. Disponível em:
<<http://revistas.faculadefacit.edu.br/index.php/JNT/article/view/281/279>> Acesso em: 20. set. 2022.

SOUZA, Diogo Rodrigues; RODRIGUES, Elaine Cristina Araújo Medeiros de Souza. Plantas medicinais: indicação de raizeiros para o tratamento de feridas. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, [S.L.], v. 29, n. 2, p. 197-203, 30 jun. 2016. Disponível em: <<https://ojs.unifor.br/RBPS/article/view/4390>>. Acesso em: 09 set. 2022.

SOUZA, Diego Rodriguez, RODRIGUES, Eliane Cristina Araújo Medeiros de Souza. Plantas medicinais: indicação de raizeiros para tratamento de feridas
SETÚBAL , José Luiz . **Do que morrem as crianças no Brasil**. Instituto Pensi. 2022. Disponível em: <<https://institutopensi.org.br/do-que-morrem-as-criancas-no-brasil-2/>> . Acesso em: 2 out. 2022.

SILVA SOUZA, Virginia Goudinho de. Último capítulo de uma história: feitiçaria e curandeirismo no Grão-Pará do século XVIII.

SINCRETISMO in Dicionário de ciência da religião. USARSKY, Frank; TEIXEIRA, Alfredo; PASSOS, João Décio. São Paulo: Paulinas; Loyola; Paulus. 2022.

SOUZA, de Wanessa. O imaginário europeu, as visões sobre o “Novo mundo” e suas gentes. S/P. [XXI].

SOUZA, D. R., & RODRIGUES, E.C.A.M. de S. 2016. Plantas medicinais: indicação de raizeiros para o tratamento de feridas. **Revista Brasileira em Promoção Da Saúde**, 29(2), 197-203: <https://doi.org/10.5020/18061230.2016.p197>. Disponível em: < <https://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/4390>> Acesso em: 07. set. 2022.

TULLIO, Theresa. **O Livro das Rezas**: Manual Da Benzedeira, f. 80. 2014. 160 p. Disponível em: <<https://fenab.com.br/wp-content/uploads/2020/01/O-Livro-das-Rezas-Manual-da-Benzedeira-Theresa-Tullio.pdf>> . Acesso em: 20 out. 2022.

TODAS as vidas . Escritas org. Disponível em: <<https://www.escritas.org/pt/t/12073/todas-as-vidas>> . Acesso em: 25 ago. 2022.

VASCONCELOS, F. A. de. FILOSOFIA UBUNTU. **Logeion: Filosofia da Informação**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 100–112, 2017. DOI: 10.21728/logcion.2017v3n2.p100-112. Disponível em: <<https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/3841>> Acesso em: 21. jun. 2022.